Seu trabalho te dá prazer?
CONHEÇA A REAL DOS EXPEDIENTES
DA NIKE (EUA), MORMAII (SC), CASA DE
CINEMA (RS), METRÔ (SP), ALMAP BBDO,
IML E DA OFICINA DO SEU BALTAZAR
TRIP
Trip Girl
CRIS NORONHA, 22
DEUSA EXISTE
DOSSIÊ ARTHUR VERÍSSIMO:
UM DETETIVE REVELA
A FÓRMULA SECRETA DO
NOSSO REPÓRTER FURÃO
Páginas Negras
O INCANSÁVEL
EDUARDO COUTINHO:
CINCO DOCUMENTÁRIOS
DEPOIS DOS 65 ANOS
NUMERO 138 R$ 8,90
ISSN 1414-350X
138

Claro

Claro

idéias
Se você ainda
não ficou famoso,
sua chance chegou.
Mande sua música
para a Claro. Todo mês,
as 10 melhores músicas
vão virar toque de
celular e poderão ser
baixadas de graça por
qualquer cliente Claro.
E tem mais: a melhor de
cada semestre ganha a
produção de um clipe
com exibição na MTV.
Acesse
www.claroideias.com.br
e veja como participar.
Claro Idéias. Claro que você tem mais.
Para participar, a banda deverá pr encher a ficha de inscrição no site do Cla ias e encaminhar com o mate l listado no regulamento para o endereço especificado no mesmo.
Veja o regulamento no site www.claroideias.com.br. Serviço gratuito exclus ara clientes Claro, sendo o tr ego de dados tarifado. Consulte a disponibilidade do serviço na sua
região, tarifas e a compatibilidade com a tecnologia e o modelo do seu ce demais informações no site www.claroideias.com.br ou no Atendimento Claro - 0800 0363636.

TRIP À PROVA

HISTÓRIA COITADA

Um espectro ronda a Internet; um spam contra o desarmamento. O e-mail, que vem lotando caixas de mensagens, se utiliza de fatos históricos para sustentar sua argumentação. A pedido da *Trip* o professor de História da USP, Lincoln Secco, leu o tal texto e corrigiu alguns absurdos. Reproduzimos abaixo trechos do artigo do professor:

"Invocar a História para corroborar interesses políticos de ocasião é moeda comum nesses debates. O e-mail em questão sustenta, por exemplo, que 'em 1935 a China desarmou a população ordeira. De 1948 a 1952, 20 milhões de dissidentes políticos, impossibilitados de se defenderem, foram caçados e exterminados'. Ora, a China em 1935 não tinha sequer um governo unificado. Havia territórios sob domínio japonês e áreas nacionalistas e comunistas em plena guerra civil. Entre 1945 e 1949 o país viveu sua terceira guerra civil desde 1924. Entre 1949 e 1952 houve execuções de prisioneiros julgados como contrarevolucionários não porque estivessem desarmados. Em muitos casos, exatamente porque estavam armados contra o novo regime ou porque apoiassem quem estava. Isso não justifica nem desaprova as execuções, é evidente. Enfim, nesse debate sobre o desarmamento a História pode se tornar ela mesma uma arma. Convenhamos, não é a melhor forma de usá-la."

MULHERES QUE DIZEM SIM

O poder é das mulheres. O voto de Minerva no Referendo do Desarmamento no dia 23 desse mês é delas. Segundo o Tribunal Regional Eleitoral, o voto feminino no Brasil significa 52% do eleitorado. Tendo consciência do peso de sua participação, um grupo de ativistas do Rio de Janeiro se reuniu e criou o Comitê Feminino pelo Desarmamento. Um dos objetivos das Mulheres que Dizem Sim (slogan do grupo) é direcionar sua campanha contra os argumentos machistas que afastam delas a discussão sobre o desarmamento.

A maioria dos mortos por armas de fogo são, sim, homens. Mas a perda é sofrida por mães, filhas ou esposas. Jéssica Galeria, uma das coordenadoras da campanha, afirma também: "quase a metade dos homicídios de mulheres é cometido por armas de fogo, e a presença da arma é um fator de risco importante em situações de violência doméstica".

As reuniões semanais do grupo foram intensificadas com manifestações. A primeira delas ocorreu no dia 23 de setembro. O comitê conta ainda com a participação de entidades como o Conselho Nacional de Direitos da Mulher e a União de Mulheres Brasileiras. Jéssica ressalta a importância do trabalho de propaganda no projeto: "é importante atingir o maior número de mulheres, para isso contamos com o apoio de pessoas conhecidas do público como Rita Lee, Malu Mader e Fernanda Montenegro". A decisão é delas.

DE BALAS

O BRASIL VAI DECIDIR NO PRÓXIMO DIA 23 SE A VENDA DE ARMAS DE FOGO E MUNIÇÕES NO PAÍS SERÁ PROIBIDA OU NÃO. NO MÊS PASSADO A *TRIP* SAIU NA FRENTE, PREPAROU 16 PÁGINAS SOBRE O TEMA E DEIXOU CLARA SUA POSIÇÃO: SIM, SOMOS FAVORÁVEIS AO DESARMAMENTO. SEGUIMOS FIRMES E PUBLICAMOS, AGORA, TRÊS NOVAS NOTÍCIAS SOBRE O TEMA

REPORTAGEM **FELIPE LIMA** FOTO **FERNANDO LASZLO**

EQUAÇÃO DA UNESCO

A prova de que uma população desarmada é menos perigosa para si mesma veio na forma do relatório Vidas Poupadas, divulgado no mês passado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O documento apontou uma redução de 8,2% no número de mortes por arma de fogo no Brasil. Em 2003, 39325 pessoas perderam a vida por conta de tiros. No ano passado, o número de mortos por esse motivo caiu para 36119. Mais: analisando isoladamente os dados coletados em alguns estados como São Paulo, Mato Grosso, Sergipe e Paraíba, a queda superou os 30%.

É a primeira vez em 13 anos que o número de mortes relacionadas a armas de fogo cai – tradicionalmente, o país apresentava crescimento anual de 7,2% nesse quesito. De acordo com a Unesco, os principais responsáveis pela redução foram o Estatuto do Desarmamento (aprovado em dezembro de 2003) e a campanha de doação voluntária de armas.

Esses índices todos só comprovam que o desarmamento tem efeitos diretos na queda do número de homicídios. No dia 23, portanto, o SIM só vai contribuir para que essa boa notícia fique melhor a cada ano.

Leia o relatório na íntegra em: www.desarme.org/publique/media/vidas_poupadas.pdf

O carro mais querido do país
está bem diferente.
Principalmente dos outros.
GOL

1.8
SÃO PAULO
B·1234

Quem já achava o Gol perfeito vai se apaixonar ainda
mais pelo Gol Geração 4. O design ficou mais arrojado
e o interior foi totalmente repensado. Mas não mexemos em
tudo: a resistência e a potência continuam as mesmas que, há 25
anos, conquistam a confiança do Brasil todo. Pode apostar, o Gol
Geração 4 também vai ganhar um lugar na sua garagem e no seu coração.
Porque o carro que sempre fez parte da sua vida não apenas mudou. Evoluiu.
Novo Gol Geração 4.
O Gol da sua vida.
Gol

Editor Paulo Lima cartas@trip.com.br
Oirator Suparintendente Carlos Sarli sarli@trip.com.br
Oiretor de Negócios Marcos de Moraes mmoraes@trip.com.br
Oiretores da Planejamanto a Gestão Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona
Oiretor Editoriel Fernando Luna fluna@trip.com.br
Oiretor Fienenceiro Fábio Sude suda@trip.com.br

REOAÇÃO redacao@trip.com.br
Oiretor de Redação Giulieno Cedroni
Redetor-chefe Cassiano Elek Machado cassiano@trip.com.br
Subeditor Thiago Lotufo thiago@trip.com.br
Repórter Excepcionel Arthur Verissimo agav@sti.com.br
Reportegem Bruno Torturra Nogueira bruno@trip.com.br
Emilio Fraia emilio@trip.com.br
Assistente de Redação Filipe Luna filipe@trip.com.br
Estagiários Nataly Cabanas nataly@trip.com.br
Felipe Lima felipe@trip.com.br

ARTE erte@trip.com.br
Oiretora de Arte Elizabeth Slamek elizabeth@trip.com.br
Chefe de Arte Elohim Barros elohim@trip.com.br
Oesigner Eliene Testone eliene@trip.com.br
Estegiários Eduardo Gayotto duda@trip.com.br
Pedro Kanji pedro@trip.com.br

COLUNISTAS
Carlos Nader carlos_nader@hotmail.com
J. R. Duran studio@jrduran.com.br
Henrique Goldman hgoldman@trip.com.br
Luiz Alberto Mendes lmendes@trip.com.br
Ricardo Guimarães rguimaraes@trip.com.br

PROOUÇÃO
Coordeneção Gerel Kika Paulon kikapp@trip.com.br
Produção Editoriel Thais Rabay thaisr@trip.com.br
Estegiéries Cecília Bellard cecilia@trip.com.br
Flávia Tonolli flavia@trip.com.br

PROOUÇÃO GRÁFICA
Walmir S. Graciano walmir@trip.com.br
Monica Yamamoto monica@trip.com.br
Leticia Ueoka leticia@trip.com.br

MARKETING / PUBLICIOAOE
Gerente Daniela Basile danielab@trip.com.br
Supervisor Gustavo Giglio guga@trip.com.br
Estagiária Fabiana Cardozo fabiana@trip.com.br

MÍOIAS ELETRÔNICAS web@trip.com.br
Coordeneção e Oesign Eva Uviedo eva@trip.com.br
Editor Eduardo Fernandes eduf@trip.com.br
Repórter Bruna Bittencourt bruna@trip.com.br
Estagiárles Clarissa Vassimon clarissa@trip.com.br
Luisa Bittencourt luisa@trip.com.br
Chefe de Arte Ivan Obara ivanobara@trip.com.br
Assistante de Arte Victor Mikalonis victorone@trip.com.br
Produção Site Juliana Hirschmann julianah@trip.com.br
Produção Rádio Alexandre Potascheff alepotas@trip.com.br

FOTO STAFF
Aaron Chang
Shoiti Hori (para sempre)

REVISÃO
Daniela Lime
Fabiana Biscaro

COLABORARAM NESTA EOIÇÃO
TEXTO Alexandre Youssef, André Conti, Beth Slamek, Bruna Bittencourt, Bruno Bacchi, Carlos Cintra, Daniel Galera, Daniel Salles, Henrique Fruet, Inácio Araujo, João Carlos Magalhães, Marçal Aquino, Robert Eriksson, Ronaldo Lemos, Zeca Camargo

FOTOS Ado Henrichs, Alexandre Cappi, Alexandre Oliveira, Anselmo Venansi (Cachorrão), Carol Quintanilha, Christopher Michot/KPWT, Fábio Knoll, Fernando Laszlo, João Gunal, Manfred Dorner, Marcelo Naddeo, Marcinho David Gomes, Marcio Scavone, Marcos Finotti, Nina Jacobi, Pedro Arruda, Rogério Ferrari

ILUSTRAÇÃO
Allan Sieber, Caco Galhardo, Cristine Leone, Diogo Saito, Eduardo Gayotto, Glauco Villas Boas, Juliana Russo, Marina Abon Ali Magnani, Titi Freak

PESQUISA OE IMAGENS imagem@trip.com.br
Coordenador Aldrin Ferraz aldrin@trip.com.br
Assistente Telma Rodrigues telma@trip.com.br

OEPARTAMENTO COMERCIAL
Oiretor Comerciat Rogério Rocha rogerio@trip.com.br
Gerente Comerciel Antonio Bonfá Junior (11) 3898-8235 toto@trip.com.br
Executivos de Contes Camila Folhas camilafolhas@trip.com.br
César Bergamo cesar@trip.com.br
Executive de Contes On-line Silmara Vinha silmera@trip.com.br (11) 3898-8226
Assistente Comercial Carolina Serra carolserra@trip.com.br
Gabriela Chakur gabriela@trip.com.br
Representante Rio de Janeiro Sólida Conceitual (Márcia Alvaredo) (21) 2491-1350
Representante Sul Ado Henrichs (51) 3325-0328
Representante Paraná Luis César Pimentel (43) 3343-2262
Representante Brasilia Alaor Machado (61) 3223-7005
Representante Minas Gerais Gustavo Ziller (31) 3227-2245/ (31) 3223-8000/(31) 7811-1160

PROJETOS ESPECIAIS E EVENTOS
Oiretora Ane Peule Wehbe (11) 3898-8239 anapaulaw@trip.com.br
Arte Ricardo M. Quero Luque queroluque@trip.com.br

OEPARTAMENTO AOMINISTRATIVO / FINANCEIRO
Gerente Rodrigo Lutfi
Analista Financeiro Juliana von Krüger Toledo
Racursos Humanos e Administrativos Bettina Ranoya bettina@trip.com.br
Estagiária RH Juliana Albuquerque Gross jugross@trip.com.br
Representante Juridico Lucas Hernandez lucas@trip.com.br
Aneliste de Circuleção Carle Arakaki cerla@trip.com.br
Aneliste Finenceiro Ricardo Braga
Assistente Finenceiro Vanesse Merçel
Estegiérios Administretivo / Finenceiro
Bruno Satriani salriani@trip.com.br
Bruno Mesquita mesquita@trip.com.br
Rodrigo Yukio yukio@trip.com.br
Manutenção e Expedição Nivaldo Ferreira Alves nivas@trip.com.br
Assistente de Serviços Externos Jailton Gomes da Silva
Recepção Luciana Milanelli e Mariana Camargo

OISTRIBUIÇÃO Em todo território nacional Fernando Chinaglie S/A, rua Teodoro Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ). Em Portugal, pela Agepress&Publishers

NÚMEROS ATRASAOOS Peça ao seu jornaleiro ou ligue para o tel. (11) 3081-4511. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista *Trip*, publicação mensal da TRIP EDITORA E PROPAGANDA S/A (ISSN 1414 350X). Nós vendemos espaço, mas não vendemos opiniões.

NOSSA CAIXA POSTAL, TELEFONE E E-MAIL
Caixa Postal: 11485-5, CEP: 05422-970, São Paulo, SP, PABX: (11) 3898-8200, e-mail: trip@trip.com.br

ASSINATURAS
Supervisora de Assinetures Jéssice De Silva jessicanet@trip.com.br
Assistente de Oepertemento Jéssica Penazzolo jessica@trip.com.br

Centrel de Atendimento eo Assinente:
Tel.: (11) 3038-1480, de 2ª e 6ª, das 9h ès 20h
trip@taletargat.com.br

ATENOIMENTO TRIP EOITORA: (11) 3898-8200
BANCAS Carla Arakaki

VISITE NOSSA COZINHA
www.trip.com.br
Impressão PAOILLA
Prá-impressão ARIZONA
Filiedo eo

A revista *Trip* é impressa em papéis Couche Image Art, fabricados pela Ripasa S/A Celulose e Papel, em harmonia com o meio ambiente.

***Trip*, o papel da educação**

No alto, e perfeição de Cris Noronhe capturede pelo retretiste Mercio Scevone. Acime, Mercello Serpa e seu duro batente em Mentawaii, no clique de Marcinho Oevid Gomes

Elogios, críticas. Não importa. Na última edição *Trip* recebeu um número de cartas recorde em seus 19 anos, motivo mais que nobre para comemorar. Quebre essa cifra mandando suas idéias para cartas@trip.com.br ou caixa postal 11485-5, cep 05422-970, São Paulo - SP.
"Nossa" comunidade no Orkut: http://www.orkut.com/community.aspx?cmm=73966

MAURÍCIO NAHAS

GAN

Excelente edição 137 da revista *Trip*! Entrevista direta com o Rubinho; ainda nos trouxe de volta a lembrança da grande jogadora Isabel pelos sorrisos de Carol e Maria Clara; e o artigo corajoso de desmistificar o "mito" Moby. Valeu!
Ferreirinha, por e-mail

Caro Paulo Lima,
Mais uma vez a *Trip* me surpreende. Por tudo. Por muito. A capa com Jana é maravilhosa, mas como não falar do "tiro"? Sim, a *Trip* faz jornalismo de primeira! Abraços,
Emerson P. Bom, por e-mail

Gostaria de perguntar para o Xico Sá se ele não tirou nem uma casquinha da Duda? Hehehe. Agora é sério, parabéns pelo trabalho de vocês! Venho acompanhando a revista e tenho gostado muito das matérias, das abordagens e tudo mais! Abraços a todos!
Sílvio Schuenck, por e-mail

Sensacional essa edição com a idéia do furo de bala percorrendo várias páginas. Ao folhear a revista e ver a bala interagindo com anúncios, matérias, na testa do Rubinho (nada contra o cara), mostra que realmente estamos mais próximos da violência do que imaginamos e queremos. Muita ousadia editorial de vocês, parabéns. Ah, demais saber que agora o Allan Sieber faz parte de casa.
Cassiano Basaglia, por e-mail

RAULGATE
No dia 12 de agosto p.p. a revista *Trip* publicou fotos minhas e uma entrevista. Verifiquei que algumas declarações minhas foram alteradas ou usadas fora de contexto. Porém o mais importante e constrangedor, o que mais me chateou está na capa, onde consta que eu declarei que os fãs do meu pai são chatos. Escrevo essa mensagem por achar que devo uma satisfação a vocês, fãs. Em nenhum momento generalizei isso. Como poderia generalizar que todas as pessoas que amam tanto o meu pai, seu trabalho, sua obra e que tanto tempo e carinho dedicam a ele são chatos?
Na matéria pode-se ler que o que eu falei foi bem diferente. Aconteceu quando eu fui me apresentar em Porto Alegre em um Tributo a Raul Seixas, onde fui vaiada por não tocar músicas do meu pai e por não ter meu som compreendido por esse público. Foi só neste que reclamei que alguns fãs são chatos, por não entenderem que toco música eletrônica e realmente não tenho a pretensão de ser uma nova Raul Seixas, bem como não pretendo viver na sombra do meu pai. Espero que vocês compreendam e saibam que eu adoro os fãs do RAUL, que estou sempre disposta a recebê-los na minha comunidade no Orkut "Fãs de Raul Seixas", onde com prazer discutirei assuntos relacionados ao meu/nosso Maluco Beleza!!!
DJ Vivi Seixas

Cara Vivian Seixas,
*Atendendo ao seu pedido, publicamos sua carta com prazer. Nos 19 anos de **Trip** aprendemos que é comum acontecer dos entrevistados se arrependerem de terem dito certos depoimentos durante as entrevistas. É normal. No entanto, é preciso esclarecer também que não houve alteração de declaração, como mostra o trecho a seguir gravado durante sua entrevista: "Quando fui visitar o túmulo do meu pai eu bati um papo com ele. Falei: 'Seus fãs são muito chatos'. Falei mesmo." Torcemos pelo seu trabalho e pela legião de fãs do seu pai, assim como pelo bom jornalismo.*
A Redação

MERGULHE DE CABEÇA NESSA AVENTURA.

ESTRÉIA 11 DE NOVEMBRO NOS CINEMAS

FERNANDO LASZLO

ARMAS NÃO!
Gostaria de elogiar a reportagem sobre o desarmamento. A coragem em abordar o tema de maneira tão aprofundada me admirou, principalmente por mostrar jovens que convivem diariamente com armas, seja em Moema, seja no Jardim Ângela. Abraço,
Mariana Bastos de Oliveira, por e-mail

Salve tripulantes. Estou com medo, sério. O referendo sobre a comercialização de armas de fogo está aí e pouco vejo a mídia explorar o assunto. Com exceção da ***Trip*** e de outros poucos meios de comunicação, a maioria dos veículos de imprensa não comenta o assunto. Como eterno otimista creio que as pessoas tomarão consciência da importância do desarmamento para o país. Abraço,
Felipe Santos, por e-mail

Transcrevo uma frase da coluna do Luiz Mendes que, para mim, resume e encerra toda a discussão sobre o desarmamento: "O poder de vida e morte que a arma nos dá está além de nossa capacidade de lidar com ele". Entre todos os excelentes artigos que compõem a edição 137 creio ser este o mais contundente. Ao ler o artigo em voz alta para minha esposa me emocionei, chorei e, melhor, mudei de idéia. Continuem provocando, transgredindo, emocionando.
Cláudio Righetti, por e-mail

Como assinante da ***Trip*** fico feliz por esta revista tomar uma posição firme a favor da vida e da paz no Brasil. Parabéns e, num futuro próximo, "ADEUS ÀS ARMAS". Atenciosamente,
Murilo Cavalcanti, por e-mail

Simplesmente fantástica a idéia da bala na capa da ***Trip*** de setembro, mas será que não dava pra ser num cantinho? Eu quero ler TODAS as reportagens, mas faltam palavras...
Carol S., Orkut

ARMAS SIM!
O tema é polêmico. ***Trip*** não deixará seus jovens leitores terem uma opinião própria, já deu o veredicto final e antecipou a estrada pela qual o texto iria trilhar. Tomou partido numa polêmica questão que não se resolverá, qualquer que seja o resultado. ***Trip*** tem uma opinião ou um interesse?
Jorge Brasileiro Silva, por e-mail

Nós vivemos num país de merda, e depender do nosso governo é o pior de tudo. Em vez da proibição das armas, deveríamos ter uma reforma política radical.
Paulo, por e-mail

Caros Jorge e Paulo,
*O tema do desarmamento é realmente polêmico. E complexo. Nós mesmos passamos meses estudando-o antes de imprimir uma opinião na capa. Não se trata de maniqueísmo ou interesse, muito pelo contrário, trata-se de transparência. O fato de um veículo de comunicação não defender seu candidato durante o período de eleições, por exemplo, não quer dizer que ele não tenha um. Muitas vezes a opinião vem numa embalagem de pretensa imparcialidade. Na imprensa inglesa ou na norte-americana, duas das mais prestigiosas do globo, os veículos costumam tomar posição publicamente. O fato de defendermos o desarmamento não esgota o assunto. Continuaremos trabalhando pela boa discussão e reflexão sobre assuntos relevantes para a sociedade moderna. E contamos com vocês, que estão ou não ao lado da **Trip** nessa tão controversa questão do desarmamento. Abs,*
Giuliano Cedroni, Diretor de Redação

FOI MAL: Na edição passada esquecemos de colocar a marca TACO, e sua agência Script, na lista de apoiadores da campanha da ***Trip*** pelo fim da venda de armas de fogo e munições no país. Assim como muitos parceiros da casa, eles também foram furados pela bala perdida que atravessou a revista. Agradecemos a coragem e voto de confiança.

script

Trabalho é prazer

Quando começamos a pesquisa que acabou nos inspirando a pretensiosa idéia de enunciar os 11 tópicos que você revê abaixo, a sensação foi de ter encontrado, depois de duas décadas de estudos para nossa suada graduação, um novo e caudaloso rio de conhecimento que, apesar de ter origem na mesma nascente, apresentava outra profundidade e se mostrava infinitamente mais sinuoso e complexo.

Como se sabe, vamos dedicar 11 edições da *Trip* para tratar de todos eles, um a um, de forma a explorar ao menos algumas das portas, entre as centenas que se abrem a cada olhar que lançamos, não importa sobre qual dos 11.

Na edição que você tem em mãos, escolhemos como inspiração um dos temas que nos é especialmente caro, uma vez que, de forma instintiva inicialmente e, depois, formalmente, compõe desde sempre a base sobre a qual a *Trip* foi fundada.

Desde o início, sempre nos pareceu muito clara a noção de que a atividade à qual nos dedicaremos ao longo da vida com energia, esforço e obstinação só fará absoluto sentido, só nos realizará de fato como agentes da construção e da modificação do mundo, se estiver de verdade alinhada com aquilo que carregamos no coração. Podem chamar de vocação, de prazer, de realização, ou mesmo de diversão. O fato é que, de um gari a um cientista nuclear, qualquer indivíduo a quem seja dada a benção de desenvolver a atividade pela qual é apaixonado verá ser gerada em torno de si uma espiral positiva que cuidará de produzir uma espécie de campo magnético de coisas boas, atraindo a mais pura, palpável e visível felicidade. Em estado bruto.

Hoje, é importante que se diga, conciliar trabalho com prazer deixou de ser apenas uma ferramenta para a busca da felicidade, mas se tornou também condição fundamental para obter êxito, num cenário no qual a competitividade atinge índices assustadores e o único diferencial fundamental que nos fará superar não só aos concorrentes, mas às nossas próprias limitações, é amar aquilo que fazemos.

Fundamental ainda lembrar que a nem todos é dado esse privilégio. Num país em que o desemprego é uma realidade que gela e endurece o cotidiano de milhões, é claro que nem sempre é possível ter um trabalho de que realmente gostemos. Apesar disso, quase sempre é possível colocar amor e prazer no trabalho que temos.

É nessa noção, a de que o trabalho só cumpre absolutamente sua função de dignificar quando é capaz de trazer à tona o melhor extrato de cada um de nós, que nos inspiramos para elaborar a edição que você acaba de abrir. E, você vai ver, fizemos cada uma das páginas como temos procurado fazer todas as que editamos nesses quase 20 anos. Com muita dedicação e seriedade, sem abrir mão da leveza e da alegria. Por um único motivo: adoramos nosso trabalho.

Paulo Anis Lima
editor

CAROL QUINTA

SEREMOS MAIS FELIZES CONFORME...

1 Formos capazes de conhecer e compreender a interdependência entre os órgãos que compõem nosso corpo físico, bem como nossa mente e nosso espírito, dedicando tempo para conectá-los e mantê-los saudáveis

2 A qualidade e a quantidade do nosso sono, a forma como descansamos e a forma como despertamos.

3 Possamos ter abrigo com conforto, espaço e dignidade em doses razoáveis, acesso à riqueza material, de forma que se possa viver o mais longe possível do horror e da miséria e o mais próximo possível da alegria da generosidade.

4 Possamos ter acesso à educação, instrução e treinamento, de modo a expandir nosso próprio potencial de maneira mais ampla possível, para que se possa viver melhor e compartilhar os benefícios dessa existência mais iluminada com os outros.

5 Possamos conhecer, entender, respeitar e apreciar outras formas de pensamento, modelos de vida, culturas, filosofias, raças, opiniões, cores, expressões artísticas, físicas e culturais de modo a compartilhar valores e somar vivências

6 Possamos nos sentir seguros, acolhidos e protegidos na família, na comunidade e na sociedade em que vivemos.

7 Possamos vivenciar e compartilhar um ambiente natural limpo, com ar, água, luz, espaço, sons e imagens que possam garantir bem-estar e saúde, preservando e garantindo a sustentabilidade futura desse ambiente (você no centro)

8 Possamos expressar nossa própria criatividade, idéias e opiniões de forma livre, sendo respeitados em nossas crenças e éticas e respeitando as demais

9 Tivermos a possibilidade de desenvolver um trabalho que gere prazer para si e para o outro. E, quando não for possível, encontrarmos prazer para si e para o outro no trabalho que se tem para desenvolver.

10 A quantidade e qualidade de tempo dedicado à produção, preparação e fruição dos alimentos. A qualidade dos próprios alimentos e a capacidade de eliminar o que deles não pudermos aproveitar.

11 A quantidade e qualidade de tempo dedicado ao espírito, à mente, à alma, ao que está da epiderme para dentro e aos relacionamentos humanos que nos são mais caros e especiais.

YAMAHA NEO AUTOMÁTICA TUDO NEO.

Neo no farol.

Neo no apoio e na proteção para os pés.

Neo no porta-capacete.

Neo no marcador de combustível.

Neo no freio a disco.

Neo nas rodas de liga leve.

www.yamaha-motor.com.br

(:)fam

Páginas Negras 26

Reportagem

Perfil

Gonzo

Trip Girl 92

ellusjeansdeluxe
TEXTIL
CANATIBA
JEANSWEAR

a bunda para os conservadores.

MOVIDOS PELA PAIXÃO.
Faça um test-drive.

FALA
EU
ESCUTO
DIVULGAÇÃO

QUE TE

AOS 72 ANOS, EDUARDO COUTINHO É O MAIS IMPORTANTE DIRETOR DE DOCUMENTÁRIOS DO PAÍS. EM FILMES COMO *EDIFÍCIO MASTER* E *CABRA MARCADO PARA MORRER*, ELE SE DEDICA A UMA ARTE EM EXTINÇÃO: ESCUTAR OS OUTROS. O LANÇAMENTO DE SEU NOVO LONGA-METRAGEM, *O FIM E O PRINCÍPIO*, PARECIA A OCASIÃO CERTA PARA UMA ENTREVISTA, A NÃO SER POR UM DETALHE. COUTINHO GOSTA DE OUVIR, NÃO DE FALAR

POR **FERNANDO LUNA**

Coutinho numa caminhada pelos Alpes, em 1960, no final de uma temporada estudando cinema na França; de volta à Europa, agora num café parisiense em pleno 1968, com um amigo

Talvez a única pessoa que não considere Eduardo Coutinho o mais importante diretor de documentários do país seja ele mesmo – o que já diz muito sobre esse "paulista auto-exilado no Rio". Mais até do que ele provavelmente gostaria de revelar. Ao contrário de seus personagens, que tagarelam sobre amor, morte, desejo, família, medo, religião e dinheiro como se estivessem diante de um espelho e não de uma câmera, Coutinho mantém sua vida privada longe do público. Para alguém que escolheu filmar o outro, falar de si é quase um despudor. Chega a ser um esforço físico.

No início da entrevista, a voz se recusa a sair, as palavras são mastigadas e engolidas. O único som escutado sem esforço é o da tosse insistente, cultivada em mais de 45 anos de uma dedicação ao cigarro que nem a bronquite foi capaz de interromper. Seu corpo fica recostado na cadeira, já um pouco inclinada para trás, o mais longe possível do gravador. Como você vai ler daqui a pouco, não demora muito para Coutinho embalar na conversa e frisar, agora numa fala ligeira, que foi bem ali, no Cecip, o Centro de Criação de Imagem Popular, que as coisas recomeçaram para ele.

Antes disso, é preciso contar como foi o começo. No início dos anos 60, Coutinho volta de uma temporada estudando cinema na França. Passa da teoria à prática no Centro Popular de Cultura, da União Nacional dos Estudantes. Com a UNE-Volante, roda o país atrás de imagens dos bolsões de pobreza. Mais para realismo socialista que Cinema Novo, o maior mérito da produção foi levar Coutinho ao lugar certo, na hora certa: o sertão da Paraíba, duas semanas após o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira. Ninguém sabia, mas era o início de *Cabra Marcado para Morrer*.

E, quase ao mesmo tempo, foi também o fim. Mal começam, as gravações são interrompidas pelo golpe de 64. O projeto de transformar a saga de João Pedro num longa-metragem, com a viúva Elizabeth Teixeira interpretando a si mesma, fica suspenso por 17 anos. Durante boa parte desse período, Coutinho trabalha no *Globo Repórter*, dirigindo alguns programas memoráveis como *Theodorico, Imperador do Sertão*, em 1978. Nada, porém, que o fizesse esquecer do *Cabra*. O filme afinal é retomado três anos depois. Não como ficção, mas como documentário, o mais extraordinário já realizado no país.

NO AUGE

Dessa vez, a idéia é voltar aos locais de filmagem, no interior da Paraíba e de Pernambuco, e reencontrar o elenco original, em especial Elizabeth e seus 11 filhos. Sem escorregar no melodrama ou na panfletagem, Coutinho mostra o impacto de quase duas décadas de ditadura militar naquela família. A partir de histórias da vida privada, narra a História na primeira pessoa do singular. O *Cabra* é premiado no Brasil, Portugal, França, Itália, Alemanha e Cuba. Mesmo assim, Coutinho passa outros 15 anos quase sem chegar aos cinemas – *O Fio da Memória*, de 1991, mal chega a ser distribuído.

É aqui que voltamos ao Cecip. Essa organização não-governamental, criada para fazer filmes educativos para comunidades carentes, vários deles dirigidos pelo próprio Coutinho nessa segunda entressafra, produz *Santo Forte*, com apoio da RioFilme. Em 1999, esse documentário sobre religiosidade, rodado na favela Vila Parque da Cidade, no Rio, chega aos cinemas. Era o tal recomeço, agora sem interrupções. Nos anos seguintes, Coutinho lançaria *Babilônia 2000*, *Edifício Master* – onde morou, no início dos anos 60 – e *Peões*. Todos já pela VideoFilmes, a produtora dos irmãos João e Walter Salles.

Aos 72 anos, Coutinho segue no auge. Com estréia marcada para novembro, *O Fim e o Princípio*, que o leitor vai conhecer melhor nesta entrevista, é um de seus grandes filmes. Como sempre, o diretor escancara o processo de filmagem e se deixa flagrar em várias cenas. Essas aparições são o máximo de exposição que Eduardo Coutinho gostaria de ter, além de sua recorrente declaração genealógica: casado há 35 anos com a pernambucana Maria das Dores, pai de Pedro e Daniel, avô de Maria Eduarda. Fora isso, ameaça se fechar num humor peculiar que chega a ser folclórico, e não parece durar muito. "É meio ceninha, mesmo", concede. Gravando...

"FILMO EM LUGARES TERRÍVEIS, MAS EVITO TRATAR OS PERSONAGENS COMO COITADINHOS. OU COMO HERÓIS. A DISTÂNCIA JUSTA É NEM OLHAR DE BAIXO PRA CIMA, NEM DE CIMA PRA BAIXO"

DIVULGAÇÃO

Elizabeth Teixeira, protagonista de *Cabra Marcado para Morrer*: "Ela foi recuperada simbolicamente como pessoa, e eu ressuscitei como cineasta"

Boa tarde... Sacrifício...

Qual é o sacrifício, Coutinho? Falar. Não gosto de dar entrevista... Quer uma água? Você vai gravar?

Já estou gravando. Você prefere ouvir que falar? Evidente, né? Por isso eu filmo.

Se todo mundo fosse assim, você não teria feito nenhum filme. Exatamente, se não tenho a palavra, não tenho filme. Se as pessoas não falam, e não falam bem, com firmeza, não tenho filme... Quando vou num debate, respondo as perguntas relevantes, até porque sei que as pessoas estão interessadas. Se for uma pergunta imbecil, não tem muito o que dizer.

Você faz perguntas imbecis quando filma? Toda hora. Algumas elimino, são só um ruído. Outras, não. Neste último filme, um personagem diz que não vai estar vivo dali a um ano. Eu tinha que dizer alguma coisa, aí falei: "Precisa ter fé". O cara, que já tinha dito antes que havia rezado muito mas nunca tinha sido atendido, retruca: "Fé?!". Isso me desmoraliza, mas deixei no filme. Não por masoquismo, é que faz parte da relação de filmagem.

Em *Edifício Master* você aparece desconcertado quando um cara pede um emprego para você, no meio da entrevista. Não sabia o que dizer, gaguejei. Ele me desarmou inteiramente, e a todo momento isso pode acontecer. Não tenho problema em mostrar essas coisas, ainda que me desautorizem como diretor... Tem documentários em que não se ouve a voz que pergunta. Ora, as pessoas que falam sozinhas estão no hospício. Ali é uma conversa, um improviso absoluto.

E como você lida com o improviso na vida? Na vida, lido mal com tudo *[risos]*. Aliás, não falo da minha vida pessoal. Pra encerrar esse assunto, bota que sou casado com uma pernambucana, tenho dois filhos e uma neta. Põe minha neta, senão ela fica triste. Na vida lido com culpa, como a maioria das pessoas. Os filmes, filmo sem culpa. Filmo em lugares terríveis, mas evito tratar os personagens como coitadinhos. Ou como heróis. A distância justa é nem olhar de baixo pra cima, nem de cima pra baixo... Minha filmagem vive do acaso. Claro, faço escolhas e consulto minha equipe, sempre mais otimista que eu. Em geral, sou pessimista... Às vezes, na hora da filmagem a pessoa me conta uma história dez vezes melhor do que tinha contado antes, na pesquisa.

Por quê? É mais ou menos a frase do Didi, "treino é treino, jogo é jogo". Claro, não é sempre assim. Teve um personagem que na pesquisa disse que era gay, e na filmagem falou que não queria tocar no assunto, porque tinha namorada. Aquele que canta Frank Sinatra, no *Edifício Master*, na pesquisa revelou que se naturalizou americano e lutou no Vietnã. Depois pediu que não se tocasse no assunto, porque a guerra ficou maldita e tal. Aqui estou falando porque ele está muito velho, num asilo, então acho que não faço mal contando isso agora.

Você mantém contato com personagens dos seus filmes? Em geral, não. Isso é uma visão romântica. Filmo mundos que não são os meus: um lixão, morro Dona Marta, a favela Chapéu Mangueira, São Bernardo do Campo... São distantes geograficamente ou socialmente. Nunca mantive uma relação a longo prazo, salvo o caso da Elizabeth *[Teixeira, protagonista de* Cabra Marcado para Morrer*]*.

O que aconteceu com a Elizabeth? Com o *Cabra*, Elizabeth foi recuperada simbolicamente como pessoa, e eu ressuscitei como cineasta. Foi totalmente excepcional. Primeiro tive contato com ela em 1963, na preparação do filme. Depois, gravamos um mês e pouco, até sermos obrigados a parar pelo golpe de 64. Daí, fiquei 17 anos sem vê-la. Quando voltei a filmar, em 81, ela passou a ser o personagem-chave.

Ela está viva? Está com 78 anos. Telefono todo Natal, pergunto

dos filhos dela, ela pergunta dos meus. Quando estou na Paraíba, vou vê-la. Aí ela fala mais de política, das coisas do mundo. Se bem que hoje menos, está mais velha. Quanto aos outros personagens, não reencontro porque não volto ao local do crime *[risos]*. Não tem sentido voltar. As pessoas são tão mais ricas no meu filme do que no real. O documentário não é o real, a rotina é insuportável.

Por que as pessoas aceitam falar de si mesmas em um filme? Um cara chamado Pierre Bourdieu, sociólogo, fala que a necessidade essencial do ser humano é se justificar diante do mundo. E o mundo são os outros, ninguém se legitima sem os outros. O inferno são os outros, sem o outro você não existe, você não é reconhecido. Quando fala para os outros, a pessoa sente que tem nesse momento a possibilidade de se justificar. E a forma de se expressar é sempre única, singular. A pessoa quer ser reconhecida como singular.

O latifundiário que protagoniza um *Globo Repórter* que você dirigiu, *Theodorico, Imperador do Sertão*, explica que vai dar o depoimento porque "a gente gosta de atenção, de agrado".

forçar nada. Tem documentário, como o do Marcel Ophuls entrevistando ex-nazistas, que precisa criar armadilhas *[para fazer os personagens falarem]*... Quero filmar pessoas que vão ter prazer em falar comigo, e eu em falar com elas. Não faço armadilha, odeio.

Armadilhas como se mostrar simpático a uma pessoa e depois fazer um filme contra ela? Isso é canalhice... Conheço uma fraude extraordinária. Um cineasta polonês veio ao Brasil fazer um documentário, com a tese de que os bicheiros eram a essência do Carnaval. Ele dizia às pessoas o que elas deveriam falar! Contratou uma atriz polonesa para se passar por alguém que ficou surda por conta de um foguete que estourou perto do seu ouvido, e graças a um bicheiro teria aprendido a língua dos surdos-mudos. E ela narra o filme, com legendas... Canalhice.

Já tinha lido você contando essa história. É por isso que você não entrevista pessoas famosas, que falam muito com a mídia e têm um discurso pronto? As pessoas que não são conhecidas têm pouco a perder. São mais desprotegidas, minha

"FUI PRESO POR UMA HORA, MAS FOI COMO TRÊS ANOS. NÃO FUI TORTURADO, MAS TIVE PESADELOS COM ESSA PRISÃO DURANTE ANOS"

[Interrompe] Gosta de agrado, essa é a palavra importante. "Agrado" tem a ver com o coronelismo, com dar uma cesta básica. Ele foi o único cara da classe dominante que filmei, isso na época da Copa do Mundo de 78. Era conhecido como malandro, estelionatário e o cacete, mas um benfeitor. Essa é a tragédia brasileira... Era o cara que tratava bem seus escravos. Fiquei três dias na casa dele e acordava no meio da noite com insônia: "Tô na casa do senhor de escravos!".

Como você faz para não julgar seus personagens? É aquela velha história: tentar saber as razões do outro, não as minhas. Quando é um cara pobre, um excluído, é muito mais fácil. Nunca filmei pedófilo, nunca filmei quem matou dez; não conseguiria. No caso do Theodorico, tem o problema da empatia. Ele é um cara monstruoso, mas não excepcionalmente monstruoso, então pude me relacionar com ele. E é claro que eu sabia que, sem polemizar, ele me diria mais. Adorava quando ele falava que o homem pode ter dez mulheres porque o touro tem dez vacas, ou que a vida na roça é extraordinária, bem ao lado de uma família miserável...

É dar corda pro cara se enforcar? Não, ele não se enforcou. Talvez tenha ganho mais prestígio; as coisas, naquela época... Dou corda para que ele diga o que pensa, sem censura. Sem

responsabilidade com elas é muito maior. No outro extremo está o ídolo total, o Roberto Carlos, sei lá. Esses jamais vão dizer alguma coisa interessante, eles querem ser ídolos de todos, ser um denominador comum. Então, não vão me dizer nada interessante, entende?

Você tem ou já teve vontade de ser ídolo? Não tenho ilusões. Tirando exceções como Michael Moore, documentário foi, é e será marginal. As pessoas vão ao cinema para sonhar, e a ficção facilita isso com uma história inventada, com atores. Por isso *Carandiru* tem 4 milhões de espectadores e *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, 30 mil. Isso não quer dizer que eu aceite o gueto. Adoraria que as televisões financiassem e passassem *[documentários]*. Acho ótimo ser reconhecido, e, quando o prêmio é em dinheiro, melhor ainda. Sei que nesse campo marginal tenho prestígio, desde *Santo Forte [lançado em 1999]* meus filmes vão pros cinemas.

Foram cinco filmes depois dos 65 anos, uma idade em que a maioria das pessoas pensa em parar. Tô com 72 anos, tinha 65 na época em que fui fazer *Santo Forte*. Havia 15 anos que não lançava um filme no cinema. Tava morto, numa crise pessoal absoluta: "Minha vida tá perdida, não tenho mais o que fazer, meus filhos estão criados". Fui procurar a Rio-

Filme, o *[então diretor José Carlos]* Avellar. Tava de porre nesse dia, pra falar tinha que estar um pouco de porre. Aí contei que queria fazer um filme sobre religião, numa favela, todo baseado na palavra. Só teria o *Cabra*, um único filme na minha vida, se tivesse morrido sem fazer *Santo Forte*... *[Bate três vezes na madeira.]*

Você é supersticioso? Sou mágico... materialista e mágico.

Como assim, mágico? Mágico é uma pessoa que acredita em coisas, e ao mesmo tempo passa embaixo de escada. Não tenho superstições desse tipo. Mas recorro a todos os santos se houver algum problema, todos, do imperador do Japão a Nossa Senhora de Guadalupe *[risos]*. Acendo velas pro avião não cair, pra ficar vivo, pra fazer um filme. No terceiro dia de filmagem de *Santo Forte*, a câmera quebrou. Fiquei apavorado! Fui à Igreja de Nossa Senhora do Rosário *[no centro do Rio]* acender três velas. É uma igreja com muito axé; tem católico, espírita, candomblé.

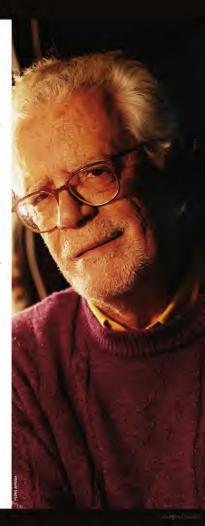
Qual é sua formação? Tenho educação católica. Não fiz *Santo Forte* como ateu, ateu é o cara que tem certeza. Não tenho certeza de nada, mas vou gravar os caras com o maior respeito. Tem cara que vai filmar que a religião é o ópio do povo. Então a utopia é o ópio dos intelectuais! Teve muita gente séria que foi perdendo os "paraísos": União Soviética, Cuba, China e terminou na Albânia... Prefiro acreditar que existe outro mundo, inferno e o caralho, do que acreditar na Albânia.

Você foi do Partido Comunista, não? Por cinco meses... Entrei em novembro e cinco meses depois deram o golpe *[militar, de 1964]*. Mais uma razão para ser chamado de pé-frio *[risos]*! Entrei no Partido, fechou o Partido; fiz o roteiro de um filme chamado *A Falecida* que foi um desastre financeiro; o *Cabra* se arrebentou...

As filmagens de *Cabra* foram interrompidas pelo golpe. Como foi esse dia? Esse troço é maluco. Filmamos até as 3 da madrugada, e às 10 da manhã chegam e contam que o *[então governador de Pernambuco Miguel]* Arraes está preso, que houve o golpe. Porra, pegamos o equipamento e fomos para uma cidade ali *[no interior de Pernambuco]*. Dormimos lá uma noite, e na tarde seguinte vieram os soldados.

Chegou a ser preso? Por uma hora, mas foi como três anos. Não fui torturado, mas tive pesadelos com essa prisão durante anos. Imagina quem foi torturado... Como sempre, tinha um policial que era o grosso, com uma faca na mão, e outro naquela de "como o senhor foi se meter nisso?". Me levaram para ser interrogado na Secretaria de Segurança de Recife. Esperei meia hora, nervoso, indo mijar de três em três minutos. Já estava pensando em quem podia ou não entregar: "Minha mãe posso, ela não é comunista então não tem problema; também posso entregar quem já morreu...". Como eu estava fazendo um filme por uma entidade legal *[a UNE, União Nacional dos Estudantes]*, me soltaram.

PEDRO ARRUDA

FOTOS DIVULGAÇÃO

"AS PESSOAS QUE NÃO SÃO CONHECIDAS SÃO MAIS DESPROTEGIDAS, MINHA

Para onde você foi? Raspei a barba, que era coisa de comunista, e voltei pro Rio. Sou paulista auto-exilado. Me mudei pro Rio em 61, não tinha mais nada a ver com São Paulo.

Por quê? No Rio, eu tava liberado. Tinha 70 parentes em São Paulo, uma família gigantesca! No Rio vim fazer uma nova vida, e tinha trabalho pago. O Leon Hirszman me convidou para ser gerente de produção de *Cinco Vezes Favela*. O primeiro lugar que conheci foi a favela do Borel, não se via um revólver lá. Era uma cidade mais agradável que hoje.

Você já foi assaltado? Com violência, não. Ando tão fudido, que ninguém acha que tenho dinheiro *[risos]*. Uma vez um cara me roubou um dinheiro do bolso, já tive carteira batida. Mas eu ando de táxi, e de táxi ninguém te assalta no Rio.

Só o taxista. Rouba, mas não assalta... Não dirijo, não uso computador, não tenho celular.

Resistência à tecnologia? Sou um cara de pouca coordenação motora, um dinossauro. Minha máquina de escrever é uma Olivetti dos anos 50, uma merda, a fita tá ruim e não sei trocar... Dependo da boa vontade das pessoas, é horrível. Se tiver celular, vou perder. Perco tudo. Guarda-chuva vão três por semana. Meu filho me mostrou a Internet, mas o troço demorava, e eu queria fumar...

Quando você começou a fumar? Aos 26 anos, por isso estou vivo. Se tivesse começado com 15... Hoje fumo menos da metade do cigarro e não trago mais. Se tragar, minha garganta não agüenta. Fumar é uma coisa que faz parte da minha vida, odeio quando querem me fazer sentir culpado por isso. A nicotina, o gesto, a fumaça... Tanto que fumar à noite é detestável, o bom é ver a fumaça. Mas os problemas estão aparecendo...

Que problemas? Bronquite. E catarata, estou para operar. Não me preocupo em ficar numa cadeira de rodas, mas cego é difícil... A visão é o órgão essencial para mim, quando entrevisto uma pessoa tenho que olhar para ela. Para ver televisão já está pior.

Você assiste TV? Assisto, sem muito interesse. Minha mulher vê, aí às vezes acompanho.

Tem visto os depoimentos nas CPIs? Vi só alguns trechos, porque tenho que trabalhar. É uma tragédia. Tem de tudo, os débeis mentais, os caras que querem brilhar... É o contrário do que eu faço, é o exibicionismo, a mentira como tática. É uma novela, uma novela política. É tão triste, nem quero falar sobre isso *[silêncio]*.

Vamos encerrar por hoje, Coutinho? Amanhã a gente vê seu filme novo e conversa mais. *[Desconfiado]* Já tem umas 20 coisas que falei aí...

No dia seguinte, a sessão de O Fim e o Princípio *estava*

RESPONSABILIDADE COM ELAS É MUITO MAIOR"

Personagens de *Santo Forte, Babilônia 2000, Edifício Master* e *Peões*: "Me interessam pessoas pequenas, que fazem coisas pequenas. Napoleão não me interessa"

marcada para 10 da manhã, horário ingrato para quem, como Coutinho, costuma se deitar às 6 da manhã. Ainda assim, ele chega pontualmente ao cinema na praia de Botafogo, Rio. Antes da projeção, pede aos cerca de 15 amigos e colegas de trabalho uma atenção especial às falas. Imagina que a dicção ruim e a idade avançadíssima de alguns personagens podem exigir legendas. "Vocês são cobaias... Sejam bons cristãos e obrigado pelo sacrifício", encerra, em seu melhor estilo, antes de se enfiar na primeira fila do cinema quase vazio.

Na abertura, sua voz em off *explica o princípio de* O Fim...: *realizar um filme sem pesquisa, tema ou lugar em especial, em apenas quatro semanas. Se não der certo, será um documentário sobre essa busca. Um autor à procura de seus personagens. E ele os encontra no povoado de Sítio Araçás, interior da Paraíba, onde vivem 86 famílias. Entre elas, a de Rosa, agente da Pastoral e agora guia de um universo escondido em casebres. Lá dentro, Coutinho descobre dona Mariquinha, uns 90 anos, que dá ao menos um bom motivo para a opção do filme pelos idosos: "Véio gosta de prosa".*

E gosta mesmo. Os 27 personagens desfiam histórias prosaicas e nunca banais. Uma frase ou um gesto podem dar conta de uma existência. Estão lá as mãos de Leocádio protegendo seu rosto da câmera, o cabelo muito arrumado de Antônia, a fala truncada de Zequinha, subitamente clara para declamar seu soneto premiado. Ou ainda Nato, em sua sala mais ajeitada, com sofá e mesa de centro, defendendo que "aquela história de herdar, de receber pronto, é muito ruim" – e fazendo rir na platéia o produtor do filme e cineasta João Moreira Salles, um dos herdeiros do Unibanco.

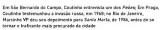
As cenas se acumulam sem pressa nem melancolia, ainda que a morte seja tema de muitas conversas. O filme é seco e caloroso como o sertão. Depois de 110 minutos, fica o retrato do encontro, nem sempre tranqüilo, de dois mundos. Um Brasil mítico, vivo em cada diálogo, e um outro país que começa, presumido no carro de som anunciando um comício ou nas referências à televisão. Agora é hora de parar e deixar que Coutinho fale do filme. Afinal, diz o velho Zé de Souza lá pelas tantas, "o cabra que diz tudo que sabe fica besta". Logo depois do almoço, a entrevista continuaria na VideoFilmes, ali perto, na Glória.

O filme precisa de legendas? Esse é meu dilema há três meses, as opiniões divergem. Tem um que diz pra legendar só uma parte, outro que diz pra legendar tudo... Antes de lançar, vou fazer uma cópia sem nenhuma legenda, outra legendando algumas falas de cinco personagens mais complicados. Aí decido.

A palavra é fundamental nos seus filmes... É central, até porque não tenho efeitos especiais, imagens espetaculares... São atos verbais. As pessoas se expressam pela fala e pelos gestos. Seria arrogância querer que o público seguisse um personagem sem compreender o que ele fala. Por outro lado, se você só legenda uma frase, parece que está destacando aquilo. Você teve dificuldade de entender?

DIVULGAÇÃO

Em São Bernardo do Campo, Coutinho entrevista um dos *Peões*; Em Praga, Coutinho testemunhou a invasão russa, em 1968; no Rio de Janeiro, Marcinho VP deu seu depoimento para *Santa Marta*, de 1986, antes de se tornar o traficante mais procurado da cidade

"SÓ ME INTERESSA O QUE NÃO CONHEÇO, NÃO QUERO FAZER UM FILME SOBRE CINEASTAS IDOSOS. NÃO FAÇO FILMES SOBRE A ELITE PORQUE NÃO GOSTO DE FAZER FILME CONTRA. GOSTO DE FILME A FAVOR"

Tive. Frases, coisas assim? *[Preocupado]* Aí é grave, aí é grave... É inevitável deixar de entender uma ou outra palavra. E o som tá bem captado: o problema é a dicção, a prosódia, o vocabulário, eles são velhos, falta dente. Tem duas mulheres de 94 anos, mais uma de 95. A parteira tem 80, o Assis também. Jovem, lá, tem aquele de 59 anos, o vigário de 55. O resto é de 70 pra cima. Enfim, é um filme com velhos.

Por que essa opção? Foi meio sem querer. Queria fazer um filme sem roteiro, sem pesquisa, no sertão da Paraíba, um Estado pequeno. No sertão se fala bem, eles lá têm uma eloqüência, uma precisão... Não é Academia Brasileira de Letras: são analfabetos há 300 anos, e, como o único meio de comunicação é a fala, são narradores extraordinários... No tipo de documentário que faço, o acaso é mais artista que você.

É arriscado... Você já voltou sem filme? Já saí com filmes ruins. Fiz um totalmente medícocre sobre o Padre Cícero, para a televisão alemã. Errei, tinha que ter mais dinheiro, mais tempo. Queria mostrar o romeiro, antes, durante e depois *[da romaria]*. Achei que em uma semana ia encontrar o personagem, fui eu mesmo pesquisar. Só que sou um cara tímido, e pesquisador não pode ser tímido.

Como você encontrou os personagens de *O Fim...*? Tinha um contato na Pastoral, que indicou uma moça da região. O primeiro dia de filmagem foi para achar essa mulher, a Rosa. Sem ela, tava perdido. As pessoas falavam comigo, um cara de fora, porque estava com ela. O lugar tinha muito velho, mesmo. Até filmei gente mais jovem, duas adolescentes, mas senti que não tinha nada a ver. Percebi que o filme não era sobre idosos, mas sobre pessoas de um mundo que está acabando. Um mundo de tradição, hierarquia e catolicismo. Com injustiças, mas fascinante, diferente dessa mixórdia em que a gente vive.

GETTY IMAGES

CARLOS EDUARDO / FOLHA IMAGEM

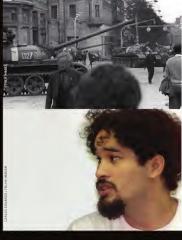
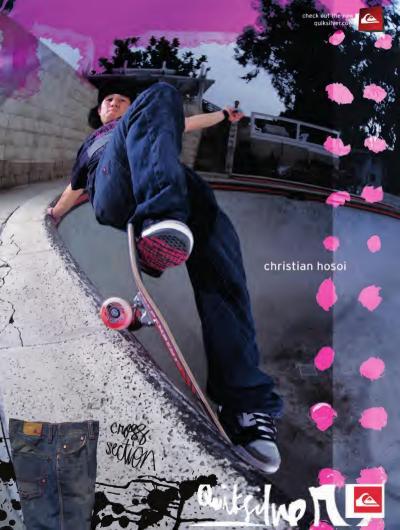
Não é um sertão estereotipado. É, não tem nada de folclórico. É uma cidadezinha de 15 mil habitantes, sem a menor graça, sem tradição, que não tem nem banda de zabumba. Mas a coisa do sertão tá lá, o fato de que eles viveram isolados 200 anos tá lá.

Por que voltar ao campo, depois de quatro filmes urbanos? Ah, enchi o saco de cidade, apesar de saber que o rural puro não existe. Queria explorar um universo geograficamente, psicologicamente e sociologicamente distante do meu.

Em algumas cenas você parece ofegante. Foi cansativo? Você notou? Não foi cansativo, não. Minha respiração é assim, ofego sempre, fumando o que fumo... Tive três semanas pra filmar, saía às 7 da manhã e às 5 da tarde já tinha acabado. Tranqüilo. Ficamos num hotel que pro sertão era ótimo, com ar-condicionado, piscina... usei a piscina dois dias. Tinha um restaurante enorme, o cara me vendia whisky por fora. A equipe era bacana, cinco, seis pessoas. Foi um prazer. Claro que tinha uma

check out the new
quiksilver.com
christian hosoi
cross section
Quiksilver

Personagem do novo filme de Coutinho, *O Fim e o Princípio*, rodado sem roteiro no interior da Paraíba

DIVULGAÇÃO

ou outra situação, um velho sozinho... mas não era angustiante.

Mas eles falam muito em morte, não é? Falam, falam muito. Mesmo o cara mais positivo do filme repete um ditado extraordinário, "você deve rezar sabendo que morre, e trabalhar pensando que não morre".

Você tem medo da morte? Claro, como todas aquelas pessoas lá. O fato é que esse tipo de comunidade, antiga, lida melhor com a morte. No mundo em que a gente vive, a morte foi abolida, as pessoas morrem em hospitais. Os pais de todos aqueles velhos morreram nos quartos de suas casas... Tem um sentimento de que a vida continua; morre um, nasce outro.

O fim e o princípio. Exato... Não saí pensando em morte e vida, mas vi que tinha um pouco a ver com isso. Mas não só, tem lá um mundo que está desaparecendo, dando lugar a outro. O Brasil é assim, está sempre recomeçando. Outra coisa, não gostava desse nome, *O Fim e o Princípio*, odeio artigo definido. Filme que dá certo não tem artigo definido. É *Cidadão Kane*, se fosse *O Cidadão Kane* tava fudido *[risos]*.

Os velhos desse filme são mais um exemplo de excluídos que você filma. Por que essa opção? Só me interessa o que não conheço, não quero fazer um filme sobre cineastas idosos. Essa é a razão fundamental, mas também tem outra: não faço filmes sobre a elite porque não gosto de fazer filme contra. Gosto de filme a favor. Me interessam pessoas pequenas, que fazem coisas pequenas. Napoleão Bonaparte não me interessa.

O Marcinho VP apareceu num filme seu antes de se tornar o traficante mais procurado do Rio. Fiz o *Santa Marta* em 86. Com a ajuda da associação de moradores do morro *[Dona Marta, na zona sul do Rio]*, juntei um grupo de jovens para falar da vida e tal. O Marcinho *[assassinado em 2003, no presídio Bangu 3]* ainda não estava no tráfico. Foi um depoimento forte, tinha uma revolta ali. Dizia "eles querem que a gente seja gari, eu quero ser desenhista". Deve ter entrado pro tráfico um ano depois, nunca mais encontrei...

Você já usou ou usa alguma droga? Já usei. Não uso mais por uma razão que não tem nada a ver com moral: tenho o maior bode com todas. Experimentei maconha e cocaína. Nunca tomei ácido, acho que não voltava! Já tive alucinações com maconha, o que é um absurdo. Alucinações violentíssimas, horrorosas. Simplesmente não dá pra mim. Uma hora tentei fazer um filme usando cocaína, na época da montagem... Não adiantou porra nenhuma.

Quando você decidiu fazer cinema? Era cinéfilo desde criança. Imagina cinéfilo no Brasil, nos anos 40: só chanchada. Adorava, vi 11 vezes *Carnaval de Fogo [de Watson Macedo, com Oscarito e Grande Otelo fazendo Romeu e Julieta]*. Passar de cinéfilo a cineasta é um passo...

O RISCO

O CINEASTA JOÃO MOREIRA SALLES, PRODUTOR DE *O FIM E O PRINCÍPIO*, ESCREVE COM EXCLUSIVIDADE PARA *TRIP* SOBRE AS AVENTURAS DE EDUARDO COUTINHO

Se você fosse um bom trapezista, aceitaria andar numa corda bamba estendida entre dois arranha-céus sem antes estudar os ventos do lugar? Se fosse um bom enxadrista, aceitaria jogar contra um grande oponente sem antes conhecer suas jogadas mais letais? E se você fosse um investidor da Bolsa? Aceitaria comprar ações no escuro? Diz a prudência que não. A expressão risco calculado não foi inventada à toa. Aventura, sim; irresponsabilidade, não. O que espanta no cinema mais recente de Eduardo Coutinho é que ele tem sido ao mesmo tempo venturoso e irresponsável.

O Fim e o Princípio só existe por causa dessa disposição em comprar ações no escuro, em atravessar com coragem – e nada mais – a distância que separa o início e o fim de um filme. A primeira frase dita por Coutinho, aos 30 segundos de projeção, avisa que aquele é o primeiro dia de filmagem de uma equipe atrás de um tema, de uma locação e de personagens que nos aceitem e que nos interessem. Conheço pouquíssimos documentários cujo processo seja tão irresponsável.

Todo filme obedece a um orçamento, todo orçamento vai sendo consumido à medida que se filma, toda filmagem acaba quando terminam os recursos. Começar um filme sem saber rigorosamente nada a seu respeito é trabalhar sob a angústia da ampulheta – o dinheiro se esvaindo enquanto se busca um filme. Não seria exagero dizer que é exatamente essa ampulheta que torna o filme possível. Coutinho gosta das suas camisas-de-força: filmar em um só prédio, filmar em um só dia. Dessa vez, sua prisão é o real irrecorrível: fazer um filme antes que termine o dinheiro. A tensão resultante força-o a encontrar um filme, ainda que o tema acabe sendo a frustração de não encontrar nenhum. O que, de resto, não foi o caso.

Como mostrou Eduardo Escorel, Coutinho segue inventando seu cinema sem desfraldar bandeiras ou propor ortodoxias. Ele não gosta da distinção que vez por outra lhe outorgam, a de mestre, e essa recusa é mais uma demonstração de sua absoluta integridade. No caso, a que diz respeito à crença de que, no cinema documentário, o essencial é a invenção da forma. E isso não se ensina. É a única lição do antimestre: não me sigam; inventem sempre, mas inventem sozinhos. (JMS)

PEDRO ARRUDA

Como foi o seu? Tinha um programa de perguntas chamado *O Céu É o Limite*. Me inscrevi para responder sobre cinema em geral, mas perdi no primeiro dia... Graças a Deus, *[o dono da TV Tupi, Assis]* Chateaubriand começou com aquelas coisas escrotas que fazia: uma campanha contra o José Ermírio de Moraes *[dono da Votorantim, patrocinadora de* O Céu...*]*, que não queria dar mais dinheiro para o programa. Aí o Moraes foi para a TV Record e abriu um concorrente, *O Dobro ou Nada*.

E você foi lá? Disse que era especialista em Charles Chaplin... Não sabia nada dele, tinha visto uns cinco filmes e só. Passei nove semanas concorrendo; na quarta, já tinha lido tudo escrito sobre ele. Sabia do cardápio de um jantar em Paris aos nomes das equipes técnicas dos seus filmes, e são uns 90 filmes... Era jovem e a memória funcionava, hoje não decoraria dois nomes. Levei um prêmio de 2000 dólares, era dinheiro pra caralho! Fui viajar pela Europa, e um amigo me inscreveu para uma bolsa do Idhec *[Instituto de Altos Estudos Cinematográficos]*, na França. Isso foi em 57. Três anos depois, voltei pro Brasil e fui filmar para o CPC *[Centro Popular de Cultura]* da UNE.

Você voltaria a Paris em 68, não é? Em maio aconteceram as manifestações, como estavam as coisas? Cheguei em setembro, não tinha mais nada, não se notava nada nas ruas. Mas estive na Tchecoslováquia, em Praga. Isso foi choque, o resto é bobagem.

No fim da Primavera de Praga, quando os russos invadiram a cidade? Quase tomei tiro! Fui convidado para um festival de cinema na Bulgária, e apareceu uma chance de ir a Praga. Cheguei uma semana antes da invasão. No dia, alguém me chamou às 10 da manhã, porque durmo tarde e não acordei nem com os tanques... Levantei e vi uma marca de tanque a meio metro da minha janela, na cidade universitária! Fui a pé para o centro, lembro da praça principal com a estátua do Kafka, o povo chorando e os tanques soviéticos. Uma hora, ouvi uns tiros e me escondi num prédio... Morrer na Tchecoslováquia, numa doutrina em que não acreditava muito?! Puta que o pariu!

Como você escapou de lá? Voltei pra cidade universitária, onde estavam outros cinco brasileiros. Enquanto a gente conversava sobre o que fazer, veio uma saraivada de tiros em direção à nossa janela! Juntamos todos os colchões do alojamento e passamos a madrugada debaixo deles... No dia seguinte, liguei para a embaixada brasileira. Imagina procurar a embaixada de um país com ditadura para sair de um país comunista... *[risos]* O cara me colocou num trem para refugiados, fui para a Alemanha e depois pra Paris. Não vi nada na História de importante, mas na franja da História vi isso.

Estamos terminando... queria perguntar que tipo de entrevistado você se considera? *[Rápido]* Sou péssimo, não nasci pra isso. Falo mais depressa do que penso, então sai muita coisa que não quero dizer, depois leio e me arrependo. Espero que esta entrevista ajude as pessoas a se interessarem pelo filme. O filme é que interessa.

DISCUTIR
FILOSOFIA

DISCUTIR
GEOPOLÍTICA

DISCUTIR
A RELAÇÃO

XINGU.
TUDO MENOS
O ÓBVIO.

SABOREIE COM MODERAÇÃO.

A morte nossa de cada dia

por Carlos Nader*

O ar poluído de São Paulo rouba 730 dias de vida de cada um de seus cidadãos, e a grande imprensa está mais preocupada com personal trainers, Polinésia e um galpão em Osasco

ILUSTRAÇÃO **JULIANA RUSSO**

Eu comecei o dia 18 de agosto passado fazendo aquilo que Hegel chamou de "a oração matinal do realista". Ler o jornal. E, lendo, meus olhos ainda embaçados pela névoa interior da manhã logo bateram na menor manchete da primeira página da *Folha*: "Poluição mata oito por dia em São Paulo".

Minha reação imediata foi talvez igual à tua, agora. Um levantar de sobrancelhas, a um só tempo curioso e incrédulo. Não. A manchetinha é um erro tipográfico. Escreveram errado. Ou escreveram no tamanho errado. Se a poluição mata oito seres humanos por dia numa cidade, que outra manchete do maior jornal da própria cidade poderia ser considerada mais importante?

A primeira página da *Folha* considerou duas vezes mais relevantes, em centímetros quadrados, os seguintes tópicos: "Personal (trainer) invade a vida cotidiana", "Polinésia seduz com cenário exuberante". Ou, ainda, oito vezes mais relevante: "Judeu mata quatro palestinos e eleva tensão em Gaza".

Com a tensão excepcionalmente elevada para o horário que segue os sonhos, mergulhei no suposto realismo do corpo do jornal. A matéria sobre a poluição, que tinha origem em um estudo da Universidade de São Paulo, não estava nem na capa do caderno Cotidiano. Preferiram outra reportagem: "Galpão clandestino explode e dois morrem".

Que tipo de lógica dá prioridade à explosão de um galpão em Osasco, diante da notícia aterradora de que, todo dia, oito paulistanos perdem a vida num suspiro poluído? Essa "lógica" é a lógica do espetáculo. A poluição não rende uma história sensacional. Não rende uma imagem, nem mental, de impacto. E vai para o fim da fila. O espetacularismo de variados graus é um pilar do contrato pactuado entre o espectador e o veículo, desde sempre. De El Cid a Cid Moreira. O público clama por catarse, tanto num belo documentário como *Ônibus 174* quanto no *Cidade Alerta*.

VIOLÊNCIA DEMOCRÁTICA

Seria simplório culpar os editores da *Folha*, que têm inclusive o mérito de dar alguma importância à notícia e, repetidamente, à questão ambiental. O problema é que quanto mais midiatizadas as relações sociais mais simbólicos tornam-se os valores. E aí, como dizia o Robô do seriado *Perdidos no Espaço*, "perigo, perigo". Tá na hora de voltar para a Terra. Não dá para continuar achando que, hoje, na prática, o terrorismo da Faixa de Gaza atinja mais um brasileiro que a fuligem da faixa do ônibus.

A inversão não se restringe ao abandono daquilo que realmente importa a um canto de primeira página. Até um tamanduá sabe que vivemos uma negação mais ampla do suicídio ambiental. Negação compreensível, já que o que mata as oito pessoas é a fumaça não inspecionada que sai do meu carro. E do carro delas mesmas. Ou não?

Segundo o estudo da USP, a poluição tira em média dois anos da vida de cada habitante da São Paulo. Ao desmerecer, ridicularizar ou cafonizar a luta contra o descontrole ambiental negamos que ele é a forma mais democrática de violência.

O mesmo estudo diz que há uma diminuição no número de mortes. Já foram 12 por dia na década passada. É uma luz. Talvez todo Severino Cavalcanti tenha um Fernando Gabeira enrustido dentro de si. De tanga de crochê de cânhamo potencial. Célula ecoterrorista adormecida em algum lugar do mundo interior, pronta para defender o planeta exterior.

Espero que os severinos descubram logo seus gabeiras internos. E na tentativa de acelerar esse processo, de acordar-nos todos da anestesia aplicada pela própria poluição física e metafísica que caracteriza nossa época, proponho, alarmista, uma manchete garrafal para a *Folha*. "Ladrão invisível rouba 730 dias da vida de cada paulistano". Não dá para não ver.

***CARLOS NADER**, 41, É VIDEOARTISTA E, COMO TODOS OS PAULISTANOS, E OS DEMAIS PARCEIROS DE PLANETA TERRA, RESPIRA 20 MIL VEZES POR DIA. SEU E-MAIL É: CARLOS_NADER@HOTMAIL.COM

Léxico da mão-leve

por J. R. Duran*

Nosso colunista-fotógrafo ataca de Antonio Houaiss e promove um tour de force pelo dicionário do nosso cotidiano

ILUSTRAÇÃO **JULIANA RUSSO**

Decidi, outro dia em uma tarde monótona e chuvosa, me entreter folheando o *Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* da editora Melhoramentos. Fui à procura de algumas palavras que o tempo, às vezes, parece tentar mudar de sentido. O resultado, reproduzido em ordem alfabética, foi:

en.ga.nar *(lat vulg *ingannare) vtd* **1** Empregar enganos; embaçar, embalir, iludir. *vpr* **2** Cair em erro, iludir-se, equivocar-se: "Como a gente se engana!... parecia uma lesma de pernas... no entanto é um grande romancista" (Monteiro Lobato). *vtd* **3** Seduzir. *Enganaram uma jovem. vtd* **4** Ser infiel (o cônjuge ou amante). *vtd* **5** Procurar alívio a; fazer passar ou atenuar: *Enganar os pesares. Enganar a fome.*

la.drão *adj + sn (lat latrone)* **1** Que ou aquele que furta ou rouba. **2** Que ou aquele que de qualquer maneira fraudulenta se apodera do alheio; defraudador; espoliador; esbulhador, despojador. **3** Maroto, tratante, *sm.*

men.tir *(lat mentiri) vti e vint* **1** Dizer mentiras, negar o que se sabe ser verdade, proferir como verdadeiro o que é falso: *Mentir aos pais é crime. Não mentiu nas suas declarações. Tudo isso declarou ele sem mentir. vtd* **2** Proferir mentira: *Mentiu mentira de rabo e cabeça. vti e vint* **3** Induzir em erro, ser causa de engano: "E assim não lhe minto nem molesto" (Rodrigues Lobo). "O coração pressago nunca mente" (Luís de Camões). *vtd* **4** Errar: "Meu bacamarte mentiu duas vezes – disse Cabeleira" (Franklin Távora). *vti* **5** Não cumprir (compromisso, dever, juramento, promessa): *Mentira ao prometido. vti* **6** Faltar, não corresponder: *Mentiu às nossas esperanças. vint* **7** Degenerar: *De pais sadios a prole não mente. vint* **8** Não se concluir, não se realizar, não ter feito, não vingar: "Os frutos mentiram" (Costâncio). *vint* **9** Esmorecer, faltar (o fogo). *vint* **10** *Constr.* Não assentar bem ao lugar destinado (peça de madeira). Conjuga-se como *aderir. M. pela gorja:* mentir cinicamente, mentir muito.

rou.bar *(gót raubôn) vtd e vint* **1** Substrair para si o para outrem (coisa alheia móvel), furtivamente ou com violência: *Roubar galinhas. Roubaram-lhe os documentos. Quem rouba é ladrão. vtd* **2** Despojar, privar de: *Roubava até as viúvas pobres. Roubavam os prisioneiros de todos seus haveres. Roubaram-na em uma soma elevada. vtd* **3** Praticar roubo em: *Alguém andava roubando o armazém. Vtd* **4** Raptar: *Roubou a criança do educandário. vtd* **5** Apossar-se fraudulentamente de: *Roubaram-te a herança. vtd* **6** Apoderar-se ou assenhorear-se de: *Roubar o coração de alguém. Roubar um beijo da namorada. vtd* **7** Consumir: *Tensão inútil que rouba energias. vtd* **8** Livrar, salvar: *Só um milagre poderia roubá-lo da morte. vtd* **9** Imitar, plagiar **10** Privar de, tirar: *Roubar a alguém o sossego, o tempo etc. vtd* **11** Consumir: *Os divertimentos roubam muito tempo. vit e vint* **12** Vender excessivamente caro: *Roubar nas mercadorias. Nem todos os negociantes roubam. vti* **13** Não dar exatamente a qualidade ou a quantidade devida: *Roubar na medida, roubar no peso. vpr* **14** Praticar-se roubo: "...que ali se roube, que ali se ratoneie, que ali se rapine" (Rui Barbosa). *vpr* **15** Furtar-se, esquivar-se, fugir. *Roubar a honra de:* desonrar.

***J. R. DURAN**, 53, TEM OS OLHOS AFIADOS PARA A FOTOGRAFIA, A LITERATURA E A LEITURA DE DICIONÁRIOS. SEU E-MAIL É STUDIO@JRDURAN.COM.BR

Trabalho que liberta

por Luiz Alberto Mendes*

Nosso colunista e ex-presidiário faz hora extra e dedica seu tempo livre a revelar as virtudes do trabalho no claustro

ILUSTRAÇÃO JULIANA RUSSO

Trabalho na prisão tem seu sentido fecundado pela impossibilidade de outros. Penso que o homem é uma liberdade a realizar-se, como queriam os existencialistas. Prisão é a contraposição. Realiza seu sentido quando extingue toda liberdade possível. O homem e a prisão. Pólos antagônicos que se entrechocam vorazmente desde que o mundo é mundo.

Se o trabalho remunerado é a libertação do homem da escravidão, na prisão o trabalho tem o sentido de forçar a expansão dos espaços; aumentar número e qualidade de relações; manter a mente ativa; aproximar-se dos setores da prisão ligados aos interesses de cada um (sempre trabalhei em setores envolvidos com educação, primeiro como faxineiro, depois escriturário, professor, bibliotecário e, por fim, coordenador de monitores); comércio; negócios (e até de drogas, que é o mais importante e é impossível negar); troca de informações e influências. Por exemplo, "muamba". Significa contravenção; proibido mas tolerável. Há uma lei absurda na prisão que diz que tudo pode e nada pode. É a relatividade levada ao extremo. Nas oficinas, companheiros mais habilidosos manufaturam, nas horas vagas, artesanatos da mais fina sensibilidade artística. A matéria-prima, às vezes, tem procedência questionável. Essas peças (cinzeiros, abajures, porta-jóias, quadros, miniaturas de navios ou casas, esculturas de madeira e papel machê, invenções a partir da escassez de matéria-prima) são levadas pelos familiares para que sejam comercializadas. É mais uma colaboração no orçamento familiar. Isso é "muamba"; só possível, na prisão, a quem trabalha.

A faxina e a distribuição da alimentação somam a maior parte dos trabalhos de uma prisão. São setores dominantes que quase sempre têm função de liderança em caso de movimentos internos. Higiene e respeito são fundamentais para a saúde e convivência pacífica, quando somos amontoados. Depois vêm as oficinas. Grandes galpões pré-moldados onde algumas empresas, da região onde estão as penitenciárias, levam alguma espécie de trabalho ao preso.

Existem profissionais como marceneiros, encanadores, pintores, escritores, alfaiates, mecânicos, garçons, digitadores. Esses, geralmente, trabalham para a "Casa". Mas a maioria costura bolas de couro, ajusta conectores, monta brinquedos e executam pequenos serviços de caráter mecânico, cuja remuneração é exígua. Ocupações que não visam ensinar profissões razoáveis para quem retornará ao mercado de trabalho. Na verdade, é trabalho que ninguém mais quer. Marcuse, quando afirmou que "o trabalho não dignifica o homem; antes, danifica", devia estar se referindo a esse tipo de trabalho.

SALÁRIOS DE ATÉ 20 REAIS

Todos querem trabalhar. Além de ser meio de vida (o preso precisa comprar seu material de higiene, por exemplo), trabalho na prisão, conforme já exposto, é liberdade dentro do espaço possível. Quem não trabalha fica trancado nos pavilhões, impedido de qualquer movimento. E há uma existência a ser vivida, mesmo que na prisão. Cada qual

deve ocupar o espaço que cria para si. Há uma estratificação social e cada qual deve definir sua posição. O preso que não se destacar, infelizmente, continuará apenas respondendo pela sua matrícula na hora das contagens.

O sentenciado, ao chegar ao presídio, é apenas mais um preso. Nem nome, como o escravo, tem. Recebe um número à chegada, é sua matrícula para o resto do tempo em que estiver preso. Se experiente, procura uma ocupação. Ajuda a varrer pátio, lavar a prisão (vocês não imaginam a paranóia como é tratada a questão de higiene e limpeza) e está sempre disposto. Logo já encontra os caminhos para as oficinas, cozinha, padaria, sala dos advogados, descobre quais os dias que o diretor atende, envolve-se no contexto da prisão.

De repente, não é mais apenas o "preso matrícula tal". Torna-se o cozinheiro, o alfaiate, o pintor, o escritor, o professor, o encanador, o técnico em televisores e rádios, o barbeiro e outras profissões. Adquire identidade, torna-se alguém e constrói uma personalidade no ambiente. O trabalho também tem esse contexto.

Infelizmente trabalho na prisão, parecido com o que é o emprego aqui fora, não é para todos. Com a vantagem de que aqui fora é só esforçar-se e correr atrás, cavar seu espaço; e lá, muitas vezes, não há para onde correr. Cerca de 40% dos presos no Estado de São Paulo não trabalham. Não existe ocupação para todos. Já 50% dos que trabalham ganham menos de 20 reais por mês. Apenas 2% dos presos que trabalham, quase todos em regime semi-aberto de cumprimento de pena, ganham acima de 200 reais mensais. Essas condições somente desvalorizam o trabalho aos olhos do preso. Sente-se explorado ou submetido ao nada fazer – pior de todos os males. A ociosidade obrigatória é violência inominável cometida às já precárias condições psicológicas da criatura humana aprisionada. Não ensinam a importância de ser produtivo, de estar inserido, participando e em constante relação de troca.

MÃO-DE-OBRA ALGEMADA

Durante os anos de 1995 a 2001, estive preso na extinta Casa de Detenção de São Paulo. Uma cidade com quase 8000 homens. Dei aulas por cinco anos e fui monitor-coordenador da escola toda, por um ano. Foi ali que aprendi o prazer de ensinar, capítulo que considero especial em minha vida.

Ao iniciar novas turmas, eu passava um documentário sobre o livro *O Povo Brasileiro*, de Darci Ribeiro, e fazia uma única pergunta: de onde provinham? Procurava a rapaziada que, como eu, havia sido criada na Febem e nas ruas da cidade; os meninos de rua. Queria saber se sentiam a vida com o rigor com que eu a senti à minha época.

Surpresa enorme: a maioria de meus alunos trabalhou grande parte de suas vidas. Acabaram escorregando por ambição, falta de paciência. Alguns se perderam nas prestações, grande parte por conta das drogas e por aí vai. Mas quase todos, antes da queda, trabalharam muitos anos. Alguns desde crianças. Aliás, apenas 14% dos presidiários do Estado tiveram passagem pela Febem. Havia até aqueles que foram abordados pela polícia dentro do próprio local de trabalho.

A conclusão, generalizando, é que presidiários já foram trabalhadores. A despesa do INSS tem aumentado consideravelmente. Por lei, a Previdência Social é obrigada a pagar auxílio-reclusão a quem estiver preso e já tenha sido contribuinte. Nada mais justo, eu creio.

Trabalhei quase o tempo todo que estive preso. Primeiro, pelos motivos acima expostos, depois porque gostei. Gostei de sentir que executava, fazia, interferia, produzia efeito e beleza. Pegar uma classe de homens embrutecidos e analfabetos, e ao fim do ano observá-los a caçar palavras no dicionário para escrever emocionantes cartas familiares, é gratificante demais. Ao fim, é a nossa utilidade enquanto pessoa que dá sentido a quase tudo em nossas vidas.

Hoje trabalho com prazer. Gosto de ler, aprender, escrever e, principalmente, observar. E isso é quase tudo na profissão que escolhi. Uma pena a remuneração não acompanhar. Então seria perfeito. Mas há de haver o elemento de contradição, afinal não estamos no melhor dos mundos.

LUIZ ALBERTO MENDES**, 53, É AUTOR DE *MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE* (CIA DAS LETRAS) E CUMPRIU 31 ANOS E 10 MESES DE RECLUSÃO. NESTE MÊS ELE COMPLETA EXATOS QUATRO ANOS DE TRABALHOS NA ***TRIP
SEU EMAIL É: LMENDES@TRIP.COM.BR

Eu, a maconha e o Elieser

por Henrique Goldman*

Nosso colunista relembra medos, delírios e o triste fim de um valentão filho de rabino

ILUSTRAÇÃO JULIANA RUSSO

O Elieser era filho do rabino Pinchas e morava na rua Newton Prado, no bairro do Bom Retiro. O Elieser era mais velho e eu tinha uns 15 anos quando fomos juntos comprar um fumo na boca do Risadinha, um negão banguela que de tanto servir judeu maconheiro sabia até falar ídiche.

O Elieser era um mito no Bom Retiro. Ele era forte e bom de briga. Andava com um chaco na mão e era o único judeu enturmado com os malacas não judeus da rua Barra do Tibaji. Na Hebraica diziam até que ele tinha revólver. Apesar de me sentir um cuzão ao seu lado, a figura dele me fascinava e eu sempre fiz de tudo para ser seu amigo. Compramos um tijolo de maconha paraguaia, um quilo de manga-rosa, que dividimos em bolsinhas de galo (que valiam 50 contos), gambia (100 contos) e duque (200 contos). Meu negócio não era a grana, era só revender pros amigos, fumar de graça e poder contar que eu andava com o Elieser, na vã esperança de ter um mínimo de status com a turma dos mais velhos.

Ficou decidido que eu guardaria o bagulho. Mocosei o lance no meu armário, na gaveta onde eu escondia as revistas pornográficas e os meus tfilim*. Uns dias depois, volto pra casa da aula de inglês e vejo a minha mãe jogando o fumo na lixeira do prédio. Consternada, ela gritava: "Você é completamente podre!". Eu, que já era considerado um rapaz problemático, virei um caso médico. Fui levado para uma terapia de grupo. Era uma babaquice que andava na moda nos anos 70 chamada "análise transacional".

O meu grupo era formado por um contador anoréxico, uma dona de casa recentemente traída pelo marido, uma lésbica palmeirense, um dono de frota de táxi maníaco-depressivo e daí por diante. A tal da terapia era o seguinte: alguém que estava mal sentava no meio de uma roda e cada um dos membros do grupo era encorajado pelo terapeuta a elogiar a pessoa.

Eu adorava quando era a minha vez de ficar lá no meio do grupo, ouvindo que eu era precoce, simpático e inteligente. Mas quando chegava a minha vez de elogiar os outros eu não conseguia. Era um bando de fodidos, não tinha nada de positivo a dizer a respeito deles. E o meu maior problema nem Freud poderia resolver: o Elieser estava me ameaçando. Ele me esperava fora da escola, querendo dar porrada caso eu não devolvesse o fumo ou a grana.

Passei a ter medo da minha própria sombra. Parei de ir ao treino de futebol de salão no Clube Macabi e não ia mais em baile aos sábados. De noite me torturava com pesadelos sempre estrelados pelo Elieser. No meu desespero recorri a Deus. Abria a *Bíblia* e olhava para o céu rogando a Deus que me salvasse da ira do Elieser.

SOCO NO KIBE

Eu estava na esfiharia na esquina da rua Prates com a Três Rios e o Elieser me pegou por trás. Esmagou o meu kibe com um soco na mesa e deu uma joelhada no meu saco. Foi o Garrinchinha, o garçom da esfiharia que tinha moral com os malucos, quem me salvou, afastando o Elieser. Ele saiu da esfiharia ameaçando: "Se não pagar até a semana que vem aí, sim, é que vai chover porrada".

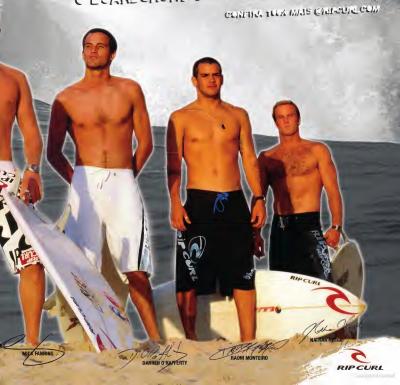
Mas Deus ouviu as minhas preces. Naquela mesma semana correu um boato pelas ruas do Bom Retiro: o Elieser tinha sido preso. Depois soube-se que o Fleury, que era chefe da Polícia Militar, tinha um cunhado judeu. Esse tal cunhado freqüentava a sinagoga do rabino Pinchas, pai do Elieser. Soube-se depois que o rabino tirou o Elieser do xilindró e levou-o direto para o aeroporto de Viracopos, de onde o Elieser foi mandado para Israel.

Uns 15 anos depois, fui almoçar com a minha família num domingo no restaurante Ganz, na rua Guarany. Lá eles serviam comida ídiche e o proprietário era da mesma aldeia de onde os meus avôs vieram, na Polônia.

De repente vejo o Elieser com os seus pais entrando no restaurante. O rabino Pinchas veio à nossa mesa cumprimentar meus avôs. Enquanto as famílias conversavam, o Elieser ficou me encarando. E eu, mesmo depois de tantos anos, senti aquele mesmo tremor nas minhas pernas, o velho pavor e a imensa vontade de escorrer por um ralo.

Nunca mais vi o Elieser. Soube que ele foi pras cabeças, virou bandidaço aí pelo mundo, traficando. Eu me lembrei disso tudo porque semana passada me disseram que o Elieser foi assassinado no México.

* Tfilim é uma caixinha que contém textos sagrados do Velho Testamento que os judeus observantes amarram na cabeça e no braço para rezar diariamente.

***HENRIQUE GOLDMAN**, 44, CINEASTA, NUNCA MAIS COMEU UM KIBE SEM OLHAR PARA TRÁS. SEU E-MAIL É: HGOLDMAN@TRIP.COM.BR

Profissão: voar

POR **THIAGO LOTUFO** FOTO **CHRISTOPHER MICHOT / KPWT**

Ela tinha acabado de fazer as tarefas do colégio quando atendeu ***Trip*** ao telefone. Gisela Pulido tem apenas 11 anos e pouco menos que 1,50 m de altura. Fala e compete, porém, como gente crescida: é a atual campeã mundial de kitesurf (na categoria das profissionais mesmo, cheia de mulheres feitas). Ganhou o título em 2004, aos 10.

A "niña" é espanhola. Nasceu em Barcelona – é fã de Ronaldinho Gaúcho –, mas vive em Tarifa (Andaluzia), com o pai, a 200 metros de uma praia entre o oceano Atlântico e o Mediterrâneo. No mês passado, ela esteve em Cabo Frio, no Rio de Janeiro, para participar da etapa brasileira do Circuito Mundial 2005. Levou o título e, de quebra, se divertiu bastante.

O que você achou do Brasil? Muito bonito. As praias são lindas e as pessoas, simpáticas. Visitei o Pão de Açúcar e o Corcovado.

Como é competir com pessoas bem mais velhas do que você? No começo, não me respeitavam. Pensavam: "Onde esta 'niña' pensa que vai?". Agora, rezam para não competir comigo. Na água, sou terrível.

Você começou com que idade? Com 8 anos. Meu pai, que anda de kite, foi quem me [illegible].

Qual a sensação de "voar" de kite? Muito boa. É como se o meu estômago se separasse do resto do corpo.

Pretende ser campeã este ano novamente? Claro, mas isso não é o mais importante. Faço kite porque me divirto.

Você já praticou esportes de neve? [illegible], já. No inverno troco o kite pelo snowboard.

SALADA

EDIÇÃO **THIAGO LOTUFO**

FOTO **ALEXANDRE CAPPI**

Snowboard é o esporte de Mário Zulian Neto. Ele tinha acabado de voltar de um treino nas neves de Valle Nevado, no Chile, quando atendeu ***Trip*** ao telefone. Mário tem 30 anos e bem mais que 1,50 m de altura. É o atual campeão brasileiro na categoria Big Air, prova em que o atleta tem que deslizar na prancha e fazer uma manobra radical ao saltar de uma rampa. Ganhou o título no mês passado, em Las Leñas, Argentina.

Mário é de Bauru, cidade quente à beça do interior de São Paulo. Conheceu a neve aos 17 anos, quando fez um intercâmbio no gélido Estado de Michigan, na região dos Grandes Lagos (norte dos EUA). Começou com o ski e, há quatro anos, se dedica também ao snowboard.

Por que a neve? Eu sempre surfei e sou de uma cidade bastante quente, mas acho a neve demais. Deslizar nela é muito bom, tem muito pouco atrito.

Que altura dá para alcançar num salto de Big Air? Na Argentina, acho que cheguei a uns sete metros da superfície.

Qual a sensação de "voar" de snow? São 2,5 segundos de homem-pássaro mesmo. Era somente eu e a prancha.

E a velocidade da descida? Bate uns 40 km/h.

Dá medo? Big Air é muito arriscado, talvez a modalidade mais difícil do snowboard. Tudo depende exclusivamente de você. Precisa de muita disciplina e concentração.

Você já praticou kitesurf? Comprei um recentemente, mas ainda não experimentei.

O carro da Maitê

Um classudo Aero Willys 1966, vermelho, foi visto num set de filmagens com a deslumbrante atriz a bordo. Descubra aqui o que fazer para ter a belezura (a caranga apenas, bem dito) só para você

POR **JOÃO CARLOS MAGALHÃES** FOTOS **MARCELO NADDEO**

Maitê Proença disfarçada com uma peruca loira a bordo de um Aero Willys 66 só pode ser coisa de cinema. E é mesmo. *Em Onde Andará Dulce Veiga?*, próximo filme de Guilherme de Almeida Prado, baseado no livro homônimo de Caio Fernando Abreu, Maitê faz o papel da mulher do título que é procurada desesperadamente por Caio, um jornalista de meia-idade protagonizado por Eriberto Leão. Uma das poucas peças disponíveis do quebra-cabeça que ele tenta montar é a lembrança da loira saindo de um táxi, na única vez que a viu. A cena o deixa obcecado, a ponto de transformar-se numa série de flashbacks, sempre acompanhados do classudo Aero Willys vermelho, no papel de táxi. A ilusão aparece em Manaus, no centro de São Paulo, no Rio de Janeiro, em Ribeirão Preto e nos demais lugares onde o jornalista sai à caça de Dulce. Se Eriberto encontra a mítica Maitê no filme, com estréia prevista para 2006, Almeida Prado não conta. Mas para achar o carro é fácil: ele está numa garagem na Vila Sônia, em São Paulo – e à venda. "Filmei com dinheiro público e não posso ficar com nada do que foi usado", explica o diretor, conhecido por *A Dama do Cine Shanghai* (estrelado por Maitê também).

Não é a primeira incursão da caranga na sétima arte. Outro cineasta, Hermano Penna, já a tinha utilizado em *Vôo Cego Rumo ao Sul*, de 2003. No filme, quatro revolucionários na aurora da ditadura militar viajam de São Paulo ao sul do país em busca de uma resistência à altura do golpe. O Fusca que os transportava quebra e eles então elegem o Aero Willys como o QG móvel. "O Hermano deu uma boa guaribada no carro", conta Almeida Prado.

A verdade é que o cineasta, fã da "beleza dos carros antigos", mal tocou na complicada alavanca de marcha junto à coluna de direção do Willys. O carro fez sucesso é com seu filho de 5 anos, Gilberto. "Ele acha que vamos ficar com o carro pra sempre, toda hora pede para ver", diz o pai. Para partir o coração de Gilberto, desvendar parte da obsessão de Caio e andar por aí, ligue no (11) 3021-5650 e negocie com o Rafael, da produção de *Dulce Veiga*, o preço do carrão.

Do alto para baixo: a "estrela" da telona pronta para brilhar numa garagem bem próxima de você; detalhe interno do classudo Aero Willys; e Maitê Proença de peruca loira numa cena do filme *Onde Andará Dulce Veiga?*

Câmbio
(a *Trip* de olho no retrovisor)

Modelo Caravan 1975

Dono Alex **Por que uma Caravan?** "Já tive duas Caravans antes desta, uma de 1982 e outra de 1981. Gosto dos modelos wagon, acho as linhas do carro bonitas e por ter quatro filhos me acostumei com essas barcas" **Só este tem...** "Ele é quase que inteiramente original. Só o câmbio e a cor que foram mudados" **Só falta...** "Eu rebaixaria e colocaria um insulfilm azul, além de trocar as borrachas" **Preço** R$ 6,2 mil **Tel.** (11) 3837-4216

Modelo Ford Hot Custom V8 302

Dono Fábio **Por que um Ford Hot?** "Achei este carro em Itapecerica (interior de SP). Escolhi pela época, gosto de carros dos anos 1950" **Só este tem**... "Por estar quase pronto, mexi pouco: só coloquei direção hidráulica, freios de Landau e dei uma rebaixada na suspensão" **Só falta...** "Colocar um som" **Preço** R$ 25 mil **Tel.** (11) 4666-5578

Modelo Puma GTB 1980

Dono Wilson **Por que um Puma?** "Admiro a marca. É parecida com o Maverick, carro que eu procurava antes de pegar este. Só estou vendendo porque a gasolina está cara e ele é beberrão" **Só este tem...** "Revisei a suspensão e o câmbio. Está completamente original" **Só falta...** "Consertar os marcadores da pressão do óleo e o conta-giros, que não estão funcionando" **Preço** R$ 12 mil **Tel.** (11) 7161- 2021

Modelo Opel Olympia 1951

Dono Eduardo **Por que um Opel Olympia?** "Achei um carro diferente e comprei pensando em reformá-lo, mas estou sem tempo pra isso" **Só este tem...** "Dizem que está 90% original, tem todos os frisos, está com o câmbio e os pneus ok" **Só falta...**"Para ficar perfeito, precisaria dar um toque na pintura e colocar o estofamento original" **Preço** R$ 15 mil **Tel.** (11) 6694-7921

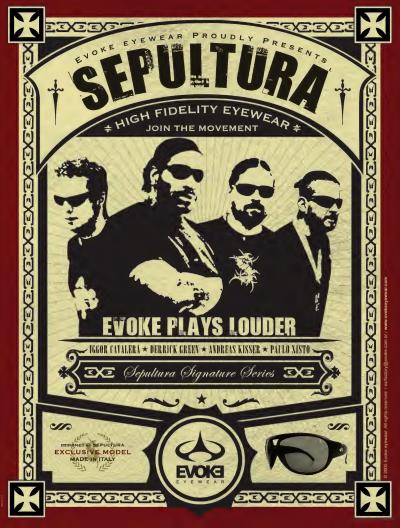
Este lado para baixo

Por que facilitar se a coisa pode ter mais emoção? Adeptos dessa filosofia, um grupo de austríacos e alemães malucos criou uma nova modalidade de hóquei: sob o gelo

POR **THIAGO LOTUFO** FOTOS **MANFRED DORNER**

Não. Não precisa virar a página do lado contrário. A foto acima é assim mesmo e o esporte que esses malucos praticam também. Trata-se de uma nova modalidade de hóquei: hóquei *sob* o gelo – e não sobre o gelo ou sobre rodinhas, duas versões que você já deve ter visto ao menos uma vez na vida. Ela foi criada por um grupo de austríacos e alemães entediados com a vida pacata que levam e os "confortáveis" treinos em ginásios cobertos e aquecidos.

A disputa é feita da seguinte maneira: cada equipe tem dois jogadores, que se revezam em mergulhos de 30 segundos em média (nada de cilindros de ar por aqui; a coisa é no peito mesmo) e recuperam o fôlego em buracos feitos perto de cada campo (foto menor). "A orientação dentro d'água é um desafio", diz o alemão Philipp von Heydebreck, um dos organizadores da primeira partida internacional – entre Alemanha e Áustria – ocorrida no lago Weissensse, nos Alpes austríacos. "A camada de gelo é espessa e não dá para ver nada na superfície." Para ajudar os jogadores a bandeira de cada país é colocada ao lado dos respectivos gols indicando quem faz o tento em quem.

Uma partida dura meia hora, dividida em três terços de dez minutos. O objetivo? Bem, é o mesmo do hóquei "tradicional": enfiar o puck (a bola em forma de botão) no fundo da rede adversária. O detalhe é que tudo isso acontece de ponta-cabeça e a uma temperatura média de 2ºC. Vai encarar?

Musácea em lata

Câmara Cascudo, o maior folclorista brasileiro, garantiu que o nome da musácea mais conhecida no mundo é brasileiro. Trocando em miúdos: a palavra banana é sem dúvida uma exclusividade do Brasil. E a fruta, agora, pode ser bebida: Banawá, produzido pela Ultraplan, é provavelmente o primeiro néctar de banana do mundo. É ótimo para quem pratica esportes devido à alta concentração de potássio e à ausência de gordura. A latinha custa, em média, R$ 2,30. O litro fica na faixa dos R$ 4.

MARCELO NADDEO

Nomes adequados

nome	DRA. MÔNICA DO NASCIMENTO FONSECA
função	OBSTETRA
comprovação	WWW.AAPVR.ORG.BR/BERGONSIL.HTM
nome	CARLOS H. SENO
função	PROFESSOR DE TRIGONOMETRIA
comprovação	COLÉGIO OBJETIVO PAULISTA
nome	ERICH BANDEIRA
função	ÁRBITRO DE FUTEBOL
comprovação	HTTP://WWW.CLICRBS.COM.BR
nome	JULIA VINAGRE
função	CHEF DE COZINHA
comprovação	CAPA DA REVISTA *PRAZERES DA MESA* 08/2005

Se você encontrar um nome perfeito relacionado à profissão, arranje uma comprovação impressa e mande para nós, por carta ou e-mail (cartas@trip.com.br). Se publicada, a *Trip* chegará em sua casa durante um ano totalmente na vasca. Seja ligeiro. No caso de sugestões repetidas ganha quem chegar primeiro. Leitores contemplados nesta edição: Cristiane de Azevedo Prizibisczki, Igor Pereira dos Santos, Janaina Zilio, Fernando Kimura.

Exercitando a moderação

Exercícios são essenciais para uma vida saudável. A obsessão pela prática, porém, pode ser sinal de vício, causado por uma substância chamada betaendorfina

POR **CARLOS CINTRA***

Presenciei recentemente a cena mais horrível de toda minha vida: uma caveira estava correndo e suando muito sobre uma esteira dentro de uma academia. Indignado, perguntei aos presentes do que se tratava. A resposta veio em péssimo som: "Ela é viciada em exercício". "E ninguém fala nada?", continuei. "Todo mundo já falou e ela não pára", ouvi. Fiquei lá meio sem saber o que fazer, vendo uma mulher que mais parecia uma testemunha viva do campo de concentração nazista ir embora para uma outra aula; agora de natação. Fiquei imaginando quem seria o culpado. Ela? Os professores que não a impediam? *Eureka*! Só podia ser a betaendorfina, única substância fabricada naturalmente pelo corpo humano que tem propriedades comparáveis ao ópio.

Já conheci muitos viciados como ela, que tinham como única meta de vida cumprir o treino. Todo o resto – família, relacionamentos, amigos, profissão, dinheiro – era secundário. Qualquer problema em outra esfera era rapidamente eliminado com uma bela sessão de exercícios prolongados. Como qualquer outro vício, a pessoa não percebe que é dependente e, muitas vezes, a ficha só cai quando surge uma lesão "intratável".

Para não chegar a esse ponto aprenda sobre a doença

O vício em exercício é uma necessidade doentia pela malhação e, comumente, torna-se o único mecanismo para lidar com o estresse. Esse vício possui três características: dependência, tolerância e privação. Dependência é a percepção de que o exercício é indispensável para sentir-se bem. Tolerância indica que é necessário cada vez mais exercícios para "sentir-se bem". Privação significa que sem eles não dá para viver. Os sintomas são descritos como uma sensação de cansaço ou de fraqueza 24-36 horas após ter faltado a uma sessão de exercícios já planejada. Também são freqüentes casos de depressão, ansiedade, irritabilidade e problemas de relacionamento. É difícil identificar os dependentes porque esse vício é visto como positivo em oposição à dependência do álcool e de outras drogas.

O tratamento é, ironicamente, difícil: "repouso" e "treinamento em dias alternados". Um psicólogo do esporte pode ajudar – muitos dependentes apresentam distúrbios de imagem. Acertar a dose é o caminho. Ficar sem se exercitar é ruim, mas praticar em excesso também não é nada saudável. Desse jeito fica parecido com comercial de bebida: "Use com moderação".

***CARLOS CINTRA**, 33, É PERSONAL TRAINER ESPECIALIZADO EM FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO E SÓ PRODUZ BETAENDORFINA EM QUANTIDADES MODERADAS. SEU SITE É: WWW.CARLOSCINTRA.COM.BR

EU NÃO PEDI PARA NASCER ALLAN SIEBER*

SALADA
058 059

NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1989, PAULO MALUF COLOCOU NO SEU PROGRAMA ELEITORAL NA TV UMA DRAMATIZAÇÃO SOBRE UM MARGINAL QUE ESTAVA MUITO FELIZ EM SER PRESO POIS NA CADEIA "NÃO PRECISARIA TRABALHAR E TERIA COMIDA FARTA E DE GRAÇA"...
QUINZE ANOS DEPOIS – QUEM DIRIA! – O NOTÓRIO CARA-DE-PAU CAIU EM CANA JUNTO COM O FILHO E PÔDE CONFERIR *IN LOCO* A VIDA NA CADEIA.
GRAÇAS A MAIS MODERNA TECNOLOGIA, OS SOFISTICADOS LEITORES DESTA REVISTA TÊM ACESSO À

SEMANA DO MELIANTE*

* TALVEZ OS MELIANTES EM QUESTÃO NÃO ESTEJAM FIELMENTE RETRATADOS POIS SOU UM PÉSSIMO CARICATURISTA. DE QUALQUER JEITO NÃO ME ESFORÇO MUITO AO RETRATAR POLÍTICOS SAFADOS.

*ALLAN SIEBER, 33, SÓ REMETE DINHEIRO PARA SEU AGIOTA E, COMO CERTOS POLÍTICOS, ACHA QUE MELIANTES TÊM A VIDA MUITO MANSA NA CADEIA. SEU SITE É WWW.ALLANSIEBER.COM.BR

SAMSONITE SPINNER
QUATRO RODAS. ZERO ESFORÇO.

Movimentos tão livres como o ar, com as malas Spinner® da Samsonite. Suas rodas multidirecionais seguem cada um dos seus passos, permitindo um deslizamento fácil e suave através dos aeroportos e lugares movimentados. Este é o espírito de viajar. Viaje com Samsonite.

Eco *Trip*

O site da ***Trip*** lançou neste mês uma nova seção, a Eco *Trip*. A idéia é tratar dos debates mais recentes na área da ecologia que podem influenciar diretamente sua vida. Das mudanças climáticas até a criação de energias alternativas, da arquitetura sustentável às novas tecnologias que tentam reverter o caos em que deixamos o planeta nos últimos 200 anos. ***Trip*** trata de ecologia desde sua criação, mantém um projeto de reciclagem e ações para diminuir a quantidade de lixo produzido na casa. Agora é a hora de aprofundar o assunto: www.trip.com.br/ecotrip.

DIVULGAÇÃO

Acabou chorare

O jornalista Maurício Kubrusly, apresentador do quadro Me Leva Brasil, do *Fantástico*, dispara contra a nostalgia, no *Trip* FM:

"Tenho implicância com quem diz 'porque no meu tempo...'. Que diabo, o tempo dele é hoje. Essa inclinação nostálgica me incomoda. Os padrões comportamentais e as tecnologias mudaram. Tudo é diferente hoje em dia. Eu tinha uma discoteca gigantesca e um apartamento só para guardá-la. Me desfiz de tudo e os amigos achavam que eu estava louco. Mas acabou. Eu ouvi o que tinha que ouvir. Pior quando falam 'ah, masterizaram os Beatles...'. A música continua efervescente. Em toda parte. Acho engraçado chorarem por não termos um novo Chico Buarque etc. Há milhões de pessoas novas ótimas, mas são todas meio clandestinas."

O *TRIP* FM LEVA UM POUCO DO AMBIENTE DA REVISTA *TRIP* PARA AS ONDAS DO RÁDIO. TEM MAIS DE 20 ANOS DE VIDA E É TRANSMITIDO PARA 350 CIDADES NO BRASIL. PARA SABER MAIS, ACESSE WWW.TRIP.COM.BR

Clonada

A ***Trip*** cada vez mais é uma central multimídia. Desde setembro, você pode receber notícias com o ambiente da revista no seu celular. É o *Trip* Sem Fio, que mantém os canais Aventura, Bazar, Bizarro, Digital, Salada, Testosterona, ***Tpm***, Música, Roteiro e Balada, com informações e dicas que passaram no nosso pente fino. Para saber mais e se cadastrar no serviço, acesse www.vivo.com.br/vivotorpedoinfo ou envie uma mensagem de texto com a palavra trip para o número 4000. Passe também no site www.tripsemfio.com.br.

FÁBIO KNOLL

Sem fronteiras

Em pleno Carnaval, um olheiro encontrou a neta de índia Larissa Lazaretti, de 19 anos, na pequena Monte Alegre, interior do Pará. Pouco tempo depois, a garota já modelava em Belém e no Rio de Janeiro. Mais três anos e muitos catálogos de moda estrangeiros e ela estava em São Paulo. Mas Larissa não se incomoda com as constantes mudanças. Só lamenta não poder mais dar suas fugidas para a praia. "Eu morava a duas quadras de Copacabana", conta. A modelo não está sozinha na capital paulista. Aliás, raramente esteve. "Gosto de acordar ao lado de alguém."

MAIS SOBRE LARISSA A PARTIR DO DIA 28 DE OUTUBRO EM WWW.TRIP.COM.BR

Vou estar retornando

Conheça Ricardo Bruni, o cara que vive de fazer e jogar bumerangues. Apesar de brasileiro, ele é o atual campeão americano do esporte na categoria distância

POR **BRUNO TORTURRA NOGUEIRA** FOTOS **MARCELO NADDEO**

"Motherfucker!" Foi o melhor xingamento que Ricardo Bruni (na foto) escutou na vida. O coro de americanos não acreditou quando o bumerangue que acabara de atirar voltou ao lugar de origem depois de voar 109 metros (109 de ida e 109 de volta, é bom deixar claro). Ele, o brasileiro que disputou o campeonato americano de bumerangue – realizado no primeiro semestre – como um convidado café-com-leite, levou o ouro na categoria distância. "Até o bumerangue era emprestado. Os caras não se conformaram quando anunciaram o vencedor", conta aos risos o atleta canarinho.

A história com o artefato começou aos 12 anos de idade. Ricardo andava pelo Parque do Ibirapuera, em São Paulo, quando viu um garoto sentado no chão atrás de um montinho de bumerangues. Achou barato, comprou um e, quando viu que seus amiguinhos adoraram o brinquedo, farejou ali um negócio. Voltou ao parque, pechinchou, comprou todos os bumerangues do garoto e revendeu na escola. "Devo ter lucrado uns 500%", relembra Bruni.

Com os anos, a coisa voou longe. Ricardo se tornou um exímio praticante do esporte. E mais: largou o trabalho que tinha em informática para projetar e fabricar bumerangues no fundo de sua casa. Atualmente, ele vende mais de mil peças por mês e fatura cerca de 10 mil reais. Aos 34 anos, ajudou a fundar a primeira associação do esporte no Brasil, a Associação Brasileira de Bumerangue, tem um dos sites mais completos do mundo sobre o assunto (www.bumerangue.com) e foi um dos organizadores do primeiro campeonato pan-americano de bumerangue, que aconteceu em Itu (SP) em agosto passado. A equipe do brasileiro ficou em segundo lugar, atrás dos norte-americanos, que aproveitaram para dar o troco. Na próxima edição do campeonato americano, porém, no fim deste ano, o homem dos 109 metros promete ir (e voltar) com tudo.

Agradecimento Secretaria de Estado do Meio Ambiente / Parque Villa-Lobos Tel.: (11) 3023-0316

Created By A Higher Source

Na peneira da *Trip*, uma barraca instantânea, caixas de som com cara de Darth Vader e um celular e um mixer de carona no sucesso do iPod

POR **FILIPE LUNA E NATALY CABANAS*** FOTOS **MARCELO NADDEO**

1. ESPORTES DE PULSO O G9 (foto maior) é para golf. Permite calcular a distância do buraco e analisar as tacadas num PC. O S6 é para ski e snowboard. Tem altímetro e barômetro. O primeiro sai por R$ 3900; o segundo por R$ 2140. SAC Suunto 0800-2833094. **2. SEDE?** As novas garrafas d'água da Sigg, com desenhos inspirados no grafite, são de alumínio e não pegam gosto nem cheiro. Por R$ 80 (cada). Tel. Sigg Switzerland (11) 3046-4046. **3. DARTH WOOFER** As novas caixas JBL Creature II são a cara do Darth Vader. Têm 45 watts de potência e subwoofer amplificado. Custam R$ 900, na Media Gear. Tel. (16) 3621-7699. **4. iFONE** O Rokr (fala-se Rocker), da Motorola, é um celular com iPod. É compatível com iTunes e tem o mesmo display e modo de operação do aparelhinho branco da Apple. Sai por US$ 250. Para saber mais: www.hellomoto.com. **5. AQUAPLAYER** Quer ouvir suas músicas preferidas enquanto estica os músculos na piscina? O SwiMP3 é um tocador de MP3 à prova d'água com uma excelente qualidade sonora. Sai por R$ 700 na Pro Swim. Tel. (11) 5531-0399. **6. "É DOIS PALITO"** Até o mais urbanóide dos urbanóides não vai ter problemas para armar a barraca da Quechua. Bastam dois segundos. É só jogar e vê-la se armar sozinha rapidinho, rapidinho. Preço: R$ 250, na Decathlon. Tel. (11) 2167-0800. **7. iDJ** da Numark, é o primeiro mixer feito especialmente para iPod. Compatível com todos os modelos, ele ainda tem conexão para CD players e toca-discos. O único inconveniente é não permitir o controle do pitch na hora de mixar. Custa US$ 400 no www.numark.com

*** Colaborou Felipe Lima**

Que belos traços!

Trip entrou em sintonia com o Animax, novo canal da Sony recheado de deliciosas animações japonesas, e pediu para que seis artistas criassem suas próprias musas

POR **THIAGO LOTUFO**

Mulheres sensuais. Está aí um tema que sempre agradou *Trip* e seus leitores. Os todo-poderosos da Sony também gostam da coisa e decidiram lançar um canal inteiramente dedicado a animações japonesas – conhecidas por animê – com belas garotas sedutoras e decotes matadores. No Animax, disponível 24 horas por dia para 350 mil telespectadores (assinantes da TVA e DirecTV, entre outras operadoras), não há nada de picachus, pokémons ou teletubbies. São mais de trinta opções de séries animadas, como *Initial D*, *Burst Angel* e *Hellsing* (veja exemplos à dir., no alto), voltadas para o público adolescente e jovem adulto – os enredos mesclam violência, drama e ficção científica com erotismo e mulheres de traços perfeitos.

Inspirados nessa sensualidade de olhos puxados, convidamos seis artistas gráficos – entre eles, duas representantes do sexo feminino e nomes de peso como Glauco, Caco Galhardo e Titi Freak – a criarem musas curvilíneas dignas de Carlos Zéfiro e suas revistinhas pornográficas (conhecidas por "catecismos"), que educaram sexualmente gerações de adolescentes dos anos 50 e 60. Cada criador traçou também um miniperfil de sua formosa criação. Aproveite:

MIWA, 19 anos, é descendente de japoneses. Universitária, cursa arquitetura. Tem 84 cm de busto, 60 cm de cintura e 81 cm de quadril. Miwa é uma aluna dedicada. Quieta e concentrada, presta muita atenção nas aulas e tira notas exemplares nas provas. Usa roupa básica e comportada para ir à universidade: calça jeans e blusinha. Tudo isso esconde uma personalidade que poucos marmanjos tiveram oportunidade de conhecer: a Miwa sensual que se revela fora da classe. Em casa, ela fica bem à vontade, pois mora sozinha. Não raramente perambula pelos cômodos vestindo apenas a lingerie e uma camisa. E entre quatro paredes... bem... deixaremos isso a cargo da sua imaginação, caro leitor.

DIOGO SAITO / AREAE ESCOLA DE MANGÁ

A beleza conta muito, mas não é tudo! Tem que se portar, saber se mostrar e me instigar... tipo assim... GATONA!!!

TITI FREAK

Loira, cabelos castanhos ou até mesmo azuis ou roxos. Não importa. O novo canal da Sony está cheio de desenhos (acima, da esq. *para* a dir. *Burst Angel, FullMetal Panic* e *Gantz*) com mulheres de "genética privilegiada"

EUGÊNIA, 26, já foi crente. Largou mão e agora manda ver na caipirinha nos ensaios da Camisa Verde e Branco. De manhã, sai pelada na área pra estender o lençol. Do resto ninguém sabe, só aquela bunda inesquecível.

CACO GALHARDO

As **MULHERES DE URANO** são as mais quentes do sistema solar. O orgasmo das mulheres de Urano dura um ano.

GLAUCO

Generosa, **MARGOT** é garçonete atrapalhada de dia e, aos domingos, "atende" velhinhos no bazar da igreja. Barão, seu cachorrinho, a acompanha em todas as suas aventuras. Há 27 anos ela sonha em encontrar o grande amor de sua vida na esquina da av. Ipiranga com a av. São João.

CRISTINE LEONE

EVANGELINA, 19 anos, passa longe do estereótipo de mocinha: frágil, sensível e bobinha, que veste roupas recatadas e é dependente de um homem. Lina sobrevive entre a solidão e o tédio de uma cidade grande (ela mora em São Paulo). Nada consegue preencher seu vazio nem romper a superficialidade dos relacionamentos para entrar em sua intimidade e desvendar seu mistério. É a mistura dessa personalidade borderline com sua liberdade sem limites que a torna irresistível e uma tarada a ser descoberta. Bastam alguns tragos e a sua inseparável câmera digital para que ela revele seu verdadeiro mundo interior.

MARINA ABON

Românticos, sim, mas com os pés no chão

Nem muito romantismo nem pragmatismo em excesso. Uma nova geração de políticos precisa de ideais e saber colocá-los em prática também

POR **ALÊ YOUSSEF***

ILUSTRAÇÃO **JULIANA RUSSO**

Recentemente, rolou um interessante debate sobre a atual crise política brasileira no Tusp (Teatro da Universidade de São Paulo), sediado no prédio da rua Maria Antonia – palco da famosa batalha de 1968 entre os estudantes que lutavam contra o regime militar e os famigerados membros do CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Mino Carta e Xico Sá, representantes de duas gerações distintas de jornalistas, estavam entre os convidados e protagonizaram uma deliciosa discussão sobre algo que já foi tão presente na atmosfera da velha Maria Antonia: o romantismo na política.

O debochado Xico defendeu que a crise na política e no PT é a mais perfeita imagem da traição entre um casal e que a melhor metáfora para definir a situação seria "uma mulher enganando o marido com um amante milionário, matando o romantismo em busca da tradição conservadora e escrota". No final, arrematou: "Sem romantismo não se faz nada". Aproveitando a deixa, o respeitado Mino contrariou o colega – de uma maneira descontraída – e afirmou que "em política, romantismo não adianta nada". Defendeu que "com inteligência, a política é a arte do possível", e concluiu dizendo que "temos que fazer escolhas muito claras" e que "não adianta confiarmos em soluções distantes dos fatos".

É realmente comum encontrar um romantismo exagerado na política. Muita gente se exalta defendendo os preceitos mais belos de justiça e igualdade, sem dar qualquer sentido prático para suas propostas. Por outro lado, é também usual ver o pragmatismo sendo exercido com exagero, fazendo muitos agentes públicos se transformarem em verdadeiros icebergs que não se emocionam por nada e ficam distantes da realidade do povo.

PARA NÃO PERDER A LINHA

O debate expôs duas opiniões válidas que podem coexistir na formação de um novo perfil político. O romantismo deve estar presente no coração de quem quer entrar na arena política. É preciso amar sua causa para encarar um meio tão deteriorado. Mas o pé no chão deve ser a tônica da sua prática. Fazer política requer um planejamento e uma maleabilidade para torná-la eficaz.

Os próprios jovens que lutaram há quase 40 anos pela liberdade na rua Maria Antonia e que hoje estão no poder (somando os governos de FHC e Lula, vemos que eles governam o país há mais de dez anos) podem servir de referência para essa reflexão. Hoje percebemos que muitos deles perderam a linha. Alguns românticos demais caíram na imobilidade da crítica vazia e utópica e outros pragmáticos demais se transformaram em reféns da arrogância tecnocrática.

É fundamental que uma nova geração de políticos, mais moderna e arejada que essa que hoje domina a cena, adote uma postura que contemple no mesmo caldeirão o idealismo, o sonho, a clareza e o pé no chão. É possível conviver com diversidade de opiniões de Xico Sá e Mino Carta. Sejamos românticos mesmo que nossos sonhos não se realizem completamente. Sejamos pragmáticos, sem perder a ternura.

***ALÊ YOUSSEF**, 30, ADVOGADO, É CHEFE DE GABINETE DA VEREADORA SONINHA FRANCINE. ELE AMA AS CAUSAS QUE DEFENDE, MAS, QUANDO É PRECISO, FIRMA MUITO BEM OS SEUS DOIS PÉS TAMANHO 41 NO CHÃO. SEU E-MAIL É ALEYOUSSEF@TRIP.COM.BR

VON
ZIPPER
JOEL
PARKINSON
SHAM
VONZIPPER.COM

Matheus Toledo
globe
MARCOS UBALDO

Tchaikovsky
Melodias
Selec.

AO VIVO,

FUNDADA HÁ 33 ANOS POR UM JOVEM CORREDOR UNIVERSITÁRIO, A NIKE É HOJE UMA DAS MAIORES E MAIS RECONHECIDAS CORPORAÇÕES DO PLANETA. ONIPRESENTE E FAMOSA PELA AGRESSIVIDADE NO MARKETING E NAS INVESTIDAS SOBRE ATLETAS E ASTROS EM GERAL, A MARCA SIGNIFICAVA ATÉ O FIM DO SÉCULO PASSADO UMA ESPÉCIE DE OLIMPO CORPORATIVO, O LUGAR DOS SONHOS PARA SE TRABALHAR, UMA ESPÉCIE DE CLUBE MISTURADO COM LABORATÓRIO E UMA PITADA DE ESCRITÓRIO. *TRIP* MANDOU UM REPÓRTER AOS CONFINS DO OREGON, PARA INVESTIGAR A QUANTAS ANDA O TEMPLO DE UMA RELIGIÃO CUJO MANTRA É "VENCER, CUSTE O QUE CUSTAR"

POR **BRUNO TORTURRA NOGUEIRA,** DE BEAVERTON (EUA)

DE NIKETOWN

Bill Bowerman, o "muso inspirador" da Nike, treina seus corredores do Oregon nos anos 60

Acima, Bill Bowerman, o dono do "espírito" da Nike, no fundo do quintal, pegando no batente para fazer tênis nos primórdios da empresa. No detalhe, a famosa máquina de waffle que moldou a sola quadriculada — a *eureka* de Bowerman

Um ônibus prateado acolhe 30 almas latino-americanas em uma estrada do Oregon. Os vidros escuros e o ar refrigerado enganam as cores e o cheiro dos pinheiros antigos cor de farda. A floresta nada hostil só é interrompida por casas de madeira, quase idênticas, ostentando bandeiras americanas ao lado das portas. Quando a velocidade cai em uma curva fechada, todos colam o rosto nas janelas.

Um swoosh.

É tudo o que há na pilastra entre duas largas passagens para automóveis na entrada da sede da maior empresa de esportes do mundo. Apenas o logo, hoje onipresente no globo, que representa mais do que uma marca – representa uma obsessão pelo primeiro lugar. O símbolo curvo, de pontas agudas, que custou 35 dólares, foi inspirado pela asa de uma estátua grega decapitada, hoje no alto de uma escadaria no museu do Louvre. A estátua da deusa da vitória, filha meio esquecida de Atenas – a deusa Nike.

REBELDIA CALCULADA

O ônibus segue por uma alameda de asfalto claro e perfeito. E pára. Ao redor apenas árvores, os pinheiros antigos do Oregon. À frente, um prédio de três andares, de paredes de vidro fumê e estrutura de metal branco. As 30 almas, quase todas jornalistas, descem do ônibus e começam a tomar notas ou filmar a bela paisagem. Steve Prefontaine é o nome do prédio por onde entramos na Nike. O primeiro atleta patrocinado pela empresa, um dos rostos e nomes que a marca eleva ao status de mito e abraça para representá-la. "Pre *[apelido de Steve]* não era um corredor, era um rebelde que gostava de correr", é como descrevem o atleta que defendeu o Oregon e depois os EUA. É como a própria Nike gostaria de se definir, parece – "não uma empresa, mas rebeldes que gostam de negociar".

O prédio Prefontaine guarda o museu Nike, uma sala refrigerada que acomoda nas paredes fotos do início da empresa, retratos dos primeiros atletas, *memorabilia* como primeiros protótipos de tênis, um contrato escrito à mão em um pequeno papel que representa a fundação da firma e uma série de textos e imagens para evocar a memória de Bill Bowerman, o técnico de corrida que teria inspirado um de seus alunos, Phil Knight, a criar a Nike. Bowerman foi um dos sócios originais da firma, e hoje, falecido, é o rosto que a Nike quer para si. Ele é o "mestre", "guru", o "espírito que os move". Dizem que é dele a obsessão original pela vitória, pela extrema dedicação ao objetivo maior – vencer, ser um "winner", "o" winner. Na parede do

prédio de Pre está a *eureka* de Bowerman, uma chapa elétrica de waffle. A lenda diz que o técnico estava em busca de uma sola melhor para os sapatos de seus corredores quando, instintivamente, suspeitou que a forma quadriculada do waffle poderia funcionar bem. Jogou borracha na chapa e moldou a sola que, segundo a Nike, melhorou muito a performance dos atletas. O aparelho culinário é citado nas palestras da empresa como a origem de outra obsessão que Bowerman perpetuou – a inovação constante em busca de uma performance melhor. É fato.

Mais de 5000 pessoas trabalham nos 16 prédios construídos quase todos ao redor de um lago natural de dois acres. O campus todo tem 175 acres (cerca de 700 mil m^2), a maioria de floresta original. Os prédios todos se parecem – baixos, brancos, envidraçados. Cada um leva o nome de um atleta que a Nike patrocina e faz força para transformar em mito. Michael Jordan, Lance Armstrong, Tiger Woods, John McEnroe, Pete Sampras e outros lendários. Ali, os funcionários entram às nove e voltam pra casa com o sol ainda de pé. Têm duas horas de intervalo para refeição, descanso e exercícios. Podem nadar na piscina aquecida ou freqüentar a academia de ponta, ou fazer aula de ioga, ou jogar futebol em um dos três campos. Ou podem correr – outra obsessão. "Não queremos dinheiro. Nós somos fissurados por corrida", é outra máxima usada à exaustão pela equipe da multinacional. Exagero, convenhamos, a primeira parte da sentença. Como uma empresa que não quer dinheiro fatura 12 bilhões de dólares por ano? Mas a segunda parte é fato – a fissura pela corrida.

Discretamente pelo campus, encravada entre as cheirosas árvores, serpenteia uma pista de 5 km, batizada de Michael Johnson, feita com a borracha de 100 mil tênis reciclados. A cada 500 m há uma bica d'água, e sempre há alguém correndo. Como faz com freqüência Tom Luedecke, 24 anos de idade, formado em desenho industrial e um dos mais destacados designers da Nike, responsável, entre outros calçados, pelo tênis customizado, personalizado e calçado por ninguém menos que Ronaldo, o fenômeno. Tom representa bem os dois pilares da empresa – a corrida e a inovação –, e trabalha das 8h30 às 17h30 no centro de pesquisas da Nike. Depois disso, Tom intercala natação, futebol, ciclismo e, claro, corrida.

COZINHA DOS SONHOS

Ao lado de uma biblioteca de design repleta de bonecos e referências de cultura pop japonesa (a nova "diretriz inspiradora" para os desenhistas da Nike) fica o laboratório. Uma sala enorme, secreta, onde a imprensa teve um breve e raro acesso, com as devidas restrições. Câmeras infravermelhas, pisos com sensores, programas de 3-D que reproduzem as minúcias musculares do pé, termômetros ultraprecisos e uma equipe de dez cientistas muito bem pagos para resolver problemas que para gente comum podem parecer frescura, mas, para um atleta, podem ser a diferença entre o pódio e o anonimato — suar um pouco menos, dar um impulso um pouquinho maior, ter uma sensação mais agradável quando o cadarço abraçar o pé. Aqui, nada disso é detalhe.

De cima para baixo: Phil Knight no fim dos anos 60, o aluno de Bill Bowerman que fez do mestre um milionário; filhos de funcionários da Nike batendo uma bola nos campos "Ronaldo" no meio do QG; a multidão laranja em Portland no final da Run Hit Wonder — sob o chamado da Nike, 10 mil pessoas saíram correndo por dez quilômetros em um domingo. Mês que vem, a marca quer repetir a dose em São Paulo

No mesmo prédio, e ainda mais secreto – este a imprensa não pôde visitar –, há o Inovation Kitchen ou a "cozinha de inovação", um outro laboratório, mais ligado com design e novas idéias. É o departamento xodó da empresa, o mais glamoroso e divertido. Seus funcionários são citados como pequenos gênios e suas mesas são bagunçadas e cheias de brinquedos. O trabalho ali é, basicamente, dar idéias.

Uma dessas mesas é ocupada diariamente por Tom Luedecke. "Meu trabalho é pensar o tênis de novas maneiras." Ele passa seus dias na prancheta, desenhando, ou refrescando as idéias pelo campus. Seu chefe, o chef da cozinha, Tinker Hatfield, deu uma palestra em frente a uma parede cheia de fotos com cinco jovens "globais". Um deles um garoto brasileiro, mulato, morador de uma favela, segurando uma bola de futebol. Robinho, se chama, xará do jogador agora galático. Ele veste Nike da cabeça aos pés. Na foto ao lado, uma garota mestiça, olhos puxados, linda. Um rapaz nórdico, de headphones brancos, iPod. E assim vai... Eles são os exemplos que a Nike tem para pensar em produtos. A imagem do cool que eles desejam para criar uma cultura global. E criam.

Hatfield elenca modelos que não deram certo, os que mais deram certo, conta como pensaram em novos paradigmas de solas e materiais e explica que está cozinhando hoje produtos para daqui a quatro ou cinco anos. Como um tênis esquisito, cheio de linhas coloridas e curvas, que, ao ser usado em velocidade, provoca um efeito ótico perturbador. Um efeito para distrair o adversário, tirar sua concentração. Tudo em nome da vitória. "Mas isso não seria antidesportivo?" "Hum, talvez sim, talvez não. É apenas uma idéia, por enquanto. Ainda estamos na fase de pesquisa."

As 30 almas latino-americanas trocavam olhares desconfiados quando o tal espírito de Bill Bowerman e os valores de Phil Knight eram invocados nas palestras da diretoria – a tal obsessão pela vitória. Já os funcionários da empresa não parecem desconfiar tanto. Os argumentos difundidos em anúncios milionários mundiais também seduzem os empregados da Nike. Não há uma só propaganda naquele campus, apenas rostos de esportistas mitológicos em placas de bronze. As pessoas fazem reuniões e podem trabalhar em laptops estiradas na grama. O refeitório tem mesas redondas ao ar livre com vista para os campos de futebol, onde seus filhos podem passar o dia, tendo aulas de esportes e chutando bolas prateadas ao lado de uma estátua enorme de Ronaldo. Quem quiser pode usar bermuda, e muitos dispensam os tênis que ganham ou compram pela metade do preço para usar chinelos de dedo. O extremo oposto do tipo de trabalho que inflama protestos pelo mundo, quando a Nike é acusada ao fabricar seus produtos em fábricas além-mar – as jornadas duplas, mal remuneradas, em países de Terceiro Mundo. As fábricas, que não pertencem à Nike, apenas "alugadas", conhecidas pelos críticos como sweatshops, foram alvo de uma série de denúncias, reportagens, livros e documentários nos anos 90. Entre eles o cultuado livro anticorporações *Sem Logo*, da canadense Naomi Klein, que foi até a Malásia e expôs condições mais do que precárias de trabalho nas fábricas. Ou o segundo filme de Michael Moore, pouco conhecido no Brasil, *The Big One*, em que o ácido cineasta põe Phil Knight, o dono da marca, na parede oferecendo uma passagem para a Indonésia, justamente para conhecer

FOTOS DIVULGAÇÃO

Do canto superior esquerdo, em sentido horário: fotos de jovens como referência de "cool"; Ronaldo, o fenômeno, em bronze, um dos atletas que a Nike eleva a mito; Tom Luedecke, designer da "cozinha" da Nike em sua mesa; bonecos japoneses na biblioteca de design — novas diretrizes para as próximas coleções

DIVULGAÇÃO

DADOS QUE ROLAM

- Mais de 23 mil pessoas trabalham para a Nike no mundo
- Vende seus produtos em 200 países
- Fatura mais de 12 bilhões de dólares por ano
- Ano passado lucrou 1,2 bilhão de dólares
- Está avaliada em 16 bilhões de dólares
- São três coleções de produtos por ano e cerca de 700 itens por coleção

uma das fábricas que produzem os produtos desenhados no Oregon. Como em qualquer empresa vencedora, polêmica é o que não falta ao redor dos 33 anos da história da marca.

O jovem Tom, que reconhece o privilégio que tem ao trabalhar no campus dos sonhos, pondera as pedras de Moore e Klein: "Acho que essas críticas precisam ser revistas hoje. Há alguns anos a Nike vem abrindo todas as fábricas no mundo para quem quiser visitá-las. As condições de trabalho melhoraram muito. É muito fácil criticar de fora, mas quem visita de fato uma fábrica, como eu fiz algumas vezes, vê que, comparativamente, os trabalhadores têm condições melhores do que o resto do país".

Luedecke demorou quase um ano de conversa para conseguir sua vaga na cozinha da inovação da Nike. E hoje não tem planos de deixar a empresa. Sem dúvida, ter um emprego naquele éden das corporações é uma medalha e tanto. Não se sentir uma engrenagem, mas parte de um time. Não de qualquer time, mas do vencedor, da equipe que sabe usar seu tamanho e força para se manter no lugar mais alto do pódio.

VANTAGEM

Em um dos corredores que levaram os convidados para fora da sede da Nike, há um saguão todo dedicado a Michael Jordan. Uma foto de 5 m ocupa uma parede inteira – o astro do basquete de costas, sem camisa, com os braços esticados na ho-rizontal. "Essa é a grande diferença dele para os outros joga-dores", explica um anfitrião da empresa, "ele tinha os maiores braços de todos". Na parede vizinha, um cartaz da nova linha de Nike Air Jordan coloca em palavras uma sensação que paira no ar daquele campus a todo momento, um sentimento polêmico, mas bastante sedutor: "Alguém vai ter uma vantagem injusta sobre os adversários. Você quer ser essa pessoa?". E ter essa vantagem parece ser a razão do sucesso da empresa que ressuscitou o nome que a vitória tinha há 5 000 anos, da empresa que não tem fábricas e cujo maior produto é um ideal – a própria marca.

Um swoosh.

À esquerda, Steve Prefontaine, o "Pre", imagem do atleta rebelde que a Nike tanto quer puxar para si. Abaixo, a patriótica piscina para os funcionários e, na grama, aula de "soccer"

GRANDES NEGÓCIOS OU

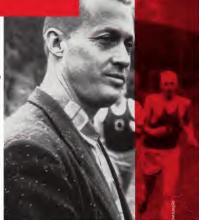
CARTEIRA ASSINADA E BANDEJÃO OU TRABALHO AUTORAL E INFORMALIDADE? MEGACORPORAÇÃO OU UMA EMPRESA ENXUTA? VOCÊ LEU SOBRE A NIKE; VAI LER, NA PRÓXIMA MATÉRIA, SOBRE A MORMAII. CADA UMA NUM EXTREMO. ENTRE AS DUAS, O CONSULTOR LUIZ FERNANDO GIORGI ANALISA COMO PESOS PESADOS DO MUNDO CORPORATIVO SE MEXEM PARA NÃO PERDER TALENTOS PARA ORGANIZAÇÕES MAIS LEVES. E VOCÊ, VAI OU FICA?

DIVULGAÇÃO

Há 20 anos os estudos de clima organizacional que medem o grau de motivação dos chamados "colaboradores" nas grandes empresas no Brasil comprovam que as pessoas mais entusiasmadas são aquelas que ingressaram na empresa entre os últimos 12 e 18 meses. Depois a motivação vai caindo e só volta a ser melhor, na mesma empresa, após uns 15 anos. Desconfio que esse prazo está rapidamente mudando para 6 a 12 meses, e que a quantidade de jovens que no futuro irá compor a amostragem com mais de 15 anos vai diminuir. Ou, pior, será composta por uma esmagadora maioria de medíocres.

As grandes corporações, salvo honrosas exceções, desenvolvem uma capacidade inconsciente de assassinar nosso ímpeto. Faça este teste, pergunte a si mesmo quantas vezes você já foi testemunha ocular do assassinato de algumas idéias ou pensamentos *a priori* interessantes? E quantas vezes você mesmo não os cometeu, seja com outros, ou, pior, consigo? Suicídio? Exatamente. É possível que você seja um serial killer ou até um suicida contumaz de impulsos criativos.

As conseqüências dessa inexorável tendência são duas. A primeira é uma decrescente motivação e entusiasmo durante o chamado horário de trabalho, compensada por momentos de surpreendente impetuosidade nos horários fora do trabalho. Repare bem na energia existente no happy hour, na academia, no jogo de futebol ou nos hobbies e manias que cada um acaba desenvolvendo. Por essa razão é que eu digo: o que seria do mundo se não existissem os bares, os(as) personal trainers, as baladas e os juízes de futebol?

A outra conseqüência é a empresa perdendo um possível profissional de destaque, aliada à renovação de esperança por parte deste que buscará o que sente falta em outro lugar. Empresas que afirmam que as pessoas são seu maior ativo e que a capacidade de inovar é um de seus valores fundamentais precisam, urgentemente, resgatar o ímpeto criativo existente no ser humano, principalmente nos jovens. A morte de uma empresa ou de "nós-profissionais" começa quando, sem perceber, vamos perdendo nossa capacidade de dar vazão aos nossos impulsos criativos. O tempo deverá, sim, aperfeiçoá-los, mas não inibi-los.

MUITO ALÉM DA SALA DE GINÁSTICA

Tenho o hábito de trocar muita figurinha com executivos(as) sobre as questões profissionais e da vida como um todo. Nos últimos anos, tenho notado um número crescente de pessoas que manifestam uma grande insatisfação com os ambientes corporativos. Para ilustrar, coletei as seguintes frases...

Empresa nacional: "O chefe está impossível e não pára de se meter em tudo"; "Minha empresa foi comprada e está uma confusão total"; "Com esta crise teremos que mais uma vez rever o orçamento".

Empresa multinacional: "Não agüento mais tanta viagem"; "Você acredita que fizeram mais uma reestruturação e agora tenho três chefes, pior de tudo, nenhum decide nada?".

Imagine só esses questionamentos todos acrescidos de

PEQUENAS EMPRESAS?

Nas cenas acima, Bill Bowerman e Morongo construindo nas mãos o que viria a ser a Nike e a Mormaii. Duas empresas de esporte: uma a definição de corporação, a outra uma empresa familiar

uma jornada média de 12 a 13 horas diárias, sem contar as esperas em aeroporto e trânsito. Some isso à queixa constante dos filhos e dos cônjuges pela ausência em casa, falta de atenção pelas questões familiares etc. Em suma, a vida de um ser corporativo é um inferno, cercado de um aparente glamour. Escritórios de última geração, carros importados, hotéis maravilhosos, palestras, seminários e, evidentemente, uma bela grana no fim do mês. Ah, esqueci daquele que, logo após o Papai Noel, é o sujeito mais aguardado ao longo do ano – o tal do bônus. O fato é que, apesar dessa luxúria corporativa, a turma não está agüentando. Em algum momento esse(a) profissional pára e se pergunta: "Será que estou feliz com isso?".

Acredito que os profissionais, sejam eles executivos ou não, trocarão as corporações por novas formas de realização profissional em busca de felicidade. Mas é importante entender que não se trata somente da saturação em relação ao excesso de trabalho, ou do stress gerado pelo chefe ou pela matriz. Com isso até que eles acabam se adaptando e criando seus mecanismos de defesa. O que gera é uma inquietação para muitos na ausência de um significado maior naquilo que estão fazendo. Pessoas necessitam sentir que aquilo que está sendo realizado irá ajudar alguém de alguma forma, uma causa, um grupo de pessoas, uma sociedade etc. Esse sentir gera uma energia que permite às pessoas tolerarem os tormentos corporativos. Poucas são as empresas que estão genuinamente atentas e engajadas na construção desses significados. A

GRANDES CORPORAÇÕES, SALVO HONROSAS EXCEÇÕES, DESENVOLVEM UMA CAPACIDADE INCONSCIENTE DE ASSASSINAR NOSSO ÍMPETO

busca pelas metas de vendas, de custos, do budget, pela valorização da ação etc. são implacáveis e compreensíveis, porém os líderes que não souberem construir significados que toquem os valores da maioria de seus profissionais, fazendo-os se sentir contribuindo com algo maior que lucro, não conseguirão reter os mais exigentes – e que em geral são os melhores talentos.

Precisamos, urgentemente, aprender a mudar o jogo interno das empresas, caso contrário, além da dificuldade de retenção, as corporações terão também dificuldade em atrair talentos, principalmente os jovens. Essa nova geração é muito mais exigente quanto às questões de qualidade de vida e identificação com causas e significados do que as gerações anteriores. Iniciativas tais como academias de ginástica, horários flexíveis de trabalho, espaços para esportes e lazer, salas de descompressão etc., sem dúvida, ajudam a melhorar o ambiente físico e o bom humor no trabalho. Mas isso não basta. É preciso tocar as pessoas em seus valores e causas, proporcionar emoções positivas e não somente suor e esforço. Dedicar dois terços das nossas vidas ao trabalho não é brincadeira, é muito tempo, tem que valer a pena. Portanto, empresas, líderes e colaboradores nas organizações, acreditem: A EMOÇÃO TEM QUE SER PRA VALER.

Luiz Fernando Giorgi é consultor e dono da LFG Assessoria em Gestão Empresarial. Seu e-mail é giorgi@lfgassessoria.com.br

ENQUANTO ISSO,

EM VEZ DOS MANUAIS DE ADMINISTRAÇÃO, UM ESTETOSCÓPIO, NO LUGAR DO *BUSINESS PLAN*, UM VIOLÃO VELHO E UM LONGBOARD. COMO CENÁRIO, A ENTÃO PEQUENA VILA DE PESCADORES TÃO LINDA QUANTO FRIA CHAMADA GAROPABA. DESCUBRA COMO UM MÉDICO, MÚSICO E HIPPIE CRIOU À SUA MANEIRA, 30 ANOS ATRÁS, UMA DAS MAIORES MARCAS BRASILEIRAS DE ESPORTE. E TUDO COMEÇOU COM PEDAÇOS DE BORRACHA COSTURADOS "NA MÃO GRANDE", PARA PERMITIR O SURF NAS ONDAS PERFEITAS E GELADAS DO LITORAL SUL BRASILEIRO

POR **CASSIANO ELEK MACHADO,** DE GAROPABA (SC)

Acima, Morongo fazendo test drive de um de seus wetsuits no Chile, em 1997; ao lado, posando de Morongo Kid, em Garopaba, no comecinho dos anos 70, antes de mudar-se para a cidade e redefinir a temperatura do surf brasileiro

EM GAROPABA

"OU EU FAZIA SEXO OU IA PRA DENTRO D'ÁGUA. E A ÁGUA ERA MUITO FRIA"

Até os cachorros sabem como encontrar Morongo em Garopaba. Essa era a indicação que o próprio Morongo enviou por e-mail para a *Trip*, que pretendia entrevistá-lo nessa cidade praiana de Santa Catarina. Até os cachorros sabem como encontrar Morongo, pensava pelas ruas cheias de lama de Garopaba, enquanto cruzava sem sorte com três vira-latas, um pitbull e algo parecido com um poodle, todos eles calados. Um homem passa de bicicleta. Jovino é o nome do pedreiro, 42 anos morando na cidade. "A casa dele fica para lá dos morrinhos, aquele farol ali", aponta, sem hesitar, para uma construção no topo da colina. Um farol. É mais ou menos assim que é conhecido por ali o morador daquela construção em forma de torre, que pela noite lança uma luz estridente no escuro do mar. Desde que chegou por ali, no então nanico vilarejo catarinense, Morongo é associado de alguma forma com "luz". Era 1974 e Garopaba tratava seus doentes em cidades vizinhas. Até a chegada daquele hippie cabeludo gaúcho, recém-formado em medicina. Sem dinheiro ou emprego, ele vestia o jaleco, a bermuda e o chinelo e trocava saúde e amostras grátis de medicamentos por uma meia dúzia de ovos ou uma tainha recém-tirada do mar. Era lá, no mar, por sinal, que passava o resto do tempo. As ondas bem talhadas e naquele tempo quase nunca surfadas é que haviam levado o doutor para aquelas praias. Desde os anos 60, quando Marco Aurélio Raymundo já era Morongo, graças a seu rosto rosado e com sardinhas que lembrou a alguém um morango, o surf era seu grande passatempo. Nem os teclados que tocava em bandas de rock progressivo gaúchas, como a Saudade Instantânea, lhe eram mais caros. Naquele início de anos 70 isso lhe parecia ainda mais claro. Pediatra iniciante, ralava fins de semana e plantões, horas e outras tantas horas, e alguma coisa parecia não fazer sentido. "Em Porto Alegre trabalhávamos como cavalos o ano todo para podermos passar 15 ou 20 dias na praia. Até que pensei: pô, bicho, não preciso tirar férias, minhas férias vão ser no ano inteiro. Se eu conseguir o suficiente pra comer, valeu." Lá foi ele. E Dr. Morongo, já vimos, conseguiria ovos e tainhas. Além do mar quase todo só dele.

Mas no meio do caminho havia a geografia. As correntes de águas do Brasil e das Malvinas teimavam, como ainda o fazem, em se encontrar bem ali em Santa Catarina. Volta e meia a água ficava gelada feito vodca, inviável para animais-verão.

Garopaba não conhecia a eletricidade. Não havia TV, tampouco cinema, teatro, casas de show. Sobravam poucas fontes de lazer. "Ou eu fazia sexo com minha mulher ou ia pra dentro d'água. E a água era muito fria. Tinha que inventar alguma coisa pra poder curtir o mar." Foi a partir dessa idéia que o médico cabeludo começou a operar uma cirurgia no surf brasileiro. Uma história que vem de léguas submarinas.

Nos anos 40, o crescente Império Americano precisava mergulhar nas profundezas, para proteger e atacar. E um tal Hugh Bradner quebrou o galho da Marinha dos EUA. O designer e físico da Universidade de Berkley criou um traje que mantinha o corpo aquecido muitos metros abaixo do mar. E foi com roupas de mergulho como essa que Morongo topou nos anos

Primeiros clientes de Morongo em Torres, praia da Guarita, ainda nos anos 60, com os trajes de surf quenquen, roupinhas listradas de tecido sintético que o futuro criador da Mormaii elaborava para driblar o frio das águas gaúchas; à dir., do alto para baixo, Morongo já nos anos 70, todo pimpão com um de seus primeiros wetsuits Mormaii; ele exibindo uma garopa em pescaria em Garopaba, com o irmão Moronguinho (futuro astro do motocross brasileiro), de máscara de mergulho, o pescador Jair e a irmã Maria Cristina; e ele encostado no Volvo de seu pai, em 1964

70 no sul da Argentina, quando tirava umas férias de sua Garopaba e rodava a América Latina pegando carona. Pegou carona. Virou instrutor de mergulho turístico de uma empresinha de um "hermano" seu, que também confeccionava as roupas para tal empreitada em uma fabriqueta ao lado. "Lá aprendi a cortar, a colar, a analisar materiais e ver de onde é que vinha. Mas era pra fazer roupa de mergulho. Era outra batida. Porque a roupa de mergulho não tem nada que ver com a roupa de surf. Era um material muito duro."

Mais adiante descobriria a existência do rubatex, um neoprene mais maleável, que lhe permitiria empregar seu know-how a serviço das ondas. Na "mão grande", como ele diz, cortou, colou e costurou seus trajes de surf.

Os comparsas de ondas não tardaram a compor uma fila na porta de seu casebre. "Era um tal de 'faz uma pra mim aqui, faz uma pra mim lá'." Um dia um sujeito chamado Felipe mandou um "Pô, bicho, faz dez roupas que meu pai tem uma loja e eu quero colocar elas lá". Costurar dez roupas na mão, sem máquinas apropriadas, era trabalho. Fez. "Não demorou muito, o cara voltou e disse: 'Pô, vendemos tudo. Agora faz 50'."

Morongo decidiu ir atrás de alguma máquina para costurar borracha. Não havia. Adaptou uma, originalmente para sapatos. E assim foi tramando o que dois anos depois viria a ser a Mormaii, a maior empresa do país e uma das grandes do mundo no ramo de artigos para surf e outros esportes primos.

Três são os elementos por trás do nome Mormaii. O "Mor" não é difícil imaginar de onde foi tirado. O "ma" é de Maira, sua primeira mulher e mãe de dois dos seus três filhos. Os dois "i" no final vêm, claro, da terra do surf, o Hawaii.

É para lá que se mudou Maira, quando o casamento acabou ("tomei um pé na bunda", relembra). Morongo nem precisaria mudar o nome da sua firma. Casou-se lá se vão 19 anos com Marisa, mãe de sua terceira filha e parceira de Mormaii.

Os três (mais uma dupla de alegres cãezinhos brancos fofinhos e quatro pastores alemães) dividem o casarão-farol de tijolos aparentes, todo decorado com objetos do Taiti, Indonésia, Hawaii e onde quer que existam ondas grandes; na garagem, umas 15 pranchas, muitas ainda besuntadas de parafina.

Aos 56 anos, o dono da casa surfa sempre que seu pedaço de oceano Atlântico permite. "Hoje mesmo eu estava surfando", diz. "Mesmo porque eu sou um dos pilotos de teste, né? A coisa tem que ficar boa pra mim." A "coisa", bem entendido seja, é a

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

roupa de surfar. Os wetsuits representam hoje, segundo o "piloto de testes" e dono, uns 4% do faturamento atual da empresa. Todos os anos os óculos brigam com os relógios para ver quem dá mais grana. Os calçados agora correm por fora na luta pela maior fatia do Produto Interno Bruto da Mormaii.

A maior parte dos mais de 1500 produtos que hoje são feitos com o símbolo de dois braços cortados por uma espécie de flecha (Morongo é capaz de falar por meia hora sobre o logotipo, que ele mesmo desenhou, e que representa, entre outras tantas coisas, um pênis atravessando uma vagina) é licenciada, produzida por outras empresas. Na fábrica própria, a Mormaii produz basicamente o seu DNA, os trajes de neoprene. Os coletes, botinhas, jaquetas, luvas e outros apetrechos surfísticos são feitos com matéria-prima de uma indústria vizinha, da qual o empresário é sócio. "Somos os únicos fabricantes de wetsuits do mundo que fazemos nosso próprio neoprene."

Não é só nisso que Morongo diz que a empresa criada em 1979 (e por dez anos detentora de uma espécie de monopólio da produção nacional de wetsuits) se diferencia das Billabongs, Quicksilvers, O'Neills e outras gigantes gringas. Diz Mr. Mormaii que sua marca é a única que tem no catálogo vestimentas para todos os grandes esportes que envolvam água, do jet ski ao kite surf, do triathlon ao mergulho.

Se no começo o dono da empresa catarinense "cortava, colava, costurava, empacotava, remetia, dobrava, sabe como é que é?", hoje trabalha "apenas como catalisador". "Vou lá porque gosto, vou porque lá é parte da minha vida, aquilo ali é um filhote meu."

"Lá" é a fábrica, na entrada de Garopaba. Só "lá" trabalham cerca de 200 pessoas. Diz a pesquisa Data*Trip* improvisada, feita pelas ruas enlameadas da cidade, que eles são felizes, que gostam do patrão. Jovino, o pedreiro que andava de bicicleta lá em cima do texto, nunca trabalhou com Morongo, mas se declara "fã de carteirinha" do homem. "Como médico ele atendeu várias vezes meus pais", conta o pedreiro. "Ele é muito querido por aqui. Pode perguntar para qualquer um." Só não tente perguntar aos cachorros. Os cães de Garopaba não latem.

À esq., Morongo em primeiro plano e seu primeiro filho, Flávius, hoje com 30 anos; no meio, honrando as tradições gaúchas, em 1958; na ponta direita, ele dedilha um violão para a primarada e o cão perdigueiro; abaixo, esticando seu wetsuit antes de pular no mar

ADO HENRICHS

NÃO PROMISCUIDADE — CUMPRIR OS
COMPROMISSOS ASSUMIDOS, CONTABILI-
DADE EM DIA, ETC... E TER PERSISTENCIA
NOS OBJETIVOS —

PATANJALI
PACIFICIDADE — NÃO COMPETIÇÃO - HARMONIA
NOS INTER RELACIONAMENTOS
VERDADE = SABEDORIA — CONHECIMENTO DO EU
PRODUTOS OK
NÃO GANANCIA — N AVARENTO ⇒
TROCAR O EU PELO NÓS — ATOMÍSTICO ⇒ PELO HOLÍSTICO

No pé, faz alongamento pré-surf. Abaixo, exibindo sua bicicleta, ao lado do irmão Jayme, em Barra do Ribeiro (RS), em 1956; ao lado, bilhete com as quatro lições de felicidade de Patanjali

ARQUIVO PESSOAL

O TAO DO SURF

Mais do que o surf, mais do que roupas de borracha, mais do que a medicina ou a música, o grande assunto para Morongo, hoje, é "expansão de consciência". O ser humano, defende, não enxerga mais do que uma águia, não corre mais que um cavalo, tem dentes menores do que os de tigres e arranha menos do que qualquer gato vagabundo. "Fisicamente perdemos para quase todos os animais. A única coisa que nos diferencia deles é isso aqui. Nós estarmos conversando e termos consciência. Nada é mais importante para o bicho-homem do que o aumento do nível de consciência. Ponto." Ponto nada. As reflexões do empresário podem se desenovelar por horas. Passam por física quântica, budismo, ecologia e contracultura. Partindo da tradicional divisão chinesa de princípios fundamentais do universo, yin-yang, Dr. Morongo diagnostica a febre do planeta Terra. "O nosso mundo tem um desvio terrível para o yang, o hemisfério machista, agressivo, competitivo e expansivo."

Hippie assumido, o "capo" da Mormaii diz que sua empresa é yin, como o surf. "É um mundo cooperativo, pacifista e conservador." Mas, Morongo, a Mormaii não é competitiva à beça? "Sim, mas se você viver só no mundo yang vai viver para a competição, para a grana, e caixão não tem gaveta. Mas se você ficar só no yang tu vai ser um merda, ficar vendendo chinelinho de couro, fumando maconha, não vai colaborar com a comunidade." O grande desafio, diz ele, é trilhar o caminho do meio. E o caminho do meio é, voltando, aumentar o nível de consciência de todos os envolvidos no processo, dos funcionários aos clientes. Na Mormaii, aplica a divisão dos níveis de consciência elencadas pelo americano Ken Wilber em livros como *Boomerit* (ed. Madras), que vai do estágio zero, do bebê que só percebe o seio da mãe, até a consciência cósmica. Mr. Morongo aplica essas categorias, cada uma com suas características, nas coleções de roupas Mormaii. Mr. Morongo faz "meetings" sobre isso com seus funcionários. Mr. Morongo acredita que só esse tipo de conscientização pode salvar a Terra de sua febre. Mr. Morongo fica tão empolgado ao falar sobre esses temas que, na manhã seguinte à da entrevista, apareceu no café-da-manhã do repórter, no hotel, com mais detalhes nas mangas. Aproveitou e rabiscou (acima) os quatro preceitos desenvolvidos pelo mestre ancestral da ioga, Patanjali, que resolvem a maior parte dos problemas do homem, a saber "pacificidade", "verdade", "não-promiscuidade" e "não-ganância". Anotado?

ADO HENRICHS

Agradecimento: Pousada da Lagoa (Garopaba /SC) tel (48) 254-3201 www.pousadadalagoa.com.br

GSM BRASIL: 11 3618 5600
KUSTOM
JOEL PARKINSON
Parko.
KUSTOM™
Purpose Built Footwear

Red Nose
X-treme Sports
High Performance
BoardShorts

AINDA

Cris Noronha começou tarde. Tinha 19 anos quando posou pela primeira vez. Para qualquer modelo seria inviável estrear com idade de veterana. Mas a beleza dessa garota criada em Niterói prova que o tempo, de fato, é relativo

POR **BRUNO TORTURRA NOGUEIRA** ENSAIO **MARCIO SCAVONE**

É CEDO

Em casa a linha era dura. Por isso sua ultrajante beleza tardou a vir à tona

Foi seu primeiro namorado, mas ela não diz o nome. Tinham, os dois, 15 anos, mas para o pai dela era quase um escândalo. No primeiro encontro o rapaz teve que se apresentar devidamente à família de sua pretendente. Ela mal o reconheceu quando apareceu à sua porta pálido, suando, de camisa para dentro da calça e óculos. Meu Deus, ela nem sabia que ele usava óculos. O pai sentou-se na poltrona, de frente para o pobre garoto, e emendou meia hora de sermão e de severos conselhos antes de deixar o emocionalmente implodido rapaz acompanhar sua filha mais nova, Cris, ao cinema.

Em casa a linha era dura mesmo. Não foi à toa que a morena de olhos doces destas páginas demorou em fazer de sua ultrajante beleza uma carreira. Somente com 19 anos, quando o pai voltou a viver em sua fazenda no interior do Rio, que Cristiane Noronha, a Cris, pôde aceitar um dos muitos convites que recebia há anos – fazer um book. Talvez por isso ela não tenha nada do discurso ou da rotina típica de modelos.

Fala mansa, mansa. Olha no olho, sorri devagar. E se encolhe levemente de timidez muitas vezes durante a entrevista. Aos 22 anos, está feliz de posar para as fotos deste ensaio. Ela mesma procurou a *Trip*. Como poderíamos recusar? Só que para Cris não foi assim tão fácil. Não tirava a família da cabeça, as pessoas que iriam vê-la na capa da revista. Nessa hora parece que sua carreira foi tão rápida, ela pensa. Mal fez o book e, conforme as previsões, choveu trabalho. No Rio de Janeiro, onde começou, se tornou musa sem esforço. Venceu em 2004 o tradicional concurso Musa JB, promovido pelo *Jornal do Brasil*. E, há seis meses, deixou a casa da mãe em Niterói, onde passou a adolescência toda, para viver em São Paulo. Trabalho, como sempre, torrencial.

O dinheiro ela poupa, garota sabida. Não fala quanto, mais sabida ainda, mas junta para uma casa e para voltar a Niterói e montar um negócio com a mãe. Aliás, trabalhar com a mãe era o que fazia antes dos holofotes – ajudava na loja de roupas em um centro comercial da cidade.

Como uma garota do interior que é, Cris avermelha-se
ao falar de namoro, ou sexo. Melhor não

ANTIBOMBA

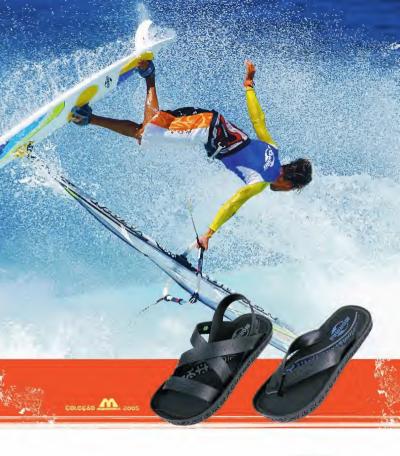
O corpo perfeito aqui impresso está em fase de retração. Há pouco tempo músculos mais duros e rasgados contornavam Cris. Tudo por uma obsessão com corrida e exercícios que começou no colégio. Era magrinha de tudo e invejava as garotas gostosonas cariocas. Até que uns amigos marombados chegaram com a idéia: "Toma umas bombas, Cris. Tu vai ficar sarada rapidinho". De jeito nenhum. Pelo menos a idéia da fácil saída química a fez enfiar os pés na academia. Em meses, a moça de braços quebradiços era uma potência. Até demais. Ficou muito forte para fotos de moda e parou de investir nos músculos. Hoje Cris só queima nas esteiras as calorias que ingere à vontade, sem culpa.

Como uma garota do interior que é, Cris avermelha-se ao falar de namoro, ou sexo. Melhor não. Só confirma que namora, sim. Está apaixonada, sim. E nem tente nada com ela, por favor. Mas, se quiser tentar mesmo assim, nem procure por ela em boates. Não gosta. Prefere ficar em casa escutando Norah Jones. Mas há uma chance boa de trombá-la em um show do Daniel. Sim, do Daniel. Ela gosta mesmo do muso sertanejo, a ponto de deixar o namorado enciumado com seus gritos de "Lindo! Lindo!" durante um show do cantor. Chega até a lacrimejar de emoção, o que faz com freqüência. Chora por saudades dos pais, chora quando os encontra. Chora de medo do trabalho, de tristeza, de alegria mesmo. E saber disso de olhos como os dessa dama comove até o mais cínico dos repórteres. Dá pra invejar o namoradinho que tomou sermão do pai. Dá pra invejar até o Daniel.

coordenação e produção **Kika Paulon** estilo **Miki Shimosakai** produção de moda **Miwa Shimosakai** assistente de fotografia **Érico Padrão** make/hair **Alê Tierni** (Glloss)

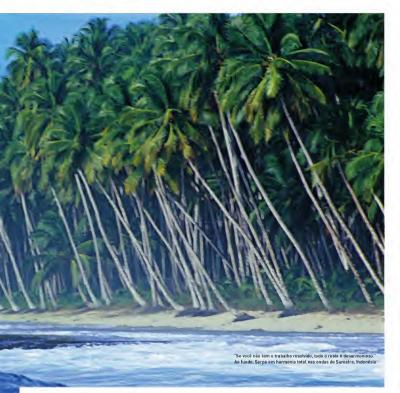
créditos Any Any 0800 7703288 Dindi (11) 3331-1988 Empório Naka (11) 3842-6048 H.Stern (11) 3673-2600 Marcyn (11) 3868-5252 Nakombi (11) 3845-9911 O Elefante Esportivo (11) 3326-7676 www.oelefanteesportivo.com.br Tatiana Duarte à venda no Estúdio Vintage (11) 3082-5466

Segundo a Teoria de Gaia, a terra não é um planeta morto, feito de rochas, oceanos e atmosfera inanimadas, meramente habitado pela vida. A Terra é um ser planetário vivo, um organismo vivo. A superfície da Terra, que sempre consideramos o meio ambiente da vida, é, na verdade, parte da vida. E essa nova forma de perceber o planeta gera poderosos efeitos sobre a atitude das pessoas em relação ao meio ambiente natural.

Para melhor interagir com o planeta a Mormaii lançou uma nova e revolucionária linha de sandálias: a coleção Moorea. O estilo foi inspirado na arte dos polinésios habitantes da ilha de Moorea no Tahiti e desenvolvida com tecnologia HIDRO em polímeros de alto desempenho. Note a borda flexível na sua parte frontal!!! Ela serve para a proteção dos seus dedos além de melhorar aderência dos pés em suas caminhadas sobre o planeta. ..vai nessa.

HORA EXTRA

ELE DROPOU A ONDA MAIS DISPUTADA DOS ANOS 80: A PUBLICIDADE. DEIXOU O SOL DE IPANEMA E BUSCOU NAS RETAS CORRETAS DO DESIGN ALEMÃO A FORMAÇÃO EM DIREÇÃO DE ARTE QUE O LEVOU A ESCALAR OS MAIS ALTOS DEGRAUS DA CARREIRA QUE CAUSAVA SENSAÇÃO EM NOVE ENTRE DEZ VESTIBULANDOS NAS DUAS DÉCADAS PASSADAS. AVESSO AOS COQUETÉIS E REGA-BOFES QUE PONTUAM A PROFISSÃO, MARCELLO SERPA, SÓCIO-DIRETOR-GERAL DE CRIAÇÃO DA ALMAPBBDO, PREFERE PEGAR ONDAS VERDES E LISAS NA SUMATRA A LUSTRAR SEUS LEÕES DE OURO E SEU EGO EM VERNISSAGES E COLUNAS SOCIAIS. VEJA COMO PENSA (E COMO SURFA) UM DOS MAIS RESPEITADOS NOMES DA PUBLICIDADE NACIONAL

POR **PAULO LIMA** FOTOS **MARCINHO DAVID GOMES**

"Se você não tem o trabalho resolvido, todo o resto é desarmonioso." Ao fundo, Serpa em harmonia total nas ondas de Sumatra, Indonésia

Qual é o peso do trabalho quando você pára para avaliar a sua própria felicidade?

Acho que é peça fundamental. Para mim, um momento-chave para qualquer um é aquele em que você escolhe algo para fazer da vida e tem consciência de que não mudará mais. Você define um caminho, você consegue andar nesse caminho, você segue firme em alguma direção. Ter escolhido um trabalho no qual dei certo me deixa livre para ser feliz no amor, na família, nos hobbies, me permite perseguir as coisas que gosto de fazer. Se você não tem o trabalho resolvido todo o resto é desarmonioso.

Quando se depara com o que se costuma chamar de sucesso, muita gente imagina que o caminho tenha sido fácil, cai no "ah, o cara nasceu com um puta talento, saiu desenhando e de repente tinha uma agência"...

Acho que em todas as atividades as pessoas menosprezam o sucesso. É o famoso "vê as pingas que eu tomo, mas não os tombos que eu levo". Muitos não enxergam o preço altíssimo de tomar decisões, preço que tem de ser pago em algum momento da sua vida. Quando eu tinha 18 anos sabia claramente: quero estudar fora e vou fazê-lo. Enquanto muitos amigos meus estavam na balada eu estava na Alemanha estudando, ralando, trabalhando feito louco, varando madru-

Por que o surf? "Tem a ver com esse lado não competitivo do surf, o de pegar uma onda pelo simples prazer de pegar onda, sem ninguém estar olhando..."

gadas como assistente do assistente do assistente do diretor de arte. A capacidade de abrir mão de um monte de coisas em função de um foco é algo que te realiza. Sentia que fazia o que queria, então nem olhava para o lado. Ia reto. Essa certeza me ajudou muito porque eu pude ser completo, inteiro, e ter um caminho só.

Conseguir ter esse foco é vocação ou dom?
Acho que as pessoas desistem muito facilmente. Quando aparece algum obstáculo, algo que não é a parte brilhante da profissão, elas desistem e começam a olhar para os lados, a pensar no "e se fosse?". Essa frase é complicada. É muito legal sonhar, mas só existe sonho se você conseguir realizar. Não fico no sonho, eu quero fazer – eu fui fazer. Esse foco não tem a ver com dom ou talento, é perseverança. Eu sempre fui muito focado nisso.

As pessoas que atingem um patamar profissional alto costumam se queixar de não serem donas do próprio tempo. Há quem sustente que hoje em dia ter tempo é um dos maiores sinais de riqueza. Você concorda?
Sim. Fico frustrado em não ter tempo, mas também crio o tempo, aprendi muito cedo a fazê-lo. Quando você é moleque, tem entre 20 e 30 anos, você administra muito mal o seu tempo. O foco e a concentração no trabalho me fizeram deixar de lado uma série de coisas que me prejudicavam na vida pessoal, me atrasavam em um monte de coisas. E assim você aprende a decretar as suas prioridades. Para mim, isso significa não ir a eventos ou festas indesejáveis. Vou só naquilo que me preenche. Para o resto, simplesmente digo não. Acho que a maior conquista do ser humano é conseguir falar não.

Você pensa em parar de trabalhar?
Penso. Na verdade acho que vou trabalhar para o resto da vida, mas o grau de responsabilidade pode diminuir. Hoje dirijo um Fórmula 1. Manter essa equipe ganhando pede um dispêndio de energia muito grande. Um dia quero não ter a responsabilidade de ser campeão.

Se tivéssemos um reloginho medidor de prazer instalado em nossas testas em que períodos do seu dia você acha que ele bateria no talo?
Não tem a ver com o horário do dia, mas com a realização de algumas coisas. Os momentos mais felizes são: 1) quando consigo ter uma idéia, e vejo que tem ouro ali; 2) quando vejo as pessoas de minha equipe chegarem a esse ponto; 3) quando as coisas se concretizam, porque o fundamental é a concretização da idéia.

Como você reconhece um profissional de talento quando às vezes nem ele sabe que tem esse potencial?
Em criação você pode falar o que quiser, mas você é aquilo que produziu ou produz. O contato pessoal para mim é secundário. Em qualquer aspecto de produção criativa, seja na fotografia, na direção de arte ou na redação, é o raciocínio impresso, concreto, que faz um profissional ser bom ou não. Às vezes o cara tem 20 anúncios ruins, mas tem um raciocínio tão diferente, o que eu chamo de visão lateral das coisas, que me interesso por ele. Tenho um redator na agência que não consegue abrir a boca. Em uma entrevista de emprego ia ser o último a ser contratado. Mas na frente do computador ele faz coisas incríveis.

Muita gente deposita nas costas da publicidade uma culpa enorme. Generalizando, o que se ouve é que a publicidade vende a idéia de que comprando muito você pode ser feliz. O fato de você ter uma postura pessoal meio oposta a isso não te cria conflitos pessoais?
Já tive isso mais resolvido. Hoje me irrita um pouco o excesso de propaganda. Fico irritado quando vou ao shop-

ALEXANDRE DE OLIVEIRA/PROPAGANDA & MARKETING

...acima, Serpa em layout sorriso pós-surf; "trabalhando" com foco na Sumatra; e na Cannes de 2001, ao lado de Bob Isherwood, presidente do júri do festival

ping e o estacionamento tem o nome de um refrigerante, e não D4. Existem limites para a propaganda. Ela sempre teve uma relação aberta com o consumidor, no sentido de que as pessoas estão assistindo a propaganda e elas sabem que ali por trás existe um publicitário, uma empresa declaradamente vendendo alguma coisa. É como quando você vai à feira e tem um cara falando que o tomate dele é o melhor que São Paulo já produziu. As pessoas sabem que aquilo não é preciso, mas é algo muito aberto. Não gosto quando a propaganda começa a ser invasiva: as malas diretas que enchem os computadores, o excesso de outdoors, os pop-ups na Internet.

Você ganhou dezenas de prêmios em Cannes e em outros festivais top. No que isso contribui para a sua felicidade?
Já contribuiu mais. Acho que fui muito sortudo porque ganhei um Grand Prix em Cannes, a maior realização mundial da minha profissão, aos 29 anos. Lembro de ter pensado na época: e agora? Alcancei o inalcançável cedo demais, o que me deu muita liberdade. Se não tivesse ganhado talvez fosse mais ansioso, porque sou extremamente competitivo. Mas sempre mostro para a minha equipe que se você quer ganhar você não ganha. Você ganha quando menos espera. O prazer e a liberdade são importantes. Quem brinca consegue as coisas com mais espontaneidade e é isso que te fará ganhar.

Em algumas das suas peças publicitárias a influência do surf é explícita, como naquela da Pepsi com jogadores de futebol surfando. Além da dimensão estética do surf, qual é para você a importância de subir numa prancha e deslizar?
Tem a função da não-competição. Eu me interesso muito pelo surf dos anos 70, que foi a época em que comecei a pegar onda. Era o período do surf como estilo de vida. Depois, ele se transformou num esporte e a competição não me interessa. Quando comecei a pegar onda, aprendi a lidar com a corrente marítima, com o vento, a ler a umidade do ar. Essa relação com a natureza sempre me deu um equilíbrio pessoal enorme. Esse equilíbrio tem a ver com esse lado não competitivo do surf, o de pegar uma onda pelo simples prazer de pegar onda, sem ninguém estar te olhando.

Muita gente desenvolve estratégias de guerrilha para tornar mais leves as coisas que temos de enfrentar, vivendo em grandes cidades e encarando a competição na vida profissional. Essa escapada que você deu agora para passar 15 dias surfando na Sumatra é uma dessas técnicas de guerrilha, um tipo de respiro para garantir a sobrevivência?
De vez em quando eu fujo, vou ao cinema à tarde, leio um livro numa hora impossível, dou pequenas escapadinhas que são como matadas de aula mentais. Já passei muitos fins de semana na agência. Não faço mais isso nem incentivo os outros a fazerem. Sair de repente para 15 dias na Sumatra é muito importante para sentir-se vivo.

Na pesquisa de felicidade que temos tocado vimos que uma das formas mais eficientes de ser feliz é proporcionar felicidade ao outro. O que você tem feito para que os outros sejam felizes?
Acho que é fundamental saber encontrar felicidade na felicidade dos outros. E quanto mais você dá mais você recebe. Não falo em fazer caridade na rua, você pode fazer um trabalho social até mesmo no ato de pagar bem os seus funcionários, ser extremamente humano, não exigir o impossível das pessoas. Eu me realizo quando os outros se realizam também, e não é uma visão publicitária. Adoro ver um cara novo fazendo um puta filme e ele se realizar fazendo isso me dá um prazer enorme. Isso é um bem enorme para mim. Me dá prazer ver o sonho dos outros se realizarem, e se eu puder ajudar os outros a realizarem algum sonho, eu vou estar fazendo um bem enorme para mim mesmo.

RESPIRANDO CINEMA

AFINAL, O QUE DEFINE UM BOM TRABALHO? GRANA, PRÊMIOS, PRAZER? COM CINCO LONGAS LANÇADOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS, ENTRE ELES *MEU TIO MATOU UM CARA* (AO LADO) E O RECENTE *SAL DE PRATA*, A CASA DE CINEMA SE FIXA COMO UMA DAS PRINCIPAIS PRODUTORAS DE FILMES DE QUALIDADE DO PAÍS. MAS NADA DE ESQUEMA INDUSTRIAL, AQUI ELES SÓ TRABALHAM NO QUE ACREDITAM. ESSA É A RECEITA DO SOBRADO LOCALIZADO NUM TRANQÜILO BAIRRO EM PORTO ALEGRE, ONDE TRÊS CASAIS TRABALHAM – JUNTOS – FAZENDO CINEMA PARA O MUNDO

POR **EMILIO FRAIA**, DE PORTO ALEGRE

O ator Lázaro Ramos engole água no filme de Jorge Furtado *Meu Tio Matou um Cara*. Acima, a Casa de Cinema em 1988, da esquerda para a direita: Heron Heinz, Carlos Gerbase, Giba Assis Brasil, Angel Palomero, Ana Luiza Azevedo, Luciana Tomasi, Jorge Furtado, Monica Schmiedt, Werner Schunemann e José Pedro Goulart

A paisagem estática de prédios baixos e árvores – um dia frio de início de agosto em Porto Alegre – acompanha Jorge, e bastam dez minutos a pé pelas ruas do bairro do Bonfim para que ele chegue ao trabalho. Jorge escreve roteiros, dirige filmes. Antes de instalar-se na sua mesa (que fica no segundo andar), ele dá uma passadinha na sala da mulher, Nora. Os dois trabalham juntos. Nora é a produtora-executiva das histórias de Jorge, é quem organiza tudo. Jorge tem dois casais de amigos: Giba e Ana, Gerbase e Luli. Eles também fazem cinema, se conhecem há pelo menos 20 anos, da faculdade. Todos trabalham com Jorge, são sócios, e caminham agora pelas calçadas do Bonfim. Não levam mais do que dez minutos para ir de onde moram até o número 860 da rua Miguel Tostes, onde fica a Casa de Cinema, um sobrado bem iluminado, amplo, com uma pitangueira no jardim.

"O que temos aqui é um casamento a seis", enquadra o montador Giba Assis Brasil, 48. Criada em dezembro de 1987, a Casa de Cinema de Porto Alegre reuniu cineastas gaúchos que trabalhavam juntos desde o início dos anos 80. "No começo da Casa nossas discussões orbitavam entre comprar um cachorro ou instalar um alarme", ri Carlos Gerbase, 46, que na época era a voz gritada da banda Replicantes (do hit "Surfista Calhorda"). Eram, na origem, 11 os sócios da Casa. Alguns deles vindos da TVE gaúcha, como Jorge Furtado, 46, autor de *Meu Tio Matou um Cara*, hoje um dos principais diretores e roteiristas do país, e a diretora Ana Luiza Azevedo, 45. Outros saídos de um grupo que na época filmava em super-8, entre estes Giba e Gerbase, que juntos dirigiram o longa *Verdes Anos*, em 1984. O clima de turma permanece até hoje na Casa, que já produziu mais de 50 filmes, entre programas de televisão (especiais e séries), curtas e longas-metragens, e ganhou cerca de 150 prêmios nacionais e internacionais. "Nosso sistema de trabalho é todo de equipe, família", ressalta Nora Goulart, 43. "Há intimidade suficiente para dizer se algo está bom ou ruim. E isso é fundamental."

Glauber Rocha, principal expoente do Cinema Novo brasileiro, pregava a quebra dos cânones cinematográficos, declarava-se irredutível a um modelo narrativo clássico e repudiava o compromisso com o sucesso comercial de filmes e cineastas. "Nós queremos é chegar ao público. Não adianta fazer filmes pra meia dúzia de amigos e pra crítico ver", sentencia a produtora-executiva Luciana Tomasi, a Luli, 46, contrariando Glauber. "Nossos filmes são trabalhos de grupo", diz Furtado. "Os roteiristas se misturam, todos participam da criação. Nossa turma escapou da lógica do cinema de autor, que vem da Nouvelle Vague, do Cinema Novo. Nossos filmes são narrativos, lineares. Quase não temos obras experimentais." Para Giba o cinema brasileiro sofreu com a herança da turma de Glauber. "O Cinema Novo foi fundamental, mas deixou marcas negativas como as idéias do autor total e de que a vanguarda é uma questão de escolha, um gênero." Furtado acredita que uma obra deve ser ao mesmo tempo experimental e popular: "Nas décadas de 50 e 60 o mercado estava se impondo e a idéia era tu criar filmes que não fossem incorporados por ele.

ADO HENRICHS

A fachada da Casa de Cinema, no bairro do Bonfim, em Porto Alegre

FOTOS ARQUIVO

Acima, os sócios da Casa durante as filmagens do curta *Ilha das Flores*, em 1989. O segundo, da esquerda para a direita, é Jorge Furtado, seguido de Luciana Tomasi, Giba Assis Brasil e Ana Luiza Azevedo. Nora Goulart está atrás da câmera. Abaixo, a turma da Casa de Cinema hoje em dia, da esquerda para a direita: Gerbase, Ana Luiza, Giba, Nora, Furtado e Luciana

"Tem muita coisa ruim na televisão. Mas pensar que a TV é incapaz de ter qualidade é uma burrice total"

Jorge Furtado, às margens do rio Guaíba

ADO HENRICHS

Aquilo era vanguarda. Hoje não é mais. Vanguarda hoje é fazer algo de qualidade, mas que chegue ao público. Encontrar esse equilíbrio é dificílimo".

Furtado sabe como poucos trafegar nessa fronteira entre arte e entretenimento. Exemplo disso, e parte importante da história da Casa de Cinema, é o premiadíssimo *Ilha das Flores* (1989). "Se a gente não tivesse vencido com esse curta o Festival de Berlim em fevereiro de 1990 a Casa teria falido", lembra Giba. "Em março daquele ano veio o Plano Collor, que acabou com qualquer possibilidade de financiamento para cinema no Brasil. Os contatos que fizemos com TVs e fundações européias nos sustentou por um bom tempo."

Nos últimos seis anos a Casa de Cinema, hoje com seis sócios e 16 funcionários, produziu como nunca. Foram cinco longas: *Tolerância* (2000), *Houve Uma Vez Dois Verões* (2002), *O Homem que Copiava* (2003), *Meu Tio Matou um Cara* (2004) e o recém-lançado, e em cartaz, *Sal de Prata*. Nesse mesmo período a paulistana O2 Filmes, toda-poderosa em filmes publicitários e com 85 nomes na folha de pagamento, realizou quatro filmes. "É possível fazer um longa em seis meses se tu já tem grana e o roteiro. A qualidade de um filme se deve a duas coisas: roteiro e elenco, só", comenta Furtado. *Houve uma Vez Dois Verões*, de Furtado, rodado em vídeo digital, foi o longa mais barato da Casa. Filmado em quatro semanas, custou 780 mil reais – menos da metade do custo médio de um filme nacional. O mais caro, *Meu Tio Matou um Cara*, saiu por 5 milhões de reais. "A Casa de Cinema não dá lucro. Ela é uma empresa que se sustenta, faz os filmes, paga os funcionários, mas se fôssemos viver disso não conseguiríamos", afirma Gerbase, que se divide entre o cinema, uma pequena produtora de vídeos e a coordenação do curso de cinema da PUC-RS. "Orçamento e prazo são a nossa estética", arremata Furtado.

VENDE-SE POLÍTICO

Mesmo com a dificuldade de alcançar algum lucro, a Casa de Cinema não trabalha com publicidade. Essa decisão, porém, não é ideológica – e se fosse não seria honesta: *Meu Tio Matou um Cara*, patrocinado pela AmBev, carrega diversos merchandising de cerveja. "O ritmo do mercado publicitário é maluco, não realizaríamos nossos filmes com calma se estivéssemos nele", fala Gerbase. "A publicidade toma muito tempo e dá muito dinheiro", diz Luli. "Essa grana fácil faz tu se afastar de outros projetos. Temos que manter a Casa focada."

Gerbase, Furtado & cia., no entanto, já se envolveram com outro tipo de publicidade, a que embala políticos para as eleições. De 1992 a 2000, a Casa de Cinema dirigiu as duas campanhas de Tarso Genro à prefeitura de Porto Alegre e as duas de Olívio Dutra ao governo do Estado. "A conseqüência da crise recente no governo é terrível. A sensação é que todos os partidos são a mesma coisa. Há uma juventude que acha que política é algo degradado. Já ouvi muitas vezes gente questionando a existência do Congresso. A política atrai cada vez

ADO HENRICHS

"Se a gente não tivesse vencido com o *Ilha das Flores* o Festival de Berlim em 1990, ano do Plano Collor, a Casa de Cinema teria acabado"

Giba Assis Brasil, no Beira Rio, estádio do seu time de coração, o Internacional

menos pessoas de bem", comenta Furtado que sempre votou no PT. "Apesar de ter feito campanhas nós nunca pensamos nelas como marketing político. Não concebíamos as idéias, só tentávamos realizá-las da melhor forma audiovisual possível", ressalta Giba, num tempo em que o desafio é vender candidatos sem a necessidade de uma cara parafernália publicitária (que leva os partidos a expedientes nebulosos como os recém-revelados caixas dois do PT). Gerbase acredita que é preciso encontrar uma alternativa ao luxo das campanhas milionárias. "Na década de 70 os candidatos iam para a frente da câmera num estúdio, ao vivo. Gastava-se pouco. Só que isso não tem nada a ver com televisão, ninguém assiste a um troço desses. Hoje temos o oposto, uma campanha política cara, que mexe com recursos sofisticados de imagem e som. Nenhum dos dois modelos funciona, na minha opinião."

TV É O CANAL

A dicotomia entre arte e indústria já não é tão grande hoje como foi, por exemplo, nos anos 60. Mas é fácil encontrar quem torça o nariz para a televisão. "Tem muita coisa ruim na TV que justifica o preconceito. Mas pensar que a televisão é incapaz de ter qualidade é uma burrice total", dispara Furtado. A Casa de Cinema sempre manteve relações estreitas com a TV. Para a Rede Globo produziram as séries *Luna Caliente* (1999) e *Cena Aberta* (2003) e episódios de *Comédias da Vida Privada* e *Brava Gente*, além de roteiros para as minisséries *Agosto* (1993) e *Memorial de Maria Moura* (1994). "Me orgulho muito de tudo que fiz na televisão", diz Furtado (que além de cinema e TV tem se exercitado também na literatura e lança em janeiro a novela *Trabalhos de Amor Perdidos*, inspirada em uma comédia de Shakespeare, pela editora Objetiva). "Não tem aquele negócio de 'eu faço cinema. Televisão é só pra ganhar uma grana'. Gosto de televisão, gosto da oportunidade de falar com milhões de pessoas. Temos que proporcionar a elas uma teledramaturgia diferente daquela do realismo da telenovela."

Furtado comenta que esse debate, cinema contra TV, opõe sempre os defensores do cinema (muitos) aos da televisão (poucos), e é assistido por quem gosta de cinema e tem vergonha de dizer que vê televisão (quase todos). "Freqüentemente na tele-

FOTO CAIO GUEDES
NOVAS CORES
TRIDENT MODEL
DROPSHOES
WWW.DROPDEAD.COM.BR WWW.DROPSHOES.COM.BR WWW.DROPSISTA.COM.BR

FOTOS DIVULGAÇÃO

Da esquerda para a direita: Maria Fernanda Cândido no recém-lançado *Sal de Prata*, de Carlos Gerbase; cena do premiado *Ilha das Flores*; Pedro Cardoso e Lázaro Ramos em *O Homem que Copiava*; Roberto Bontempo troca olhares com Maitê Proença em *Tolerância*; momento à la *Pulp Fiction* do curta *Sexo & Beethoven*; e Pedro Furtado, filho de Jorge, sem camisa em *Houve uma Vez Dois Verões*

"O ritmo do mercado publicitário é maluco, não realizaríamos bem nossos filmes se estivéssemos nele"

Carlos Gerbase, com o cinza de Porto Alegre no horizonte

ADO HENRICHS

visão aparecem coisas melhores do que aquelas que vemos no cinema", polemiza Giba. "E mais: toda a arte produzida pelo ser humano até o século 19 foi sob encomenda", complementa Furtado. "Tudo o que Rembrandt pintou, que Mozart compôs, tudo o que Shakespeare escreveu. 'Tu tem tantos dias para escrever, é para tal público, não pode falar disso porque o rei não gosta, tem que ter cachorro porque o público adora'. Era assim que Shakespeare escrevia... A maioria dos filmes de Billy Wilder também foi feita sob encomenda."

Apesar do sucesso da Casa de Cinema, nenhum dos três casais pensa em trocar Porto Alegre por uma cidade maior. "Estar na periferia nos permite trabalhar em um outro ritmo, é optar pela qualidade de vida", diz Ana Luiza, que se prepara para dirigir o seu primeiro longa, e próximo projeto da Casa de Cinema, *Antes que o Mundo Acabe*. "Gosto de janela aberta, odeio fumaça de cigarro, ar-condicionado, e não tenho paciência pra trabalhar em grandes organizações, com aquele bando de gente se mordendo, querendo a tua cabeça", fala Luli. "A gente é muito feliz por conseguir ter prazer em 30% do tempo em que estamos trabalhando, uma porcentagem fantástica. De Porto Alegre eu só saio se for para a Suécia, que deve ser o melhor lugar pra fazer filmes no mundo", ri Giba. "Lá são três meses de sol oblíquo por ano, 20 horas por dia. Nos outros nove meses é tudo escuro, ideal pra ficar trancado em casa escrevendo roteiro."

Por enquanto, a luz da Casa de Cinema é a de Porto Alegre, uma luz muito particular, que vem do sul, das frias planícies do sul (de Buenos Aires talvez), uma luz que não se parece em nada com a de São Paulo ou do Rio.

SAIBA MAIS: *Não* (www.nao-til.com.br), fanzine criado em 1975 pelos integrantes do que viria a ser a Casa de Cinema e que na década de 90 migrou para a Internet. Site da Casa de Cinema: www.casacinepoa.com.br

Agradecimento City Hotel - Porto Alegre Telefone (51) 3212-5488 www.cityhotel.com.br

UNDERGROUND

AS ESPECIFICIDADES DE UMA METRÓPOLE ACABAM CRIANDO PROFISSÕES ATÍPICAS. IMAGINE TRABALHAR TODOS OS DIAS SOB TUDO E TODOS QUE HABITAM A SUPERFÍCIE DESSE ESTRANHO PLANETA. CONHEÇA O UNIVERSO DOS HOMENS-TATU, GENTE QUE ESCAVA AS LINHAS DO METRÔ NO BRAÇO

POR **DANIEL GALERA** * FOTOS **CAROL QUINTANILHA**

O elevador é uma gaiola de ferro onde cabem o operador, o técnico de obras da Secretaria de Transportes Metropolitanos Eduardo, a fotógrafa e este repórter. A fotógrafa encaixa o olho numa das pequenas aberturas e solta uma interjeição de espanto. O operador permite que a porta gradeada seja aberta para tirar fotos. Me aproximo para espiar e, trêmulo de vertigem, demoro alguns segundos para apreender o que vejo: em plena rua Vergueiro, via importante e movimentada da capital paulista, há uma furna de cerca de 30 m de profundidade. Do fundo escuro ecoam roncos de motores a diesel e sons que lembram rajadas de metralhadoras. Vamos descer no fundo do poço Borghese, situado no canteiro de obras da estação de metrô Chácara Klabin, umas das três novas estações que serão inauguradas ainda em 2006 dentro do projeto de expansão da linha 2, que ligará Ana Rosa ao Sacomã. Para quem não é mano da gema, imagine a ligação subterrânea de apenas mais um trechinho da cidade, algo essencial mas que não vai mudar a dinâmica dessa metrópole galopante.

Eduardo Rocha (nome mais que adequado), 54 anos, um homem baixo, de pele parda, atencioso e gentil, parece aliviado quando a grade é fechada. "Tenho medo de altura", diz. O elevador começa a descer enquanto Eduardo conta que, em 1986, trabalhou em uma mina de potássio no Estado de Sergipe, a 800 m de profundidade, mas que nem por isso os 27 m do poço Borghese deixam de lhe meter medo. Com formação técnica em geologia e engenharia, Eduardo se aposentou aos 45 anos mas seguiu trabalhando em obras como a construção do metrô de Brasília e da segunda pista da rodovia Imigrantes. "O trabalho é duro e insalubre, mas gosto do que faço. A gente nunca pára de adquirir experiência, cada obra é diferente." Nesse instante, o elevador dá um solavanco e tranca. Todos olham para o operador, que não entende o que está acontecendo e fica testando diversas alavancas. São 17h30, chove fininho, o frio aumenta a cada minuto e começo a suspeitar que devia ter ido para casa mais cedo. O operador garante que não é brincadeirinha para nos assustar. Um minuto depois, o elevador volta a funcionar com a mesma falta de motivo com que parou, e chegamos, literalmente, ao fundo do poço.

A umidade e o calor são tão intensos que poderiam ser cortados a faca. Carol reclama que sua lente está embaçada. O cheiro de terra e a poeira intoxicam as narinas. As botas fornecidas afundam em barro. Enfim, tudo às mil maravilhas.

É ISSO

"A umidade e o calor podem ser cortados a faca." Ao fundo, panorâmica do horizonte subterrâneo cavado no braço 30 m abaixo de nós

Seiscentos trabalhadores em turnos de 12 horas, 24 horas por dia, sete dias por semana. Processo semelhante ao dos cupins, que selam os túneis de terra com cuspe

A entrada do poço está sobre nossas cabeças e à esquerda e à direita há dois trechos paralelos de túneis em escavação, com cerca de 10 m de comprimento cada. Há cerca de uma dúzia de operários trabalhando em um subterrâneo habitado por retroescavadeiras, minitratores, caçambas cheias de terra, geradores, máquinas barulhentas excretando vapor, cabos elétricos, mangueiras de drenagem e potentes refletores que iluminam o ambiente como um set de cinema. Água pinga das paredes dos túneis, cobertas de cimento e armações de aço. Um grande tubo de plástico no teto se encarrega da exaustão dos gases nocivos expelidos pelos motores. Por algum motivo, resolvo espiar meu celular: tem sinal. Na parede de um dos túneis, um peão remove placas de terra com uma britadeira. No outro, um time de operários faz o "tratamento" da próxima porção de túnel a ser escavada. O processo consiste na injeção de uma calda de cimento em furos de 12 m de profundidade no contorno a ser escavado, para estabilizar o solo. A máquina que faz isso lembra um estranho aracnídeo mecânico montado sobre esteiras, com um longo braço articulado que é introduzido na terra. Um operário me conta, meio sem jeito, que a engenhoca é chamada de "kama-sutra", por sua variedade de posições, flexibilidade e, digamos, poder de penetração.

CAPACETE PINK, BLACK, GREEN...

É em ambientes como o poço Borghese que frentes de centenas de trabalhadores se alternam em turnos de 12 horas, 24 horas por dia, sete dias por semana, para expandir a rede de metrô de São Paulo, que conta atualmente com 57 km de extensão e 52 estações, o que atende 2,5 milhões de usuários por dia. Além da expansão da linha 2, está em fase mais inicial a construção da nova linha 4, que terá dez estações e integrará as três linhas já existentes. Ainda é pouco, se comparada à rede de outras metrópoles como Londres (415 km), Nova York

(398 km) e Cidade do México (202 km). Dois motivos para isso são bem conhecidos: baixos orçamentos e falta de vontade política (nenhum governante gosta de iniciar uma obra que será inaugurada pelo seu sucessor). Mas engenheiros do metrô paulista, como Paulo Navarro, ressaltam um terceiro fator: "Nosso metrô é de Primeiro Mundo; vá ver a rede da Cidade do México, eles fizeram de qualquer jeito".

Em obras como as das estações Chácara Klabin e Imigrantes, há cerca de 600 trabalhadores em cada turno. As diversas especialidades são indicadas pela cor dos capacetes: cinza (engenheiro de nível superior), branco (encarregado técnico), azul (eletricista), amarelo (carpinteiro), bege (apontador), marrom (bombeiro), roxo (operador de máquina), rosa (feitores ou líderes de equipe, veja só), verde (segurança do trabalho), vermelho (ajudante), laranja (visitantes). Na maioria dos casos, ao contrário do que muita gente imagina, o trabalho de perfuração desses túneis a dezenas de metros abaixo da superfície não é feito por brocas colossais, os famosos "tatuzões" (o nome técnico dessas máquinas é "shield", e devido a seu custo astronômico são utilizadas somente em casos especiais de trechos muito longos de solo duro e rochoso), mas, sim, por equipes de operários munidos de pás, britadeiras e retroescavadeiras, no que é chamado de escavação semimecânica. É um trabalho mais braçal e minucioso do que se pensa. Para evitar desmoronamentos, a cada 60 ou 80 cm de escavação é aplicada uma "cabota", armação de aço em forma de arco que é depois coberta por uma camada de cimento. "Um processo semelhante ao dos cupins, que vão selando seus túneis com uma espécie de cuspe", me explicam. O progresso da perfuração dos túneis é medido em "cabotas", e cada uma leva cerca de 10 a 12 horas para ser concluída, o que dá uma idéia do ritmo da obra. Para acelerar a construção, diversos trechos de túnel são escavados por frentes de trabalho simultâneas, que formam o túnel completo à medida que vão se encontrando.

Tão impressionante quanto a perfuração de túneis é a construção de uma estação propriamente dita. Na estação subterrânea Chácara Klabin, da laje de fundo à laje de cobertura são 48 m de profundidade. Centenas de trabalhadores sobem e descem por escadas de madeira e metal, em meio aos clarões das soldas, torvelinhos de poeira e a barulheira infernal dos rompedores e escavadeiras. Guindastes erguem caçambas cheias de terra e máquinas de várias toneladas. As botas que me deram no posto Carlos Peti ficaram um pouco folgadas, o que aumentou a sensação de desequilíbrio e vertigem enquanto descíamos ao fundo da cratera. Sr. Rocha apontava: "Aqui vai passar o trem; ali será a passarela, ali o mezanino". Eu via apenas um buraco imenso fervilhando de operários, um pedaço da superfície do planeta arrancado fora, com ferragens e paredes primitivas expostas à garoa. A complexidade é atordoante, mas Eduardo consulta diagramas e planilhas e enxerga tudo: como estava, como está, como vai ficar. "Aquilo ali é uma parede diafragma, escavada e preenchida de concreto antes do resto da estação, formando a caixa que evita desmoronamentos; isso aqui são canos de drenagem, que captam a água do solo para evitar inundação."

FOBIA CLASSE MÉDIA

"Os operários que trabalham lá embaixo, 10 a 12 horas por dia, sentem muito o isolamento e a solidão", explica Eduardo, que agora passa apenas duas horas por dia embaixo dos terrestres. O subsolo, de fato, é um mundo paralelo, embora a organização, a compenetração dos operários e a potente iluminação das lâmpadas de 400 W surpreendam quem chega pensando em encontrar uma caverna escura, suja e caótica.

Para o cidadão comum que paga impostos e utiliza o metrô, sobe até o último andar de um arranha-céu ou desce a serra por uma auto-estrada, o processo de construção de obras de engenharia dessa magnitude é um universo estranho. Temos uma vaga noção de que instituições públicas e privadas estão mantendo e construindo a estrutura urbana descomunal que serve de suporte a nossa vida cotidiana. No seu decorrer, obras assim costumam ser vistas pela população somente como fontes de transtorno. Há trechos que precisaram ser desviados graças a protestos de moradores, no que um funcionário do metrô definiu como a "fobia da classe média". Eduardo ri ao explicar que as obras daquele ponto passaram a ser interrompidas às 22h porque moradores de prédios vizinhos "se debruçavam nas sacadas para xingar a mãe da gente". Testemunhar esses bastidores é uma experiência reveladora que expõe não apenas as fundações da superfície em que circulamos, mas também a dimensão do conhecimento, do esforço e do risco envolvidos nessa construção.

EM VEZ DE BROCAS ENORMES COMO NOS DOCUMENTÁRIOS DA NATIONAL GEOGRAPHIC, AQUI OS BURACOS SÃO CAVADOS À BASE DE PÁS, BRITADEIRAS E RETROESCAVADEIRAS

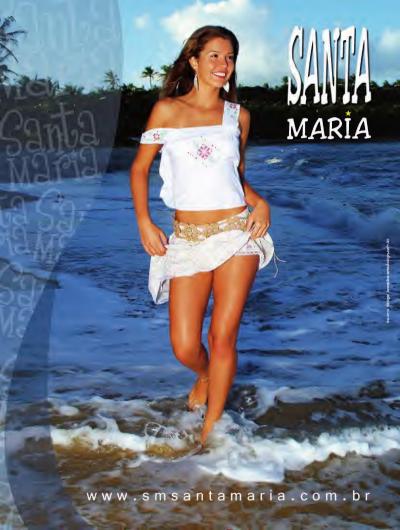
"Trabalhar lá embaixo por 10, 12 horas, acaba mesmo gerando solidão e isolamento", relata o engenheiro Eduardo Rocha, o nome adequado dos metrôs. Ao lado, gato e aviso para olhar sempre para cima. Abaixo, encruzilhada que salvará centenas de milhares de pessoas do trânsito da superfície terrestre

No mural do posto Carlos Peti, uma das sedes administrativas e logísticas das obras do metrô, predominam cartazes que descrevem procedimentos em caso de acidentes. China, um dos técnicos de obras da nova estação Imigrantes, diz que essa é uma preocupação constante. O maior risco, segundo ele, são os desplacamentos, bolsões de solo arenoso e água que podem descolar do teto e atingir trabalhadores. Em sua obra, um operário teve uma fratura na perna com um acidente desse tipo. Alguns casos são fatais. Um bloco de $1m^3$ de terra pesa cerca de 1,6 tonelada. Por isso, normas de segurança são seguidas à risca. Bastou ameaçar pisar em uma tela de aço no piso da obra da estação Imigrantes para que um funcionário da segurança do trabalho (estão por todo lado, com seus capacetes verdes) surgisse do nada e nos cobrisse de recomendações. No emboque da obra dos túneis que futuramente ligarão as estações Imigrantes e Ipiranga, China nos chamou a atenção para as duas estátuas de Santa Bárbara, a protetora dos mineiros.

Sair do poço Borghese, última etapa da visita, foi como emergir de uma sauna a vapor direto para o vento gelado da superfície. Já era noite, mas o ritmo de trabalho se seguiria inalterado nos subterrâneos, alheio ao engarrafamento da noite, à desolação da madrugada e a todos os ciclos que regem a vida na superfície. Um detalhe chama a atenção: na saída do canteiro de obras, as rodas dos caminhões passam por cima de uma espécie de mata-burro, onde são lavadas para não sujar as ruas da cidade. Por um instante, fico admirado com aquilo, com o fato de alguém ter pensado nesse cuidado. São Paulo é mais freqüentemente descrita como o caos, mas às vezes é a ordem que chama a atenção. Uma imensa e atordoante quantidade de ordem.

* **DANIEL GALERA** É ESCRITOR E TRADUTOR. SEU SEGUNDO LIVRO, *ATÉ O DIA EM QUE O CÃO MORREU*, VAI VIRAR FILME DIRIGIDO POR BETO BRANT

NO LUGAR DO FREQÜENTE CAOS, É A ORDEM QUE CHAMA A ATENÇÃO. UMA IMENSA E ATORDOANTE QUANTIDADE DE ORDEM

EU NÃO NASCI

Há 20 anos nosso intrépido colaborador e repórter excepcional derrama sobre esta sofrida Redação cachoeiras de desculpas esfarrapadas e enxames de mentirinhas inocentes — tudo para driblar prazos e engambelar nossos pobres e esgotados editores. Há duas décadas engolimos com farinha as mais cabeludas lorotas. Arthur Veríssimo se tornou ao longo do tempo uma espécie de Pinóquio editorial, um adorável trapaceiro, um anjo *gauche* que enlouquece redatores pelas mais diversas redações Brasil afora. Numa edição dedicada ao trabalho, contratamos um detetive particular que saiu no encalço do elemento para desvendar seus segredos e revelar, de uma vez por todas, por que afinal nosso ladino escriba nunca entrega suas matérias no prazo. Estaria Arthur Veríssimo desenvolvendo uma nova relação com a noção de tempo? Teria ele descoberto uma técnica revolucionária para elaborar pesquisas profundas sobre civilizações ancestrais em folhas de mortadela Ceratti e nacos de pão de forma nos balcões farelentos das padarias paulistanas? Prepare-se para desvendar um dos maiores mistérios do jornalismo brasileiro de todos os tempos.

CONFIDENCIAL

TERÇA-FEIRA
8h22 O elemento investigado deixa o imóvel onde reside a pé.
8h25 Segue até a padaria mais próxima e come uma lauta refeição.
8h40 Entra num centro de terapias orientais.
9h56 Transpirando por todos os poros visíveis e possivelmente pelos invisíveis, o investigado deixa o centro e recolhe-se em sua residência, de onde não sai mais.

Nota da Redação: *enquanto a incansável equipe de produção da* **Trip** *se desdobra para organizar a próxima viagem do logue saltitante, ele se presenteia com um dia "eu mereço".*
A versão de Arthur: "Cara, estou montando um dossiê sobre a China e preciso entrevistar especialistas e estudiosos sobre o tema".

QUARTA-FEIRA
11h37 Sr. V deixa sua residência a pé. Parece faminto, depois de uma longa manhã... em casa...
12h03 Parada no restaurante Bio Alternativa, onde almoça pasto e antepasto.
12h45 O investigado é visto falando ao telefone móvel enquanto cruza a avenida Paulista.

N.R. *Ei, éramos nós no celular! As meninas da produção queriam que ele desse uma passada na* **Trip** *para acertar detalhes da viagem... Pedido recusado!*
A versão de Arthur: ele estava muito longe da **Trip***, numa bocada perigosa, apurando outra matéria muuuuito louca.*

PRA TRABALHO

POR **NATALY CABANAS** FOTOS, VÍDEO E RELATÓRIO **SR. ARAPONGA PAISANA**

No começo a coisa era profissional. Arthur tinha sempre uma desculpa para não entregar sua matéria no dia combinado. E eram desculpas incríveis, da natureza do realismo fantástico: acidentes os mais variados, atrasos nos vôos, enchentes estilo tsunami urbano em seu apartamento, assaltos mirabolantes perpetrados por meliantes que nunca deixavam pistas. Até Gepetto ficaria com inveja de nosso Pinóquio particular. Nos episódios inventados por Arthur, uma seqüência de acontecimentos se repete de forma randômica, variando sempre no tema da vez. Não sabemos se o fenômeno se repete nas outras redações que freqüenta e nas emissoras de televisão para as quais presta serviços, mas, aqui na *Trip*, Deus sabe o quanto sofremos do outro lado do telefone, enquanto nosso repórter desfia suas lamúrias inventivas a bordo de seu celular.

Confira a seguir a reconstituição, em nove passos, do estratagema de argumentação que o profissional em questão costuma utilizar com a astúcia que lhe é peculiar:

1. Arthur aparece na Redação excitado, com alguma idéia mirabolante que garimpou em seus guardados ou na mais recente edição do *Istambul Herald*.

2. Diretor confirma a existência (ou não) de uma matéria jornalística contida na tal idéia. São acertadas as datas de viagem (suas idéias sempre envolvem uma viagem exótica) e de entrega do texto.

3. Arthur arranca verba da produção, cata um farnel de revistas do almoxarifado e desaparece mundo afora.

4. Dias depois liga (a cobrar) para a Redação e alega estar sendo seguido por algum serviço de inteligência ou estar com

QUINTA-FEIRA
11h15 Sr. V deixa sua residência a pé.
13h02 Pega um táxi na avenida Paulista, próximo ao metrô Trianon.
14h25 É visto nas imediações da rua Minas Gerais, altura do número 1100, a bordo de outro carro de aluguel. Nosso investigado dribla o detetive e desaparece na metrópole.
N.R. *Ligamos pro elemento a fim de saber em que pé estava a apuração. Resposta: "Vou ficar enfiado em casa devorando o dossiê". Segundo o relatório, ele passou o dia pulando de táxi em táxi.*

SEXTA-FEIRA
16h51 Sr. V chega de táxi à rua X (código usado para identificar o endereço da contratante, no caso, a ***Trip*** mesmo) no bairro de Pinheiros.
21h45 Deixa o endereço na mesma rua X.
21h53 Sr. V pega um táxi na rua dos Pinheiros, altura do número 700.
N.R. *Arthur finalmente deu as caras na Redação. Quase cinco horas depois, felizmente ele nos deixa em paz.*

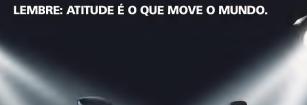
MUITA dificuldade nas apurações. O pedido é negado, mas olimpicamente ignorado pelo repórter.
5. Arthur some do mapa, desintegra-se, escafede-se... A paz reina na Redação.
6. Tempos mais tarde, o mesmo aporta na *Trip* como um cavalo louco, gritando histórias espetaculares, e distribui presentes baratos para a diretoria. O mimo, claro, é uma espécie de mensalinho para comprar mais prazo – e, às vezes, funciona. É então marcada uma nova data para a entrega do suado texto.
7. Arthur desaparece entre São Paulo, Mauá e Búzios.
8. Quando localizado, já depois do *deadline* (data limite para a entrega da matéria), conta que foi atropelado por um ônibus na Paulista, razão pela qual não pôde entregar a reportagem.
9. SEMANAS depois do dia estipulado, Arthur entrega o texto.

No repertório de desculpas incríveis, Arthur-W.O.-Veríssimo já desafiou os registros oficiais da Eletropaulo (um apagão teria atingido única e exclusivamente o seu quarteirão); atacou a indústria de eletroeletrônicos (só o seu gravador "enrola" as fitas com as entrevistas); e, pasmem, acusou o cachorro do vizinho de ter entrado em sua residência para devorar justamente o disquete com a matéria vigente (claro que não havia cópia).

Mas, ultimamente, as coisas mudaram. Arthur evoluiu. Se antes as desculpas e lorotas eram elaboradas, hoje em dia ele simplesmente assume o papel iogue escolhendo a estratégia da sinceridade. Nessas, Arthur nos obriga a absorver as seguintes pérolas: "Ih, rapaz, não posso escrever porque tenho que levar meu filho João no Hopi Hari"; ou ainda "se não for dar um beijo na Victoria em Búzios, cara, ela me mata". Detalhe: Victoria é sua filha de 1 ano.

Há quem diga que Arthur está anos a frente em matéria de relacionamento corporativo. Sua atitude elevada em não se deixar contaminar pela correria da vida moderna é que o torna diferente dos outros profissionais. Será que ele achou seu oráculo num pão na chapa da padaria? Não seria ele o profissional do futuro, onisciente e dono de seu tempo, auto-alforriado da escravatura do *deadline*? Eis o mistério da fé.

www.sundownnet.com.br | 0800 701 9912

FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS. AS MOTOCICLETAS SUNDOWN ESTÃO EM CONFORMIDADE COM O PROMOT. OS PRODUTOS PODEM SOFRER ALTERAÇÃO SEM PRÉVIO AVISO.

SUNDOWN WEB. MOVIDA A ATITUDE.

Web 100cc é moderna, supereconômica, com design avançado, transmissão semi-automática de 4 velocidades, partida elétrica e muito mais. **Não fique aí parado. Vá agora mesmo a uma Concessionária Sundown e saia rodando com muita atitude.**

HEADS

CONFIDENCIAL

SÁBADO
O investigado não saiu de seu domicílio.
Passou o dia inteiro em casa.
N.R. *O homem está incomunicável.*

DOMINGO
O agente chegou defronte à residência do investigado às 8h e aguardou que ele saísse. Às 9h47 o investigado subitamente chega em casa correndo. Infelizmente não foi possível fazer registro da cena, dada a velocidade do até então pacato elemento. Às 12h37 ele deixa seu domicílio para pegar um táxi com destino ao aeroporto. Desaparece na multidão.

RELATÓRIO FINAL DA INVESTIGAÇÃO

Investigado: Arthur Veríssimo
Gênero: investigação de conduta
Detetive: exigência do anonimato
1. O elemento demonstra predileção pela cultura oriental.
2. Como meios de transporte mais utilizados estão táxi e metrô, seguidos pela caminhada e, com menos freqüência, avião.
3. Quando caminha a pé, é inconstante em seu trajeto e costuma cruzar ruas e avenidas fora da faixa de pedestres. Ausência de foco.
4. Não parece ter ocupação fixa. Atua em trabalhos diversos e suspeitos.
5. Vive só, em um prédio de apartamentos residenciais familiar.
6. Faz as refeições em restaurantes e padarias, quase sempre só.
7. Passa muitas horas em sua residência, às vezes dias inteiros. Sempre com as cortinas fechadas.

DA ARTE DE INVESTIGAR

Para tentar desvendar os dogmas recém-criados, contratamos um detetive particular – por questões de segurança, identificado aqui apenas como sr. Carvalho – para seguir os passos do Arthur durante uma semana. Como resultado do material da campana nos foi entregue uma fita VHS, fotos e um relatório sobre os movimentos do elemento.

O detetive, um senhor de quase 60 anos, está longe do estereótipo de investigador dos romances policiais. Em seu escritório, num edifício no largo do Paysandu, em São Paulo, não paira uma nuvem de tabaco; somente duas moscas sobrevoam a sala. Será que atraídas pelos podres flagrados pelo araponga? "Elas apareceram aí... Não sei de onde vieram, mas nunca mais se foram", diz ele. Nossa versão brasileira de Columbo é dos que gostam de alimentar uma aura de mistério na investigação. Além de termos que omitir seu nome completo, fomos proibidos de publicar qualquer imagem sua: "Sei de coisas que não posso falar. Minha imagem me deixaria vulnerável", justificou o perscrutador.

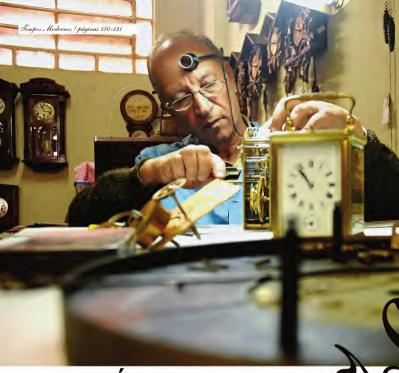
Segundo ele, depois da febre das investigações conjugais, é a vez de os detetives seguirem filhos e pais. "Já trouxe muita felicidade para os pais ao saberem da conduta moral de seus filhos." Sobre o lado podre da humanidade ele desconversa.... Mas, algumas histórias vieram à tona, como a de um cantor que desconfiava que a mulher estava saindo com outro e a investigação revelou que ela estava era saindo com outra. Serviço encerrado, o cantante passou a namorar as duas.

Se o sr. Carvalho gosta de ficção policial? "Adoro a, a..."

– Agatha Christie?

– É.

– E, afinal, que tipo de investigado é o sr. Veríssimo?

– Chatinho...

VOCE É DONO DO SEU TEMPO?

O MUNDO DIGITAL ACELERA, NOVIDADES SE ATROPELAM E TODOS SE APRESSAM, EM VÃO, PARA AGARRAR O TEMPO NA UNHA. MAS BALTAZAR NÃO TEM PILHA PARA ISSO. NA MESMA OFICINA HÁ 34 ANOS, ELE MANTÉM NOS EIXOS AS CORDAS DE ANTIGOS PONTEIROS. ENQUANTO AS HORAS CORREM CADA VEZ MAIS RÁPIDAS DO LADO DE FORA, O ARTESÃO CUIDA DE CADA MINUTO COM TODO O TEMPO DO MUNDO

POR **BRUNO TORTURRA NOGUEIRA** FOTOS **NINA JACOBI**

Silêncio. Mais de 20 pares de ponteiros marcam 10h59 pelas paredes. Os pêndulos e as máquinas bem lubrificadas — não se escuta o tique-taque naquela oficina. Baltazar tem mãos de 64 anos, ainda firmes enquanto segura uma broca de poucos milímetros de espessura e perfura o centro exato de uma roda dentada, girando veloz em um torno pequeno. Os olhos não piscam ou se movem atrás dos óculos colocados na ponta do nariz. É um cirurgião. "Cinquenta por cento do meu trabalho é ter a mente firme", pensa o relojoeiro, "e nesses tempos é difícil." É o único reparo que vai fazer no dia.

Baltazar é um homem raro, mesmo em uma cidade gigante como a que vive. Uma espécie que se esgota – um artesão. Enquanto os milhões correm as ruas em busca de trabalho, ou de outro trabalho, um trabalho melhor, uma promoção, ele se concentra e faz o que sabe. Espera, paciente, pois sabe que o tempo, um paciente seu, só apura seu dom.

Toda manhã ele acorda sem despertador. Nunca precisou ajustar seu relógio interno. Às 6h30 abre os olhos. Às 8h em ponto corre as portas de metal da relojoaria Paula e Paula, seu negócio desde 1971. Antes, durante os anos 60, só havia trabalhado em uma firma de auto-peças, onde descobriu a vocação relojoeira consertando sozinho o relógio de ponto da empresa. Só de olhar compreendia como aquela máquina cheia de parafusos, engrenagens e molas se movia. Começou a abrir e fuçar nos relógios dos amigos. Consertava todos. E isso lhe bastou.

Nosso mundo da música, da vida e do relógio digital é descartável. A novidade vai às lojas obsoleta, nada foi feito para ser consertado e todas as máquinas são gêmeas. Não é o tempo de Baltazar, onde as máquinas se pareciam um pouco mais com organismos. "Cada relógio antigo é diferente do outro. Preciso entender cada um." O torno pára e o senhor examina o furo. Vira a cadeira e olha de novo a máquina dourada, o mecanismo de um velho relógio de mesa. Volta ao torno.

"Acho que daqui a dois anos minha profissão não vai mais existir", prevê Baltazar de Paula, "ninguém jovem quer aprender o trabalho. E só os mais velhos gostam desses relógios", conclui com seu sotaque ainda mineiro. Em 1959 ele deixou a diminuta São José da Barra em Minas Gerais para acertar os ponteiros em São Paulo. Quatro anos depois, aconteceu com sua própria cidade o que pode acontecer com seu ofício. A modernidade da usina de Furnas represou o rio Grande e afogou São José da Barra. A cidade foi reconstruída, em formato de banjo (!), com o nome de Nova Barra. Mas o passado não sufoca só com água. Baltazar recorda, "há alguns anos o lago de Furnas baixou bastante e apareceu a torre da igreja da minha cidade. Com o relógio".

A roda dentada gira novamente no torno e Baltazar se cala enquanto desliza uma lima finíssima na ponta da peça. Não é

As mãos precisas de Baltazar cuidam de um relógio devassado em sua mesa. "Nenhum relógio é igual", explica o guardião de horas antigas na oficina que, ainda bem, parou no tempo

TEMPO CORRIDO

MAS AFINAL, NOS EMPREGOS DE HOJE EM DIA, O RELÓGIO CORRE MAIS DEPRESSA?

"As mudanças tecnológicas dos últimos 30 anos, principalmente na comunicação humana, convulsionaram a noção de tempo do trabalho. As empresas se tornaram flexíveis, um contraponto à empresa antiga, formal. As pessoas trabalham o quanto o mercado exigir. Podem ser 4 horas,12 ou 24 por dia. Isso altera profundamente as condições de trabalho. O emprego com direitos garantidos, descanso remunerado acabou. Há dez anos o maior empregador dos EUA era a GM. Hoje é uma empresa chamada Manpower, que na verdade recruta pessoas e vende seu trabalho de maneira bem mais informal.

O relógio foi introduzido justamente no capitalismo industrial para medir o tempo do trabalho, o expediente. O próprio relógio de ponto. Hoje em dia, com as empresas flexíveis, o trabalho pode ser transferido para casa, para qualquer lugar. O cartão de ponto pode perder o sentido, mas o trabalhador fica sob o controle do capital e de seu tempo até fora do expediente.

Como um processo muito complexo, alguns podem ver vantagem em trabalhar em casa, de modo mais flexível. Mas no sentido geral houve uma intensificação da exploração do trabalho. O trabalhador precisa exercer muitas funções. Trabalha-se muito mais.

Baltazar é um trabalhador em extinção, pois exerce um ofício, que tem o saber fazer, tem destreza no ato em si. Quem tem um ofício conhece o processo inteiro do trabalho que realiza. Isso é algo que vem acabando ao longo dos últimos três séculos, mas que de 1970 pra cá se intensificou e muito. O trabalhador de hoje em dia se relaciona cada vez menos com o sentido de sua produção."

RICARDO ANTUNES é professor titular de sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e autor de *Adeus ao Trabalho?*, *Os Sentidos do Trabalho* e do recente *O Caracol e sua Concha. Ensaios sobre a Nova Morfologia do Trabalho*, Ed. Boitempo

O mundo digital é descartável. A novidade nasce obsoleta – nada foi feito para durar. Não Baltazar, um homem à corda: "Gosto de ter tempo para pensar"

das piores tarefas. Duro é pegar um relógio de pulso bastante antigo, "de chavinha", e fazer uma emenda na minúscula correia metálica que move os ponteiros de 80 anos. Não existem peças de reposição de nenhum dos relógios que conserta. Se alguma quebra, ele refaz na mão. Baltazar já consertou relógios de igreja ("moleza") e um do início do século 18. Todo tipo de marca, de qualquer sistema — desde que meramente mecânico, hipoteticamente eterno, que não use quartzo e baterias. "Nunca abri um relógios desses. Não confio em pilha. Se ela acaba você fica sem saber a hora..." Mas, Baltazar, é tão importante assim saber as horas? "Se você acha que sim, é. Eu só conserto os que estão parados", diz antes de ficar embaraçado quando o repórter nota que, no pulso de Baltazar, marca as horas um relógio de quartzo. "Nem gosto muito deste. Mas foi um presente de um amigo, um cliente muito bom. Ele morreu há alguns anos."

... E O RELÓGIO PAROU

O torno pára novamente. "Eu trabalhava demais. Doze, 14 horas por dia. Até o dia em que fui para a UTI." Exibe uma cicatriz de um palmo no meio da barriga. Em outubro de 2000 suas próprias engrenagens engasgaram e seu pâncreas inchou até estourar. Passou 50 dias no hospital. Dezenove deles em coma. Mas é um homem à corda — como um bom Cartier, teve conserto. "Vi que a vida passa rápido demais. Fiz as contas e cheguei a conclusão de que só vivemos em 2% do nosso tempo." Ele jura que trabalha menos hoje. "Em São Paulo as pessoas correm muito. Cada vez mais" — analisa enquanto tira a peça do torno — "eu gosto de ter tempo para pensar."

Baltazar se diz pobre, mas tem uma vida razoável. Um carro do ano passado. Um casal de filhos formados. A filha em educação física, o filho em desenho industrial. Bem que o pai tentou, mas o mais velho não quis saber dos relógios antigos. "Meu filho faz sites. Mas eu não entendo nada disso. Ele é que passa o dia no computador", máquina que ele nunca pensou em chegar perto, "pra quê? Só esquenta mais minha cabeça", reflete resignado o homem que nem telefone celular faz questão de entender. Bem casado há mais de 30 anos, hoje não sente-se bem em seu tempo. "As coisas estão tão erradas, tudo tão... não sei. Acho que estou em depressão." Quer parar. Em dois anos pretende ir para seu mato, sua chácara em Minas, admitindo, com certo orgulho, que sua nostalgia vai além das antiquadas engrenagens — "hoje eu sinto vontade de pescar, ouvir passarinhos. O tempo passa mais devagar no mato".

Desliga a máquina, guarda a lima na gaveta de madeira grossa e carcomida. "Daqui a pouco não vai mais ter relógio antigo. É uma profissão extinta." E seus clientes, Baltazar? "É... por causa deles talvez eu não vá", e suspira, revelando o espírito antigo de quem assume o trabalho como seu papel no mundo. "Não é pra me gabar, mas tem relógio que só eu sei consertar." Olha a roda dentada, assopra e testa o encaixe no mecanismo do velho relógio em sua mesa de trabalho.

Clic! Perfeito. Ele puxa uma corrente fina de dentro do esqueleto de metal e a máquina revive, girando pequenas peças em diferentes velocidades. Baltazar deita os óculos sobre o peito, se solta na cadeira e expira forte. E não altera a melancólica expressão de alívio quando o lento minuto chega ao fim. Cucos, sinos graves e agudos e toda a sorte de pengs e boins explodem pontualmente, como acontece a cada hora cheia nos últimos 34 anos naquela relojoaria próxima ao centro de São Paulo. Onze horas. Em ponto. Onze segundos depois, o silêncio.

REPORTAGEM **HENRIQUE FRUET**

O sujeito almofadinha ajeita seu boné xadrez, respira fundo o puro oxigênio do cenário bucólico de gramados bem aparados, leva seu taco de titânio para o alto, balança suavemente o quadril de um lado ao outro... e sai correndo como um desgraçado. O golf, criado há mais de 400 anos na Escócia, não é mais o mesmo. Tradicionalmente de nariz empinado, o esporte de tacos, bolas e buracos vem se adaptando aos mais diversos territórios e dinâmicas. Hoje é possível ver bolinhas voando sobre terrenos tão diferentes como lixões de grandes cidades ou geleiras visitadas por eventuais ursos polares, joga-se golf correndo, em maratonas, cruzando um país de leste a oeste, joga-se golf tendo como "instrutoras" moças gostosas e seminuas. Infelizmente não é uma delas que vai guiá-lo nesta excursão. A seguir, o lado "b" do golf em cinco tacadas.

GOLF PUNK

ATÉ MESMO UM ESPORTE NASCIDO HÁ QUATRO SÉCULOS PODE TER PITADAS DE AVENTURA, SUPERAÇÃO, ESTILO E SENSUALIDADE. CONHEÇA ALGUNS MALUCOS E SUAS TACADAS SOBRE LIXÕES, CARCAÇAS DE CARROS, TERRENOS GELADOS E PERNAS LONGILÍNEAS

WWW.NATURALBORNGOLFERS.COM

Qualquer lugar vira um campo de golf nessa modalidade criada na Alemanha em 1992. Terraços de edifícios e prédios em construção são alguns dos locais prediletos dos Natural Born Golfers, associação cujo símbolo é uma caveira com tacos cruzados. E que faz torneios como o Rock'n'Hole

UMA IDÉIA NA CABEÇA (E UM TACO NA MÃO)

Esqueça a bandeira e o buraco. Deixe de lado também o gramado e a natureza. No urban golf ou crossgolf, o que importa é jogar, seja onde for. Regras? Etiqueta? Roupas comportadas? Tst, tst. A única lei é "segurança em primeiro lugar". Por isso mesmo, são usadas bolinhas de couro, que não machucam tanto quando atingem alguém.

"A maioria dos praticantes nunca esteve num campo. São pessoas que não encaram isso como um esporte, mas como um estilo de vida", diz o alemão Torsten Schilling, que criou a modalidade em 1992 junto com a compatriota Nikola Krasemann. Ambos comandam o grupo Natural Born Golfers, que já conta com 150 mil membros ao redor do mundo.

O palco predileto dessa tribo dos sem-campo de golf são terrenos baldios, lixões, fábricas abandonadas, prédios em construção e a própria rua. Eles dão tacadas em direção a alvos como hidrantes, carcaças de automóveis, paredes pichadas etc. Os torneios misturam música e o esporte – daí nomes como Rock'n'Hole – e dão prêmios como "pior jogador do dia", "jogada mais rabuda" e "sapato mais legal".

WWW.GOLFMONGOLIA.COM

Tolme largou o escritório e cruzou a Mongólia de cabo a rabo dando cacetadas em 591 bolas de golf. Ao todo, foram 12170 tacadas e calos por toda a mão

SACUDINDO A POEIRA

O engenheiro americano Andre Tolme resolveu inventar sua própria modalidade de crossgolf. No ano passado, ele atravessou a Mongólia de leste a oeste dando bordoadas numa bolinha de golf. Aliás, em 591 delas, já que ele perdeu ou inutilizou 590 bolas nos 2,1 mil quilômetros do percurso. Tolme terminou o jogo com 12170 tacadas após 90 dias de swings e mais swings com um único taco. Tolme dividiu a Mongólia em 18 partes. O final de cada uma delas era uma cidade inteira, ou seja, bastava fazer a bola pousar na primeira rua asfaltada que visse e, pronto, era só considerá-la embocada, cruzar a área urbana e começar outro buraco. "Quero que o mundo veja que o golf pode ser curtido em qualquer lugar", diz Tolme.

STAROUP
JEANS
SI Publicidade
VJ Carla Lamarca por João Fucci
www.staroupjeans.com.br

WORLD ICE GOLF CHAMPIONSHIP

O Campeonato Mundial de Golf no Gelo ocorre uma vez por ano na Groenlândia, entre geleiras e icebergs, num frio de -25°C. Além do gelo, outro inimigo natural são os ursos polares

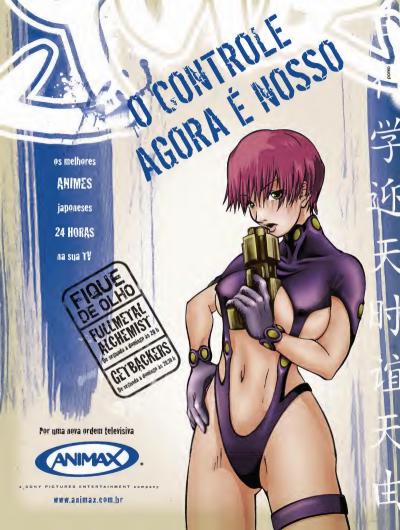
DEU BRANCO

Você não sabe o que é mais impressionante: o silêncio ou a paisagem monocromática. Aí o vento sopra e você se dá conta: o que mais chama a atenção mesmo são as baixíssimas temperaturas, que chegam a -25°C. Qualquer ser humano em sã consciência iria tomar um chocolate quente ou se aquecer sob as cobertas, mas os golfistas não são necessariamente seres dos mais normais – afinal de contas, o que há de convencional numa pessoa que acha a coisa mais legal do mundo ficar dando bordoadas numa bolinha até encaixá-la num buraco a algumas centenas de metros de distância? E há quem prefira fazê-lo.

Desde 1997, é isso que fazem dezenas de golfistas do mundo todo que se reúnem uma vez por ano para o Campeonato Mundial de Golf no Gelo, disputado no vilarejo de Uummannaq, na gélida Groenlândia – reza a lenda, ou a piada, que as letras dobradas do nome do local se devem ao fato de a pessoa que o escreveu pela primeira vez não ter conseguido parar de tremer de frio.

O campo de Uummannaq tem nove buracos e fica no meio das geleiras do Ártico, sobre as águas congeladas do oceano. "É o único no mundo onde é possível jogar no meio de icebergs", gaba-se Preben Kaspersen, gerente do World Ice Golf Committee, que organiza o torneio. "Normalmente, neve num campo de golf é um problema. Aqui é a solução", completa.

O desenho do campo, como a disposição das geleiras e icebergs, muda a cada ano. A única coisa inalterável é o frio e a imensidão branca, que pode cegar os mais desavisados. Por isso, óculos escuros são de uso obrigatório na competição. As bolas de golf, tradicionalmente brancas, tiveram de ser substituídas por bolinhas de um laranja fosforescente.

Verde é uma cor que não se vê por lá. Por isso mesmo, o green, como é chamada a área em que ficam o buraco e a bandeira, é feito de gelo prensado e foi rebatizado de "white". De tão escorregadio, é uma das partes mais temidas do campo. Mas o branco mais temido mesmo é o dos ursos polares, que infestam a região. Se algum deles aparecer por perto, diz a regra de golf local, o jogador deve suspender o jogo e finalizar a partida somente quando o animal for embora. Essa norma deve ser respeitada para o bem do urso, que não correrá o risco de ser atingido por boladas, e para o bem dos próprios jogadores, que não tentarão descobrir como um urso polar se comporta num campo de golf improvisado justamente em seu habitat natural.

ELITE XTREME

Não dá nem tempo de pensar em errar: é dar a tacada e dar no pé. Esse é o Xtreme Golf, que vem ganhando força nos EUA, onde já conquistou mais de um milhão de adeptos. Em vez de caminhar lentamente entre uma tacada e outra, os praticantes do Xtreme Golf têm de correr (e muito). Ganha a partida aquele que tiver a menor pontuação, que é a soma do número de tacadas e dos minutos gastos para terminar o jogo.

Se numa partida convencional os participantes chegam a demorar mais de quatro horas para percorrer cerca de seis quilômetros de um campo de golf, no Xtreme Golf os 18 buracos podem ser cumpridos em meia hora. De olho na performance, os praticantes do golf rápido trocaram o figurino tradicional do esporte – calças ou bermudas longas, camisas pólo e sapatos de couro – pelo short de corrida, tênis e camiseta.

"Não importa se o cara joga mal. A intenção é conseguir um bom condicionamento físico", disse à *Trip* o americano Bob Babbitt, editor da revista de corrida *Competitor*, criador do site www.extremegolf.com e um dos maiores incentivadores do golf rápido nos EUA.

O golf rápido ainda não chegou ao Brasil, mas o país já tem uma maratona de golf. Ela foi criada pelo jogador amador Edson Félix da Silva, que desenvolveu o circuito Marathon Golf. É um torneio de golf disputado em três partidas de 18 buracos realizadas num mesmo dia. São 54 buracos e quase 20 quilômetros sem parar. As duas primeiras etapas aconteceram no fim de 2004 e em março deste ano no Internacional Golf Clube dos 500, em Guaratinguetá, interior de São Paulo. A chuva, porém, interrompeu as competições no 45º buraco. "Eu gosto de jogar até o meu limite", diz sem ofegar Silva, que quer organizar pelo menos duas novas etapas até o fim do ano.

WWW.EXTREMEGOLF.COM

Para acelerar a partida cada jogador usa no máximo três tacos, contra os 14 utilizados num jogo convencional. No Xtreme Golf, ganha quem joga melhor e em menos tempo

GOLF PUNK MAGAZINE

Quem disse que o golf não é sexy? Modelos da revista inglesa *Golf Punk* fazem até um campo de golf parecer mais interessante

MÃOS AO TACO

Se mesmo depois dessas longas e certeiras tacadas você ainda não se convenceu de que o golf tem sim um lado menos careta (e mais trip) deveria folhear uma revista chamada *Golf Punk*. Lançada no ano passado na Inglaterra, a publicação traz tudo que toda boa revista de golf deve conter: os mais novos tacos do mercado, dicas de como melhorar a técnica e sugestão de campos. A diferença está na maneira de como tudo é apresentado.

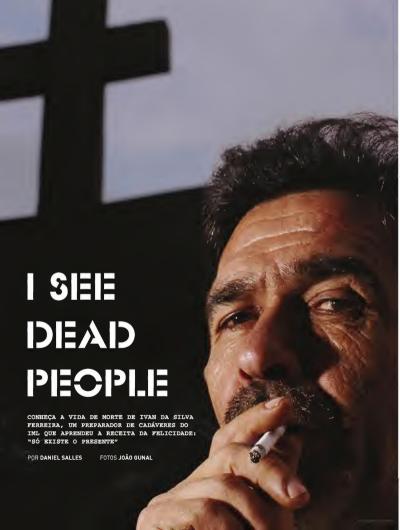
As dicas sobre regras, por exemplo, são dadas pelas Bunker Babes, garotas fotografadas em poses sensuais ao lado de tacos. Já algumas das lições para melhorar o swing do leitor (e fazê-lo babar ao mesmo tempo) estão na seção "The Golf Nurse", onde uma modelo sumariamente trajada ensina alguns exercícios para aprimorar a técnica. "As revistas de golf geralmente são voltadas a pessoas chatas, ricas e de meia-idade e se preocupam mais em ensinar a jogar do que em mostrar a diversão que há no golf", diz Tim Southwell, fundador da publicação. Tim, acreditem, sabe se divertir com o golf.

O BURACO É MAIS EMBAIXO

O golf já está no Brasil há mais de 100 anos, mas só agora, com 25 mil praticantes, começa a perder a fama de elitista e esnobe. Isso se deve muito à difusão das academias de golf. São locais que alugam bolinhas para serem batidas de cima de um tapete em direção a uma rede de proteção ou a uma área aberta. No Golf Center Interlagos (www.golfcenterinterlagos.com.br), em São Paulo, os iniciantes e iniciados que querem treinar batem bolas em direção à represa de Guarapiranga. No FPG Golf Center (www.fpggolfcenter.com.br), na zona sul de São Paulo, há um minicampo de nove buracos, ideal para iniciantes. Uma aula de meia hora sai por volta de 40 reais, mais 10 reais pelo balde com 50 bolas. Não é fácil bater a primeira vez na bolinha, mas, dizem os golfistas, é só dar uma primeira cacetada e pronto: pode se considerar picado pelo bichinho do golf e ir comprando seus tacos (um conjunto usado pode sair por menos de 1000 reais). Depois, é só escolher uma das modalidades de golf apresentadas nestas páginas e importá-la para o Brasil. Pedala, golfista.

I SEE DEAD PEOPLE

CONHEÇA A VIDA DE MORTE DE IVAN DA SILVA FERREIRA, UM PREPARADOR DE CADÁVERES DO IML QUE APRENDEU A RECEITA DA FELICIDADE: "SÓ EXISTE O PRESENTE"

POR **DANIEL SALLES** FOTOS **JOÃO GUNAL**

Nu, ele repousa sobre uma das macas de metal, no prédio amarelo perto do Hospital das Clínicas. É corpulento, aparenta meia-idade, tem cabelos encaracolados e bigode espesso. Já passou por detalhado exame médico e agora espera a chegada do plantonista Ivan da Silva Ferreira. É ele quem lhe dará o banho, vestirá a roupa e o colocará no caixão, pois o homem na maca está morto — um dos muitos que passam diariamente pelo Instituto Médico Legal de São Paulo (o popular IML), vítimas de morte violenta, antes de ser enterrados.

A cena não é das melhores. A palidez acentuada e o forte cheiro de formol, no entanto, não impedem que Ivan se aproxime. Sem pressa, ele empurra a maca para uma espécie de lavanderia. Liga a mangueira e esguicha água por todo o cadáver, pelas beiradas, sem movê-lo. Depois inclina a maca e deixa a água escorrer bem, agora tingida de sangue. A maioria dos defuntos que passa por ali sangra bastante, resultado da autópsia, o indiscreto exame que vai apontar a causa da morte. Mas não é o caso desse, que teve apenas a parte de trás da cabeça aberta — agora costurada. As incisões de bisturi variam conforme a suspeita do legista, podendo implicar cortes maiores ou menores, assim como sangramentos mais abundantes e maior trabalho para Ivan, já que seu ofício é o de preparar os cadáveres.

Minutos mais tarde, seco e com a calça preta e a camisa azul que o aquecerão durante a morte, o defunto já está pronto para o caixão, que está sem tampa sobre dois cavaletes. Não calça sapatos, o que a pequena janela envidraçada, suficiente apenas para o rosto, não deixará ver. A roupa é sempre fornecida pela família do falecido — que a leva quando informada do ocorrido — e depende do gosto e da concepção a respeito do que convém ou não usar embaixo da terra. Indigentes vão ao chão da forma que vieram ao mundo, já que não têm família e o Estado não fornece roupa pra ninguém.

O preparador Ivan cruza os pés do falecido sobre a maca e os puxa. Depois tenta pelo braço, o que dá certo movimento ao tronco inerte. Mais alguns trancos e o corpo cai dentro do esquife, onde apenas um pequeno travesseiro o espera. A empreitada nem sempre é leve, visto que muitos embarcam para a morte com excesso de peso. Ivan ajeita a calça, a camisa e direciona o rosto do morto. Um pano empapado de sangue fica onde estava apoiada a cabeça. É a hora de chamar a família para o reconhecimento.

A reação dos parentes é sempre imprevisível. Alguns ficam em silêncio. Outros choram sem parar ao se depararem com o trágico fim dos parentes. As causas que levam alguém a passar pelo IML antes de ser sepultado são as mais diversas possíveis. Geralmente envolvem armas de fogo, embora atropelamentos e quedas também tenham sua responsabilidade. Todas elas, no entanto, resultam em corpos machucados e possíveis desfigurações. Olhos arroxeados e pequenos hematomas são eventualmente disfarçados, embora Ivan disponha de pouco material para isso. "Quando tem algum corte, eu arrumo", ele conta. "Dou uns pontinhos só para não deixar aberto. Na mesa mesmo eles não fecham; chegou cortado, sai cortado."

70% GENTE BOA, 30% PODRE

Com 46 anos de vida, 24 dos quais dedicados à morte, Ivan da Silva não se deixa impressionar com as cenas que compõem seu dia-a-dia. Sempre sorrindo, não pára de fazer troça de sua profissão. Diante do espanto de um dos visitantes, que não agüentou acompanhar toda a operação, soltou meio rindo: "Ué? Cadê o outro? Fugiu por quê?".

Ivan trabalha das seis da manhã às seis da tarde em esquema de escala. O IML central é o único em São Paulo que funciona 24 horas por dia. Quando Ivan abandona seu posto, já há outro de plantão. Ali desembocam ocorrências do centro e das zonas norte e oeste da cidade. "Tem dia que entram quatro, tem dia que entram 15", contabiliza após ter tirado as luvas descartáveis que é tudo o que usa em matéria de uniforme. Os dias mais movimentados são os de calor, especialmente se não chove. No frio, o serviço é menor. Faz sentido: como as pessoas saem menos à rua, diminui a ciranda álcool-briga-assassinato. A maioria das vítimas, Ivan sabe, é homem. Mulheres e crianças são mais raras por ali.

O serviço é feito em dois, mas hoje seu parceiro está de folga — o que não significa que Ivan se sinta sozinho. Como para cada caixão atarraxado tem que haver um carro funerário, o popular rabecão, ele está sempre cercado por vivos — na maioria, ele conta, amigos seus. Não que goste de todo mundo. "Aqui 70% é gente boa, 30% é podre", diz com o cenho franzido e, abrindo um sorriso de fumante compulsivo, completa: "Como em todo lugar".

Hoje lida tranqüilamente com o macabro do ofício, mas no começo não era assim. Tinha 22 anos quando, vindo de Bauru, se inscreveu para trabalhar numa funerária em São Paulo. Seu primeiro serviço — retirar um corpo e levá-lo para o cemitério — não conseguiu fazer. Nem esquecer. "Vi o cara todo podrão, saí correndo pro bar e mandei encher

"COM UM SALÁRIO DE 860 PAUS, SE VOCÊ NÃO FIZER HORA EXTRA, TÁ PEGO", DECLARA IVAN, O ESTILISTA DE DEFUNTOS QUE DEIXA O "CLIENTE" NO JEITO

um copo de cachaça." Só depois, mais calmo e risonho, é que voltou e fez o serviço.

O ENTREGADOR NO CAMPO DE PRESUNTOS

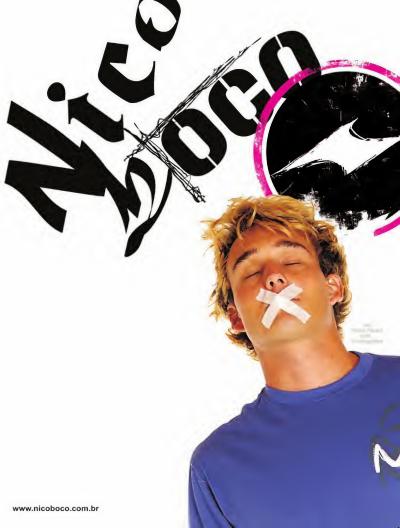
Jovem, entrou no ramo de bobeira. Antes trabalhava pelo interior do Estado fazendo entrega de — veja só a ironia... — frios da Sadia. Não são poucos, aliás, os trocadilhos de mau gosto com os dois sentidos da palavra presunto que ele vive ouvindo desde então. "A gente está na rua e os caras: 'Lá vem presunto'. E eu falo: 'Ô, tá escrito Sadia? Tá escrito Perdigão aqui? Isto aqui não é carro de presunto, é carro de defunto!'."

Ivan já pensou em mudar de vida, mas sabe que em sua idade isso é difícil. "Se não fiquei rico até hoje, não fico mais", conforma-se ele que, no entanto, não descarta a hipótese de dar a volta por cima cuidando de cavalos e deixando-os em ótima saúde para a venda. Seu filho mais velho, hoje com 31 anos, fruto de uma inesperada paternidade aos 16, certa vez pensou em seguir a carreira do pai. Este lhe deu duas opções: ou mudava de idéia ou teria os ossos quebrados. Em tempo, o rapaz achou mais prudente ficar com a primeira alternativa.

Ivan não é de reclamar da vida. Gosta de viver o presente, até porque sabe como funcionam as coisas depois da morte — ao menos com os corpos. "Eu não programo meu futuro. Programo assim: dia 11 uma 'bagunça' em meu sítio... e só." O evento, ao qual a reportagem foi convidada, reunirá mulherio, enfermeiros, doutores e a maioria de seus colegas de profissão. Dá para imaginar a cena. Ivan confessa o que a esposa e os amigos já sabem: é um mulherengo de marca maior. Pai de seis filhos, já são quatro os casamentos na bagagem — embora apenas um tenha sido consumado também no papel. Mas deixa claro: "Pago pensão pra todas elas". Curiosamente, revela, grande parte dos profissionais que lidam com defuntos apresenta números elevados em divórcio.

CARPE DIEM GELADO

A morte, aliás, é algo que não parece preocupá-lo. Há pouco tempo foi fazer um exame de pulmão e o médico lhe disse para parar de fumar — ao mesmo tempo em que acendia um cigarro. "Porra, que legal, você me aconselha parar de fumar mas acende um cigarro!", disse Ivan. Ao que rebateu o médico, certeiro: "É, mas quem tá fodido é você, que está com mancha no pulmão. O meu está limpo". Ivan não se abalou.

Descrente em relação à existência de uma vida após a morte e cansado de ver gente morrer de cirrose sem nunca ter bebido — ou de causas não relacionadas ao pulmão apesar de muito ter fumado —, o preparador de cadáver toca a vida focado nos prazeres do agora. E com muitas baforadas. Questionado sobre como gostaria que seu cadáver fosse tratado numa hipotética passagem pelo IML, o grande Ivan nem hesita em dizer: "De qualquer jeito. É só a carcaça".

PÚBLICO ALVO

O israelense Amos Gitai, um dos grandes nomes do cinema mundial, fala com exclusividade à ***Trip*** e conta que em seu novo filme procurou transcender as habituais barreiras que separam judeus e palestinos

POR **BRUNA BITTENCOURT**

ROGÉRIO FERRARI

É difícil separar a trajetória de Amos Gitai da história de Israel. Filho de um arquiteto e de uma ativista sionista, o cineasta nasceu naquele país dois anos depois de ele ter sido criado, em 1948. Aos 23 anos, cursando arquitetura, Gitai se juntou ao exército israelense e, durante uma missão, o helicóptero que o transportava foi atingido por um míssil sírio. O episódio foi decisivo para que ele trocasse a prancheta por uma câmera – evento que seria transformado no documentário *Kippur: War Memories*, de 1993, e no filme *Kippur*, de 2000, comparado a *Apocalypse Now*, de Coppola.

No início da década de 80, o diretor se auto-exilou na França. Retornou a Israel depois de dez anos, quando o então primeiro-ministro Yitzhak Rabin iniciou o processo de paz com a Palestina. Do fanatismo religioso dos judeus ortodoxos de *Kadosh* (1999) às frágeis áreas de convivência entre palestinos e judeus de *Free Zone* (2005), seu mais recente filme, estrelado por Natalie Portman e programado para a Mostra de São Paulo deste ano, Gitai coloca o dedo em várias feridas do conflito no Oriente Médio. De Veneza, onde participou do júri do festival de cinema da cidade, o diretor falou à ***Trip***.

Free Zone **será exibido neste mês na Mostra Internacional de São Paulo. Como é essa "área livre" capturada por seu cinema?**
Temos uma imagem do Oriente Médio de uma região com fronteiras rígidas, campos minados e repleto de ódio e perigo. *Free Zone* tenta ultrapassar esses limites. É baseado numa experiência que tive com um sujeito que trabalha

A foto acima foi feita em Ramallah, na Cisjordânia. É do fotógrafo baiano Rogério Ferrari e faz parte de *A Eloqüência do Sangue*, seu livro recém-lançado (R$ 38 na Livraria da Vila. Tel. 11 3814-8811). Desde 2001, Rogério aponta o olhar para o Oriente Médio. Antes disso, sempre buscou documentar vidas, culturas e conflitos da América Latina

DIVULGAÇÃO

Natalie Portman (centro) em momento risadas com Gitai e sua companheira de filmagens Hannah Laszlo, premiada como melhor atriz em Cannes

como motorista nos meus filmes. Certa vez, desempregado, ele encontrou um parceiro na Jordânia. Juntos, consertavam e blindavam carros usados para depois vender para companhias iraquianas. Para mim, parecia ficção científica: como um israelense e um árabe poderiam fabricar carros blindados?

Foi a primeira vez que o senhor usou uma atriz de Hollywood num filme. Como foi?

Por cerca de seis meses, Natalie Portman me escreveu e-mails dizendo que gostaria de fazer um filme comigo. Não sabia como lidar com isso. Convidei-a para jantar e ela me contou sua história de vida. Descobri que Natalie nasceu em Jerusalém e foi para os Estados Unidos com 3 anos. Quando lhe enviei o script, ela encontrou nele muito do que me contara no jantar. No filme, achei uma maneira de adaptar suas experiências para uma passageira de um táxi que vai de Jerusalém até a Jordânia. Ela refaz a viagem que eu fiz na vida real. Achei alguém mais bonito para me interpretar.

O que o senhor achou da recente retirada de Gaza? Como o senhor vê o futuro do conflito?

A retirada deveria ser seguida de uma proposta religiosa e nacionalista. Obviamente, essa é apenas uma das mudanças políticas necessárias. Isso não deve ser o fim. Acho bom quando um acontecimento tenta mudar o *status quo* e mostrar outros caminhos. Ainda acredito que fatos como esse nos dão um senso de direção, o que é muito importante.

Fernando Meirelles, diretor de *Cidade de Deus*, foi criticado por tratar do tráfico de drogas com uma linguagem moderna. Como o senhor vê esse tipo de crítica?

O cinema não é uma mídia antiga. Acho muito bom quando as pessoas o questionam, tentam mudá-lo. Se encerrarmos a discussão, nós apenas repetiremos a mesma forma. É bom abrir o debate.

Quem são seus diretores preferidos hoje em dia?

Gosto de diretores ligados ao seu país ou a sua origem, como Glauber Rocha e Rosselini. Pessoas que alimentam o cinema pela linguagem, pela natureza caótica do cotidiano – São Paulo, obviamente, pode muito bem preencher essa proposta. São diretores que às vezes filmam documentários, às vezes usam a ficção, mas que, essencialmente, mostram o que é, de fato, a condição humana.

O senhor esteve por aqui para a retrospectiva de sua obra na mostra do ano passado. O que ficou dessa visita?

Gosto muito de São Paulo. É uma grande metrópole, uma mistura de diferentes países, mas, também, de diferentes classes de uma maneira que é possível enxergar a forma como o interior penetra na cidade. Eu me formei em arquitetura antes de virar cineasta e como arquiteto tive uma forte impressão de São Paulo.

Mostra tudo

A Mostra Internacional de Cinema de São Paulo chega a sua 29ª edição este ano. As exibições mais aguardadas são *Manderlay*, do dinamarquês Lars Von Trier, segundo filme da trilogia iniciada com *Dogville*, e o novo do diretor chinês Wong Kar-Wai: *2046*. Os destaques brasileiros são *Crime Delicado*, de Beto Brant, o documentário do nosso "páginas negras" Eduardo Coutinho, *O Fim e o Princípio*, além de *Cinema, Aspirinas e Urubus*, de Marcelo Gomes, e *Cidade Baixa*, de Sergio Machado. A atriz espanhola Victoria Abril é uma das convidadas deste ano. A mostra vai de 21 de outubro a 3 de novembro. Programação e outras informações: www.mostra.org

Febre amarela

Em 2004 os jogadores da seleção visitaram o Haiti, onde foram recebidos como deuses na terra. Um documentário a ser lançado na Mostra de Cinema de SP narra a história desse furacão canarinho

POR **CASSIANO ELEK MACHADO**

Um grito. Do meio de uma montoeira de pessoas, quase todos negros, quase todos pingando sob um sol alto e mole, sai um grito: "Ronaldo, eu morreria por você". A declaração de amor emerge de uma multidão, braços e pernas, que se reúne em Porto Príncipe, capital do Haiti, para ver um furacão passar. O Katrina atendia pelo nome de Seleção Brasileira de Futebol. Era um agosto fervilhante, o de 2004, e os canarinhos baixavam no país mais pobre das Américas. Raro episódio de diplomacia futebolística explícita, a expedição dos Ronaldos ganha agora um retrato cinematográfico. Ele atende por *O Dia em que o Brasil Esteve Aqui*, documentário de Caito Ortiz e João Dornelas que será exibido pela primeira vez durante a 29ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (21/10 a 3/11).

Com pouco mais de uma hora, a produção vai muito além dos gols que o guarda-metas Fènelon Gabart teve de engolir. *O Dia em que o Brasil Esteve Aqui* se esmera nos preparativos da população local para receber os jogadores amarelos. Escutam desde anônimos, como o rapaz que afirma que foi Deus quem mandou o escrete a Porto Príncipe (e no Haiti, aprende-se com o filme, a seleção canarinho vive no Reino do Senhor), até o então "bem na fita" presidente Lula, que dispara um "O futebol brasileiro é uma água benta". Ele não foi o único abalado pelo ufanismo haitiano. "Essa alegria, o olhar, o sorriso, o coração eu só vi nos momentos em que a seleção foi campeã do mundo", afirma Parreira em preleção no vestiário do jogo. Oba-obas à parte, *O Dia em que o Brasil*

Um tap-tap, tipo de ônibus comum no Haiti, decorado com imagem de Don Dodô, como Ronaldo Fenômeno é conhecido no país, que visitou com a Seleção Brasileira, tema de *O Dia em que o Brasil Esteve Aqui*

DIVULGAÇÃO

Esteve Aqui encontra fôlego para exibir o olhar crítico de alguns intelectuais do país caribenho à presença verde-amarela em suas terras (que começou com a chefia da delegação da ONU presente no país). Vem de um cronista esportivo de lá o golpe mais contundente, uma patada à "Roberto Carlos". "Existe o hard-power *[modelo expansionista americano]* e o soft-power. O Brasil simboliza o soft-power. O Brasil é a potência mais perigosa do mundo porque ela é capaz de aprisionar um país por meio do soft-power", diz Patrice Dumont. E assim foi. Soft, soft. Brasil 6x0 Haiti.

OS REIS DO SILÊNCIO

Inspirada em João Gilberto, a dupla norueguesa Kings of Convenience traz para o TIM Festival, que acontece neste mês no Rio de Janeiro, um som acústico repleto de sutilezas POR **THIAGO LOTUFO**

Abra o mapa-múndi. Veja lá no alto, bem no alto: Noruega. Agora marque: Oslo, a capital. Pegue um barco e navegue pelo Mar do Norte através da paisagem repleta de montanhas que beijam a água (os fiordes). O destino? Bergen, segunda maior cidade desse país escandinavo e lugar de origem da dupla de nome oportuno: os Kings of Convenience (Reis da Conveniência, numa tradução livre). Eirik Boe e Erlend Oye são os dois que dividem o trono e as composições dos Kings. O primeiro, o moreno, se diz mais tímido. Além de músico, estuda psicologia há uma década – "Finalmente vou pegar meu diploma no ano que vem", afirmou em entrevista por e-mail à ***Trip*** – e gasta horas de seus conhecimentos acadêmicos planejando cidades num escritório. "Tenho fé numa nova arquitetura, mais humana", diz.

Erlend é o rapaz com cara de moleque e cabelos de fogo – além dos flamejantes óculos quadrados. É mais expansivo; cáustico. Há alguns anos, como um bom viking, se mandou para terras germanas e se estabeleceu em Berlim, onde toca projetos paralelos de música eletrônica. Bem paralelos, diga-se, pois o som dos reis noruegueses nada tem a ver com BPMs (batidas por minuto) aceleradas. Eles são acústicos e prezam a atmosfera de um oceano de calmaria em suas canções. Violões, bateria, um pianinho e vez ou outra cordas de violinos ou de um violoncelo são os instrumentos que dão vazão ao que compõem.

A opção pela não-eletrificação, porém, não os deixa nem um pouco próximos de bandas de rock que tentam se reinventar em versões "unplugged". Os Kings of Convenience são monarcas das sutilezas. Os arranjos são discretos e, as melodias, cristalinas como água mineral. Eles cantam em inglês e assumem a influência de Simon & Garfunkel, Belle & Sebastian e Nick Drake – todos cultores da melancolia folk. Assumem também a inspiração suprema: João Gilberto, o mestre da tropical Juazeiro que provavelmente nunca ouviu falar da gélida e chuvosa Bergen. "Em 1995, minha mãe me emprestou o disco que João Gilberto gravou ao vivo com Stan Getz no Carnegie Hall (Nova York)", conta Eirik Boe. "Esse disco me fez perceber que o silêncio é a grande sacada. A música dele me trouxe o conforto de não estar sozinho."

O silêncio está nos dois discos da banda: Quiet Is the New Loud, de 2001, e Riot on an Empty Street, de 2004 e lançado aqui neste ano. No Rio de Janeiro, quando aportarem no palco do TIM Festival no domingo 23 deste mês, tudo que Eirik e Erlend esperam é que a música deles faça bastante barulho.

M.I.A., 27 anos, a "cachorra" do Sri Lanka promete chacoalhar as cinturas de quem for ao TIM Festival

FOTOS DIVULGAÇÃO

Rocinha, Bronx e Trenchtown

O som alto dos Strokes pode ser a sensação do TIM Festival. Mas é a batida do pancadão que deve surpreender no evento deste ano. O ritmo dos morros do Rio de Janeiro estará representado por duas atrações gringas: o DJ norte-americano Diplo e sua namorada, a MC cingalesa M.I.A.. O casal vêm ao país destilar sua tradução do funk carioca. Diplo mistura beats dos anos 80 com dancehall, rap e doses generosas de pancadão. M.I.A., por sua vez, promete transformar seu show num baile de periferia. Rocinha, Bronx e Trenchtown, tudo ao mesmo tempo.

Tim Festival: no Rio de 21 a 23/10, São Paulo 23/10, Porto Alegre 25/10 e Belo Horizonte 25/10

Flow sK8 market

FIAT LUX

***Tudo se Ilumina*, Jonathan Safran Foer (Rocco, 360 págs., preço a definir)**

A história mais triste e a história mais engraçada – finalmente juntas. E iluminadas. Jonathan Safran Foer conseguiu essa façanha misturando histórias, uma de um jovem escritor chamado Jonathan Safran Foer procurando, na Ucrânia, uma mulher que salvou seus antepassados do Holocausto, e outra da paixão enlouquecida desses antepassados. Com isso, Foer escreveu a novela de estréia mais brilhante de um autor americano iniciante neste século (tudo bem, ainda temos 95 anos para ver se Foer segura o título, mas já aposto nele). E, de bônus, você ainda conhece um cachorro chamado Sammy Davis Junior Junior (e esse nome repetido não é um erro de tipografia...). E bravo para a tradução, que encarou as falas do guia ucraniano de Jonathan, que fala inglês como se tivesse engolido um dicionário – contar mais que isso estraga a surpresa do título. (**Zeca Camargo** é jornalista, editor-chefe do *Fantástico* e autor de *A Fantástica Volta ao Mundo*)

CONDENADO À LIBERDADE

***Às Cegas*, Luiz Alberto Mendes (Companhia das Letras, 368 págs., R$ 43)**

Com *Às Cegas*, Luiz Alberto Mendes (colunista da ***Trip***) dá continuidade ao resgate de suas recordações do cárcere, iniciado com o livro *Memórias de um Sobrevivente* (2001), que chamou a atenção de leitores e crítica pela linguagem crua com que Luiz retratava sua descida ao inferno das prisões. *Às Cegas* parte do momento em que o autor passou a sonhar com a possibilidade da vida em liberdade, mostrando como é longo e cheio de armadilhas o caminho que leva da cela até a porta do presídio. Uma narrativa seca e contundente, sem espaço para ornamentos ou sentimentalismos. Tal qual a vida real. (**Marçal Aquino** é escritor e roteirista, autor de *O Invasor* e *Cabeça a Prêmio*. Seu próximo romance, *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios*, sai em novembro)

FAMA DE MAU

***Billy the Kid, História de um Bandido*, Pat Garrett (L&PM, 210 págs., R$ 15)**

Muitos livros contam a história do lendário Billy the Kid (1859-81) e ajudaram a transformá-lo num dos bandidos mais temidos do Velho Oeste americano. Mas este é o mais especial deles. Seu autor é ninguém menos do que o xerife Pat Garrett, ex-amigo de Billy e o homem que o executou, por um punhado, um bom punhado, de dólares. Além da história, com direito a epílogo do autor justificando o assassinato, o livro traz dois apêndices: um sobre vários outros volumes que contam o feito, e outro, imperdível para os cinéfilos, com comentários sobre as adaptações da saga de Kid para a telona. Em tempos de faroeste pop, onde o western é tema até de novela da Globo, a leitura tem sabor de volta às origens. (**Beth Slamek** é diretora de arte da ***Trip*** e criadora de comunidades no Orkut em homenagem a Clint Eastwood, Eli Wallach e Lee Van Cleef, atores do clássico do bangue-bangue *O Bom, o Mau e o Feio*)

REGRA DO JOGO

***Orson Welles*, André Bazin (Jorge Zahar, 200 págs., R$ 28,50)**

André Bazin foi o Orson Welles da teoria cinematográfica: aquele por onde o cinema começa a ser visto de novo, aquele a partir de quem todo o nosso olhar se desloca. Nada mais normal, portanto, que dedicasse um livro a Welles, obra que chega às estantes brasileiras. O diretor de *Cidadão Kane* fez um uso sistemático da profundidade de campo – isto é, usou o foco em toda a cena, ao longo de quase todo o filme – e ao mesmo tempo do plano-seqüência – usando apenas um plano para cada cena com freqüência. Com esses dois dados, centrais para o cinema moderno, ele amplia o realismo cinematográfico e, no olhar de Bazin, revoluciona o cinema tanto quanto o fazia, mais ou menos ao mesmo tempo, o italiano Roberto Rossellini. Este é o livro de um grande pensador do cinema, sem dúvida, mas sobretudo de um apaixonado pelo cinema de Welles.
(**Inácio Araujo** é crítico de cinema da *Folha de S.Paulo*)

Uma cerveja nobre que você pode apreciar sem cerimônia.

Ingredientes de primeira qualidade e a pura água de Petrópolis. No Brasil, a única cerveja que reúne tudo isso é Itaipava. E sabe o que é melhor? Toda essa nobreza não impede que você aprecie sua Itaipava onde e quando quiser, sem a menor cerimônia. Um brinde ao seu sabor e aroma incomparáveis. Escolha Itaipava.

A cerveja sem comparação

APRECIE COM MODERAÇÃO

FÓRMULA INDI

Três moleques do Mississippi se juntaram há mais de 20 anos e refizeram quadro a quadro, com a grana da mesada, o primeiro episódio de *Indiana Jones*. Só recentemente o filme foi exibido e ganharam elogios de Steven Spielberg. Agora a história deles é que vai para o cinema POR **ANDRÉ CONTI**

Com 5000 dólares, Strompolos, Zala e Lamb filmaram seu próprio *Indiana Jones*

DIVULGAÇÃO

Em 1982, três amigos do Mississippi tiveram uma idéia ousada. Aos 12 anos, Chris Strompolos, Eric Zala e Jayson Lamb decidiram refilmar *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* cena por cena, recriando todos os momentos do original de Steven Spielberg.

A idéia da trinca era, com a ajuda de alguns amigos e o dinheiro da mesada, concluir a refilmagem durante as férias daquele verão. Não foi possível, claro. *Caçadores: a Adaptação* levou sete anos para ficar pronto e consumiu 5000 dólares do trio. "Caminhamos com dificuldade, sem um final em vista", explica à ***Trip*** Eric Zala, que, além de dirigir o filme e coordenar as cenas de ação, também ficou com o papel do vilão Belloq. Lamb pilotou os efeitos especiais, costurou roupas e fez a fotografia. Strompolos ficou com o papel principal, o do arqueólogo Indiana Jones.

Cerca de 70 pessoas, entre vizinhos, parentes e colegas, colaboraram no projeto. Como não havia vídeo ou DVD em 1981, mais de 600 desenhos das cenas de *Indiana Jones* foram criados a partir do roteiro. Durante as filmagens, os três amigos aprenderam a atear fogo em si mesmos, a ser arrastados por carros e a pular de grandes alturas. "O acidente mais grave", diz Lamb, "foi com um molde de gesso que quase asfixiou Eric. Ele ficou meio cego e sem sobrancelhas, mas seguiu firme."

Caçadores: a Adaptação ficou pronto quando os amigos tinham 19 anos. Duzentos moradores da cidade de Bay St. Louis ovacionaram os cineastas na sua primeira e, até o ano passado, única exibição pública. Depois das filmagens, os três perderam contato. Deles, Zala foi o único a mostrar a fita para amigos, na faculdade. Segundo Strompolos, "nem minha mulher sabia que eu era o Indiana Jones". Mais de uma década depois o filme ressurgiu no festival BNAT 2004, organizado no Texas pelo site aintitcoolnews.com. Os primeiros relatos na Internet descreviam uma platéia que gritava e aplaudia cada cena. Os três se tornaram celebridades do mundo nerd e ídolos entre os chamados "cineastas de guerrilha".

Strompolos diz que a glória máxima foi o convite que receberam de Steven Spielberg para um bate-papo. Os 40 minutos com o cineasta renderam uma matéria na revista *Vanity Fair*, que chamou a atenção de produtores em Hollywood. Resultado: uma versão para o cinema da história dos amigos está sendo roteirizada pelo quadrinista Daniel Clowes. Strompolos e Zala fundaram a produtora Rolling Boulder Films e planejam dois filmes para os próximos anos. Lamb, que considera *Pixote*, de Hector Babenco, "o filme mais provocativo e intenso jamais feito no cinema", é fotógrafo e artista, e vende suas obras pela Internet. É nosso dever histórico, portanto, refilmar *Pixote* cena por cena, para uma estréia em 2012. Alguém se habilita?

Pobre Hollywood

Filmes de baixo orçamento vêm revolucionando a produção audiovisual. Só esbarram num problema: leis de copyright. Sem advogados não é mais possível fazer um filme POR **RONALDO LEMOS***

Em 2004, um ator desempregado chamado Jonathan Caouette foi aclamado em Cannes por causa de *Tarnation* (www.i-saw-tarnation.com), filme que dirigiu e protagonizou. A obra, feita com apenas 218 dólares, foi considerada um marco estético. *Tarnation* ganhou a capa das principais revistas de moda e cinema dos EUA e transformou Caouette em celebridade cult. Mas no meio do caminho havia um problema. O filme continha trechos de músicas e de programas de TV, e o valor para licenciar esses trechos era de 400 mil dólares, o suficiente para inviabilizar o projeto.

A salvação veio do cineasta Gus Van Sant (autor de *Elefante*), que ajudou a financiar a liberação do filme, permitindo sua estréia comercial. Não fosse isso, *Tarnation* teria permanecido como uma excentricidade do seu realizador (o filme foi exibido nas mostras do Rio e de São Paulo em 2004, com o nome *Tormento*). Essa história ilustra a descentralização radical que atinge hoje a produção audiovisual. Atualmente, o principal competidor de Hollywood é a sociedade, que tem nas mãos equipamentos de produção antes acessíveis a poucos. O problema é que qualquer pretensão comercial é logo sufocada pela necessidade de licenciamento de direitos autorais.

A questão afeta inclusive Hollywood. Quando o filme *Os 12 Macacos* estreou, um artista processou o estúdio alegando que uma das cadeiras que surgiam na tela tinha sido desenhada por ele. Conseguiu assim barrar sua exibição por vários dias. Pobre Hollywood! Sem advogados, não é mais possível fazer um filme. E essa é a arma da grande indústria para competir com a sociedade: manter artificialmente a necessidade de capital. Quem não tem dinheiro para pagar advogados, que não lance um filme comercialmente.

Isso tudo acontece em um momento em que o processo de produção audiovisual passa por uma revolução. Como exemplo, o surgimento dos machinimas (www.machinima.com), filmes feitos 100% com videogames. Em vez de usar atores ou câmeras, os produtores dos machinimas gravam trechos da ação que se passa nos jogos, editando o material e construindo uma narrativa.

O resultado é impressionante. O mais popular dos machinimas, a série *Strangerhood* (http://sh.roosterteeth.com/archive), foi realizado 100% com a plataforma do jogo The Sims. Outro "clássico" é o popular *Red vs. Blue* (http://rvb.roosterteeth.com/archive), um sitcom feito a partir de jogos de tiro. A série já produziu 60 episódios e tem uma legião de fãs. Outro exemplo ocorreu em maio de 2005, quando o filme mais baixado da Internet foi *Revelations* (www.panicstruckpro.com/revelations), o episódio "três e meio" de *Guerra nas Estrelas*. Realizado por fãs da série, o filme, que custou 20 mil dólares, conta as desventuras de uma classe de guerreiros que surgiu após a destruição dos Jedis. Os atores não são dos melhores, mas o filme impressiona pela boa história e pelos efeitos. A revista *Slate*, por exemplo, louvou o filme a ponto de fazer um apelo para que George Lucas abdicasse dos seus direitos em favor dos fãs.

Em síntese, com poucos ajustes no regime dos direitos autorais, o potencial criativo da sociedade pode deslanchar de vez. Jeannie está fora da garrafa. Pobre Hollywood.

* **RONALDO LEMOS** É AUTOR DO LIVRO *DIREITO, TECNOLOGIA E CULTURA*. COORDENA O CENTRO DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE DA ESCOLA DE DIREITO DA FGV (RJ) E O PROJETO CREATIVE COMMONS

ACADEMIA
DE
CULTURA
POP

MALANDRAGEM DEU UM TEMPO

Bezerra da Silva *O Samba Malandro de Bezerra da Silva* (Sony/BMG)

Quando morreu, Bezerra da Silva vivia com a mulher em um pequeno apartamento em Copacabana. Na sala, além de um atabaque com o couro frouxo, um Código Penal. E uma bíblia aberta no caderno de Isaías. Sabia de cor muitos códigos de crimes. Poucos sabem, mas antes de sambista, o pernambucano trabalhou em uma firma de advocacia. À ***Trip***, pouco antes de morrer, revelou: "Minha maior frustração é não ter sido advogado". Velho e convertido, jurava odiar droga: "É o maior veneno. O sujeito fica burro, morre, vai pro inferno". Mas e suas músicas, Bezerra? Não fazem apologia? "Não, nenhuma. Eu só represento o morro. Sou um intérprete, entendeu? O Bezerra é um personagem." Sumiu o malandro, e José Bezerra pareceu um senhor lamentando a injustiça que viveu e viu a vida toda. Foi roubado por gravadoras, contratantes e mulheres. Mas deu voz aos compositores do morro. Cantou a vida dos guetos antes de qualquer facção atrair jornalistas, antes dos rappers exaltarem a favela. Fez o samba ser belo sem sutileza ou romantismo. A maior malandragem de sua vida foi ter deixado todos acreditarem que era ele aquele homem farrista, de escrúpulos flexíveis, pronto para apertar e acender. Morreu intacto, deixando o disco evangélico que pretendia gravar para outra encarnação. Graças a Deus. E agora, essa caixa com quatro CD's com o melhor de sua esticada carreira serve como um – velho – testamento. **(Bruno Torturra Nogueira)**

ROCK "MODERNO"

Forgotten Boys *Stand by the D.A.N.C.E* (ST2)

É um daqueles discos que foi imaginado em algumas noites numa garagem qualquer – e isso não é ruim. Pelo contrário. Você pode escutar aqui e ali um pouco de Rolling Stones ou bandas mais obscuras como New Bomb Turks e Humpers. Riffs punk em "All You See" e "Falling Higher" e refrões pop em "Get Load" e "Different Taste". Entre as canções (há três em português) minhas preferidas do momento são: "Hey Hey", "Just Done", "Stand By The D.A.N.C.E." e "The Ballad Of". Não deixe, porém, todas minhas referências de bandas antigas lhe enganarem porque esse é um disco de rock "moderno", com produção poderosa e grandes ambições – e não uma coisa retrô que todo mundo já ouviu um milhão de vezes. **(Robert Eriksson, baterista da banda sueca The Hellacopters)**

ALTO CONTRASTE

Nação Zumbi *Futura* (Trama)

A capa, a mais sóbria e derretida que a NZ já ostentou, denuncia a "psicodelia em preto e branco", como bem disse Jorge Du Peixe, do novo CD da tropa de todos os baques. Psicodelia do futuro, sem ecos previsíveis, mas com os devidos truques e reverbs lesos. Psicodelia que escorre, mas não derrama. Elegante e surreal. Parece mais uma banda de rock, enfim. Enfim? Mas parece mais macumba também. O sotaque de Pernambuco em fonemas globais. A Nação nunca esteve com os pés tão fora do Brasil. E não tiram (não querem) as pernas da lama do bairro pobre de peixinhos. A banda, pra lá de madura, não cai de jeito nenhum. Nas 12 faixas, alto contraste – frio e pegando fogo – como o futuro já parece estar pintado. Sem mais, ouça, não hesite. **(BTN)**

ELES JÁ DISSERAM GOODBYE, AGORA DIZEM HELLO

Paul McCartney *In Red Square* (Warner Music Vision)

"Back in the U.S.S.R", assim se sentiu Sir Paul McCartney ao pisar pela primeira vez em território russo. Com uma banda jovem e inflamada, o senhor de 61 anos cantou clássicos como "Let it Be", "Yesterday" e "Get Back". Cantando todo o show nas afinações originais, Paul mostra que há vitalidade atrás dos cabelos que começam a ficar brancos. Tocando "Helter Skelter", McCartney mostra que rock'n'roll é uma passagem só de ida, e desta maneira leva o público ao delírio cantando "Back in the U.S.S.R" em plena Moscou. O DVD traz um documentário contextualizando a importância política do concerto. O mundo gira. Um beatle em pleno território vermelho, com o presidente russo na platéia, cantando em alto e bom som o que um dia, ninguém pôde ouvir. Quem diria... **(Bruno Bacchi)**

OLHO NO BOLSO

A Cosac Naify aposta no formato pocket e lança neste mês os dois primeiros títulos da coleção "FotoPortátil", dedicada à fotografia brasileira contemporânea

A foto da carteira de identidade agora tem companhia: a série "FotoPortátil", da editora Cosac Naify, que promete encher bolsos e olhos. Com formato 14 x 17 cm, capa dura e folhas sanfonadas, os livros do paulistano Antônio Saggese e da mineira Rosângela Rennó abrem a coleção. "Não se trata de compilações do tipo 'melhor de'. Tentamos fazer um recorte na obra desses fotógrafos, selecionar temas", conta o coordenador do projeto, o fotógrafo e jornalista Eder Chiodetto. A Cosac Naify promete ainda volumes com trabalhos de Cris Bierrenbach, Luiz Braga, Eustáquio Neves, Miguel Rio Branco, Mario Cravo Neto e Kenji Ota. Até dezembro acontece também, paralelamente ao lançamento dos livros, o ciclo de debates "FotoPalavra no Itaú Cultural", em São Paulo. No dia 25 deste mês, às 19h30, Rennó e Saggese serão os convidados (inscrições pelo tel. 11 2168-1876).

FOTOS DIVULGAÇÃO

Fotos de Antônio Saggese (acima) e Cris Bierrenbach

Procura-se o Brasil

Nos dias 28, 29 e 30 de outubro, o povoado dos Mellos, entre as cidades de Campos do Jordão, São Bento do Sapucaí e Santo Antonio do Pinhal, vai tentar entender o Brasil. "A gente somos o quê?" é o tema da primeira edição do Festival dos Mellos. "Por que panelas na Argentina e pizza aqui?", "A cultura da periferia consumida pela elite" e "Dá pra ser feliz no Brasil" são os temas de alguns dos debates. Entre os convidados estão o psicanalista Contardo Calligaris, o fotógrafo Caio Reisewitz, o ex-ministro da saúde Adib Jatene, a companhia teatral Pia Fraus e o jornalista Paulo Henrique Amorim. Mais informações: www.festivaldosmellos.org.br.

competition
mpetition.com.br
competition.
suando por você.
reginaldo ghilardi _ coordenador de 20.000 treinos mensais _

Só Deus sabe

por Ricardo Guimarães*

O colunista pesca em uma conversa do cotidiano uma frase que o deixa com a pulga atrás da orelha: "Só Deus sabe o que está acontecendo agora"

Caro Paulo,

Que bom que você chegou de viagem e a gente vai poder se encontrar. Temos uma pauta comprida para conversar. O tema é sustentabilidade, né? Esse assunto é tão novo que quando teclo a palavra no meu PC o corretor de ortografia registra erro, mas não tem sugestão correta.

Pois é, outro dia, eu voltava para o escritório de táxi – agora em SP eu só ando de táxi para usufruir dos corredores de ônibus. Atenção, taxistas: promovam abaixo-assinado com seus passageiros para o Serra manter a decisão de 24 horas livre! – então, estava eu no táxi, distraído com os meus pensamentos nas vítimas do Katrina e do Bush, quando uma voz feminina vinda da rua chamou minha atenção: "Só Deus sabe o que está acontecendo agora". Olhei para o lado, o sinal tinha fechado e o táxi por acaso tinha parado a um metro de um ponto de ônibus onde duas moças conversavam. Foi o tempo de a frase entrar no meu ouvido para o carro começar a se movimentar. As moças ficaram para trás e eu segui em frente com aquela frase ecoando no meu cérebro: "Só Deus sabe o que está acontecendo agora". Soltas dentro da minha cabeça aquelas palavras iam se repetindo e se debatendo procurando um lugar para se acomodar. E quanto mais elas se debatiam e se repetiam o seu significado ia aumentando e menos elas se encaixavam numa das gavetas do meu cérebro. Até que eu desisti e decidi contemplá-las, sem referência nem contexto, para saber aonde elas me levariam. "Só Deus sabe o que está acontecendo agora." "Só Deus sabe o que está acontecendo agora."

Não era uma frase banal apesar de corriqueira. Pelo contrário, era a maior e mais simples verdade que eu tinha ouvido nos últimos tempos. Aceitando a verdade irrefutável, me rendi e relaxei. Minha cabeça, que tinha estacionado em Nova Orleans, voou para Zagreb, na Croácia, onde minha filha Shubi está correndo uma prova de aventura, voltou rápido para Barcelona, onde meu filho Pedro está morando, até chegar a Brasília, tentando saber o que o Severino e o Zé Dirceu estariam conspirando para se manter no poder. "Só Deus sabe o que está acontecendo agora."

Perguntei a mim mesmo se essa ignorância, essa incerteza, era um sinal dos tempos modernos. A primeira resposta que me veio era viciada nas análises do mundo dos negócios que mostram que o número de variáveis controláveis é cada vez menor e a imprevisibilidade do futuro cada vez maior, resultado da aceleração do tempo, da tecnologia da comunicação, da globalização etc. É isso, mas não é só isso. Afinal, tsunamis e furacões sempre existiram e filhos sempre moraram longe dos pais. Fui mais fundo. O que eu tinha que aprender com essa frase? Será que a resposta estava em encontrar um jeito de saber o que está acontecendo agora?

Como saber que a empresa em que eu trabalho pode estar sendo vendida e minha carreira tranqüila vai viver um tsunami sem precedentes? Como saber que nesse minuto terroristas explodem poços de petróleo no Oriente comprometendo a sustentabilidade da sociedade que ainda depende dessa matéria-prima?

Não. Meu sossego não estava em saber, mas em confiar em quem sabe.

Fiquei com medo de chegar a uma conclusão simplista e acomodada tipo "entregar pra Deus", "seja o que Deus quiser". Estou velho demais para cair nessa. E resolvi encarar: dá para confiar nesse que é o único que sabe o que está acontecendo agora?

Achei minha dúvida meio arrogante. Com medo do inferno, voltei para os meus tempos de catecismo em Barbacena, lembrei da criação do homem e concluí: se eu fui feito à sua imagem e semelhança, dá para imaginar como funciona sua cabeça e aonde ele quer chegar com tudo isso. Então dá para confiar (ou ser feliz como dizem seus amigos do Butão na excelente *Trip* # 136).

O táxi chegou. E eu estava tranqüilo. Minha conclusão: não confia quem não tem boas referências de Deus, isto é, não se acha feito à sua imagem e semelhança.

Chega de filosofia, mesmo, que confiar é uma experiência pessoal e intransferível. E vamos fazer a nossa parte: confirmado nosso encontro para falar de sustentabilidade.

Divinas saudações,

Ricardo

ILUSTRAÇÃO **JULIANA RUSSO**

***RICARDO GUIMARÃES**, 56, É PRESIDENTE DA THYMUS. NÃO É DEUS, MAS SABE UMA COISINHA OU OUTRA. SEU E-MAIL É RGUIMARAES@TRIP.COM.BR

lui lui
Para todos os estilos
Biquinis